

CRISTINA APARECIDA OLÍMPIO FERNANDES

**O FUTSAL COMO PROCESSO EDUCATIVO E DE LAZER EM UM
PROJETO SOCIAL NA REGIÃO DO BARREIRO, EM BELO HORIZONTE**

BELO HORIZONTE

2016

Cristina Aparecida Olímpio Fernandes

O FUTSAL COMO PROCESSO EDUCATIVO E DE LAZER EM UM PROJETO SOCIAL NA REGIÃO DO BARREIRO, EM BELO HORIZONTE

Dissertação apresentada ao Colegiado de Pós-graduação em Estudos do Lazer da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos do Lazer.

Linha de pesquisa: Lazer, História e Memória

Orientador: Prof. Dr. Élcio Loureiro Cornelsen
Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais

Belo Horizonte
2016

F363f Fernandes, Cristina Aparecida Olímpio

2016 O futsal como processo educativo e de lazer em um projeto social na região do Barreiro, em Belo Horizonte [manuscrito] / Cristina Aparecida Olímpio Fernandes. – 2016.

113 f., enc.:il.

Orientador: Élcio Loureiro Cornelsen

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional.

Bibliografia: f. 81-85

1.Lazer - Teses. 2. Futebol de salão – Teses. 3. Recreação - Teses. I. Cornelsen, Élcio Loureiro. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. III. Título.

CDU: 796.344

Ficha catalográfica elaborada pela equipe de bibliotecários da Biblioteca da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais.



ATA DA 112ª DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE Mestrado

CRISTINA APARECIDA OLÍMPIO FERNANDES

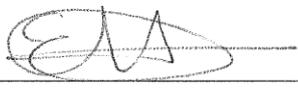
Às 14h00min do dia 05 de agosto de 2016 reuniu-se na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG a Comissão Examinadora de Dissertação, indicada pelo Colegiado do Programa para julgar, em exame final, o trabalho *O futsal como processo educativo e de lazer em um projeto social na região do Barreiro em Belo Horizonte* requisito final para a obtenção do Grau de Mestre em Estudos do Lazer. Abrindo a sessão, o Presidente da Comissão Prof. Dr. Élcio Loureiro Cornelsen, após dar a conhecer aos presentes o teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final, passou a palavra para a candidata, para apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pelos examinadores, com a respectiva defesa da candidata. Logo após, a Comissão se reuniu, sem a presença da candidata e do público, para julgamento e expedição do resultado final. Foram atribuídas as seguintes indicações:

Membros da Banca Examinadora	Aprovado	Reprovado
Prof. Dr. Élcio Loureiro Cornelsen (orientador)	X	
Prof. Dr. José Alfredo Oliveira Debortoli (UFMG)	X	
Prof. Dr. Marcelino Rodrigues da Silva (UFMG)	X	

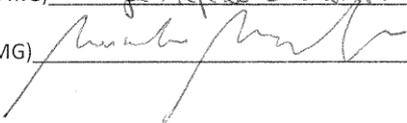
Após as indicações a candidata foi considerada: aprovada

O resultado final foi comunicado publicamente, para a candidata pelo Presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar o Presidente encerrou a reunião e lavrou a presente ATA que será assinada por todos os membros participantes da Comissão Examinadora.

Belo Horizonte, 5 de agosto de 2016.

Prof. Dr. Élcio Loureiro Cornelsen (orientador) 

Prof. Dr. José Alfredo Oliveira Debortoli (UFMG) 

Prof. Dr. Marcelino Rodrigues da Silva (UFMG) 

Dedico este trabalho aos Olímpios, jogadores do futebol de várzea. Ao meu pai Ní, ao meu irmão, aos meus tios, primos, ao meu avô, José Maria Olímpio – Sr. Conde. Obrigada pelas lembranças que permearam esta pesquisa.

AGRADECIMENTOS

Lembrando-me do início da caminhada do mestrado, agradeço, primeiramente, a muitas pessoas que, num breve contato, me fizeram acreditar que este sonho era possível. Não conseguirei nomeá-las, até porque não sei o nome de algumas delas, pois as encontrei rapidamente nas dependências do prédio, como alunos da graduação e funcionários da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional (EEFFTO-UFMG), que, principalmente, quando cheguei “perdida”, vinda das Letras para aquele novo universo de possibilidades, acolheram-me com um “boa sorte! Que bacana! Vai dar certo!” A esses anônimos, tão reconhecidos em meu coração, meu muito obrigada!

Aos pesquisadores e amigos do Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas (GEFUT- EEFFTO-UFMG) e do Núcleo de Estudos sobre Futebol, Linguagem e Artes (FULIA) da Faculdade de Letras – UFMG, agradeço por me acolherem nesses espaços tão ricos em conhecimentos, experiências e pessoas dispostas a receber novos parceiros.

Aos amigos Romilda Aparecida Lopes, e Edwaldo Sérgio dos Anjos Júnior e Raquel Abreu-Aoki, pelo apoio constante desde a elaboração do projeto de pesquisa. À amiga Bárbara Gonçalves Mendes - Bar Barella, pelos muitos momentos prazerosos de conversas, entre muitos assuntos, o nosso time do coração: o Galo, por compartilhar comigo suas experiências como pesquisadora, o que me ajudou muito, e pela parceria no primeiro artigo que escrevi, ufa! Agora, podemos nos debruçar na publicação! À amiga Cristia Miranda, por ter me incentivado a acreditar que o espaço da universidade é para todos, bastando ter determinação.

À minha família, pelo incentivo e pela compreensão por tantas ausências nesse período. Ao meu orientador, Professor Doutor Élcio Loureiro Cornelsen, pela orientação atenciosa e respeitosa aos caminhos que percorri durante a pesquisa.

Ao Professor Doutor Bernardo Borges Buarque de Hollanda, por ter contribuído com tamanha atenção na qualificação do meu projeto de pesquisa. Aos Professores Doutores José Alfredo Oliveira Debortoli, Marcelino Rodrigues da Silva, Luciano Pereira da Silva e Gustavo Cerqueira Guimarães por terem aceito o convite para participar da banca de avaliação. À Cinira, secretária do curso, pelo cuidado, pela paciência e pelo carinho durante todo o processo.

Agradeço à Associação Helil de Amparo à Criança, aos seus gestores, pela receptividade da pesquisa e por permitirem que as portas estivessem sempre abertas

para que ela se concretizasse. Aos educadores companheiros da Oficina de Futsal, Solange da Rocha Marcelo, Estevão da Rocha Marcelo, Leonardo Martins da Silva, Mário Lúcio Utsch Moreira, Edgar Silva dos Anjos, o meu muito obrigada!, pelas palavras de incentivo, pela compreensão nas ausências durante a escrita e por cederem o seu precioso tempo para responder aos questionários. Aos meus lindos educandos da oficina e aos seus pais e responsáveis que os liberaram para as entrevistas, pois sem eles esta pesquisa não teria sido realizada.

À Ação Comunitária dos Moradores do Bairro Novo das Indústrias Adalberto Pinheiro, que gentilmente cedeu-me o material necessário para a pesquisa documental.

Agradeço aos queridos amigos da turma do mestrado, pela parceria em tantos momentos de angústias, de dúvidas, conhecimentos e, principalmente, pela disposição em demonstrar carinho, amizade e incentivo – aspectos que foram fundamentais para que pudéssemos chegar até aqui e com todas as forças dizer: valeu muito a pena! À Michele Dunda, pela atenção durante a escrita e pela revisão final dos textos.

De forma especial, agradeço ao meu marido e companheiro José Fernandes dos Santos, pela presença, pelo companheirismo, pela atenção nas horas mais difíceis, por todas as vezes que me abraçou e perguntou: “E aí, tá conseguindo escrever?”, pela paciência em me responder algumas perguntas do universo do futebol, que eu queria saber não dos livros, mas sim de um praticante. Agradeço por me alertar quando me distraia com alguma coisa e dizia: “Depois você vai escrever sobre isso aí?”, divido com você esta conquista. E, por fim, ao Senhor da Vida, Deus, que me permitiu vivenciar tudo e muito mais que aqui agradeço.

Futebol

Futebol se joga no estádio?

Futebol se joga na praia,

futebol se joga na rua,

futebol se joga na alma,

A bola é a mesma: forma sacra para craques e
pernas de pau.

Mesma a volúpia de chutar na delirante copa-mundo
ou no árido espaço do morro...

Carlos Drummond de Andrade

RESUMO

Este trabalho objetivou investigar e avaliar se a oficina de futsal oferecida em um projeto social, da região do Barreiro, especificamente no bairro Novo das Indústrias, tem conseguido, através de suas práticas pedagógicas, organizar-se como um espaço, que favoreça o processo educativo e de lazer para crianças e adolescentes. A pesquisa pode ser conceituada como de campo, qualitativa e descritiva. As ferramentas empregadas para as ações de campo foram: questionários específicos para os educadores e os gestores, e entrevista semiestruturada para os educandos. Três educadores e dois gestores responderam aos questionários, bem como 8 educandos, compreendendo as idades atendidas pela oficina, de 9 a 18 anos. A região onde o projeto social está inserido é carente de equipamentos de lazer já instituídos. Sendo assim, a pesquisa baseou-se nessa constatação para avaliar se a oficina se constitui em um espaço que supre ou ameniza de alguma forma essa carência. A demanda por vagas na oficina é grande, o que não se constitui uma surpresa, pois o futebol tem um valor significativo na construção da identidade social brasileira, como DaMatta (1982) explora apropriadamente. O futebol é, ainda, um campo das masculinidades, o que proporcionou uma discussão de gênero neste trabalho, tendo como ancoragem teórica o estudo de Goellner (2000). Outra abordagem neste trabalho, diz respeito ao significativo número de crianças, de adolescentes e de jovens que a atividade futebolística atrai, por ter um histórico de promover e de resgatar crianças e jovens em situação de risco social, que se encontram numa corrida incessante na expectativa ou no sonho de tornar-se um ídolo. Para as reflexões e análises foi utilizada a abordagem teórica de Damo (2007). Para a abordagem sobre o lazer, uma das temáticas desta pesquisa, foi utilizada a concepção trabalhada por Gomes (2008). Adaptado do futebol de campo para as quadras, o futsal, ou futebol de salão, é uma modalidade esportiva que tem crescido muito como uma das principais atividades da Educação Física escolar, nos projetos sociais, e o número de escolinhas de futsal tem aumentado bastante. Para descrever e analisar a abordagem educacional, foram utilizadas as teorias de Freire (1996) e Incontri (2004). O projeto social é promovido por uma instituição espírita que não tem como premissa a catequização doutrinária e que tem por objetivo em seus propósitos a intenção de contribuir para a formação de homens de bem. Foi possível constatar que a oficina de futsal tem um valor bem abrangente para os educandos, não só na aprendizagem do esporte, mas também nos diferentes procedimentos de participação que o futebol/futsal, como prática social, vivenciada por eles, abrangendo a convivência, a socialização, o brincar e vários outros aspectos contemplados nesta pesquisa.

Palavras-chave: Projeto Social. Futsal. Lazer. Educação.

ABSTRACT

The main objective of this study was to investigate and assess whether or not the futsal workshop offered by a social action project in the Barreiro area, specifically in the Novo das Indústrias neighborhood (Belo Horizonte-MG) has been able to, through its pedagogical practices, organize itself as an environment conducive to the process of education and leisure for children and adolescents. This study can be conceptualized as a field study, being it both qualitative and descriptive. The tools involved in the field actions were: specific questionnaires for educators and the managers and a semi-structured interview for the educators. Three educators and two managers responded to the questionnaires, as well as 8 students whose ages were according to that set by the workshop (9 to 18 years old). The region where the social action project takes place lacks in leisure facilities already in place. Therefore, the study took this into account in order to assess whether or not the workshop meets the needs of this region. The demand for vacancies in the workshop is huge, which is no surprise. Soccer has a great value in the construction of the social identity of Brazilians, as DaMatta (1982) explores very appropriately. Soccer is still majorly played by males, which has allowed for gender-based discussions in this study, using Goellner's (2000) work as theoretical background. Another approach to this work concerns the significant number of children, adolescents and young adults who are drawn to soccer-related activities, since the sport has been known to promote and rescue children and young adults, who are found to be in a race for or dreams of becoming a soccer idol, from risky, social condition. In order for the reflections and analyses to take place, the theoretical approach proposed by Damo (2007) was used. As for the approach to leisure, one of the themes of this study, the conceptualization proposed by Gomes (2008) was used. Adapted from field to court soccer, futsal or indoor soccer is a sport that has grown to be one of the main activities in school physical education classes and social action projects, not to mention that the number of schools specialized in teaching futsal has increased. In order to describe/analyze the educational approach, the theories proposed by Freire (1996) and Incontri (2004) were used. The social action project is promoted by a spiritualist community that has no interest in preaching its doctrines, having as its main objectives to contribute to the formation of good individuals. It was possible to conclude that the futsal workshop has a very significant value for the students, not only as a means of learning how to play a sport, but also as a social practice and as a means of socialization.

Keywords: Social action project. Futsal. Leisure. Education.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1 – Necessidades mais citadas pelos entrevistados	18
Figura 1 – Regiões Administrativas de Belo Horizonte	45
Figura 2 – Imagem da área de estudo da Vila Alta tensão I e referências do entorno	46
Quadro 1 – Conquistas obtidas através do Orçamento Participativo – OP.....	50
Quadro 2 – Equipamentos públicos que foram contemplados no Orçamento Participativo – (2015/2016)	51
Quadro 3 – Número de Fundações Privadas e Associações sem Fins Lucrativos, segundo a classificação das entidades sem fins lucrativos, Brasil – 2010	54
Quadro 4 – Principais desenvolvimentos típicos na primeira infância e na adolescência ..	67

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
1.1	Justificativa e relevância da pesquisa.....	16
1.2	Lócus da pesquisa.....	20
1.3	Referencial teórico.....	22
1.4	Procedimentos metodológicos.....	24
2	A OFICINA DE FUTSAL E AS POSSIBILIDADES DE AÇÕES PEDAGÓGICAS	27
2.1	Festival de Integração: “– São muitos times professora?”	31
2.1.1	A preparação para o campeonato: “– Aí professor vamos jogar pra ganhar né?”	30
2.1.2	Chegou o dia! Emoções diferentes, novas descobertas e muito aprendizado “– A quadra aqui é grande professora!”	33
2.2	A idealização do ídolo	35
2.3	Futsal, em meio a questões de gênero e de dom	40
3	O PROJETO SOCIAL COMO OPORTUNIDADE DE LAZER	44
3.1	Perspectivas de intervenções públicas	50
3.2	Intervenções não governamentais na comunidade	53
3.3	A oficina de futsal como espaço de lazer	57
4	A OFICINA DE FUTSAL COMO UM DOS MEIOS DE SOCIALIZAÇÃO DA E NA INFÂNCIA E NA ADOLESCÊNCIA	62
4.1	As brincadeiras como oportunidades de lazer e de socialização quando os educandos chegam à Instituição	68
4.2	Algumas práticas de socialização na oficina	73
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	77
	REFERÊNCIAS	81
	APÊNDICE A – Carta de apresentação para a Associação Helil de Amparo à Criança	86
	APÊNDICE B – Termo de consentimento livre e esclarecido para os educadores ..	87
	APÊNDICE C – Questionário de pesquisa – Educadores	89
	APÊNDICE D – Termo de consentimento livre e esclarecido para os gestores	90
	APÊNDICE E – Questionário de pesquisa – Gestores	92
	APÊNDICE F – Termo de consentimento livre e esclarecido para os pais	93

APÊNDICE G – Termo de assentimento (Menores de 18 anos)	95
APÊNDICE H – Roteiro de entrevista semiestruturada	97
APÊNDICE I – Ficha de inscrição e acompanhamento – Associação Helil de Amparo à Criança	98
Anexos	99

1 INTRODUÇÃO

O futebol está presente em minha vida desde a infância, sobretudo o amador, o de várzea, tão disputado nas cidades mineiras interioranas, incluindo a em que nasci, Itabira. Segundo Daolio (1998, p.1),

ao longo da infância, há um contínuo processo de inculcação de valores e hábitos positivos sobre o time da família e negativos em relação às equipes adversárias. Assim se aprende no nosso país a torcer por uma determinada equipe de futebol.

Neste sentido, a definição e a construção da identidade clubística podem sofrer influências da família e da mídia.

Cresci vendo e ouvindo meu pai, tios, primos e avô conversando principalmente nos finais de semana sobre o time, jogadores, quem jogou melhor, a expulsão justa ou injusta, as jogadas e peripécias do futebol. As minhas idas ao campo eram poucas; “campo de futebol é para meninos”, diziam.

Apesar de amador, os jogos eram um compromisso sério para todos, as rivalidades dos times eram demonstradas pelo amor à camisa defendida e pela raça dentro de campo. Aliás, a família, além do envolvimento com o futebol amador, sempre teve uma identidade clubística bem definida pelo Clube Atlético Mineiro, time representante da capital mineira.

Observamos que o futebol no Brasil é um campo das masculinidades, constituindo um importante fator na construção do que é ser homem. Diferentemente do que se considera em alguns âmbitos, o futebol não está dissociado das questões históricas, culturais e até mesmo econômicas do país, e, muitas vezes, vem corroborar a manutenção de construções sociais vigentes, sendo a desigualdade de gênero uma delas.

Há, atualmente, ainda que de forma menos expressiva e legitimada no Brasil, a prática do futebol feminino; mulheres torcedoras que acabam se tornando símbolo para algumas torcidas, o que pode ser observado em vários clubes ao longo da história, entre outras brechas encontradas para que elas pudessem vivenciar o espaço.

“Em futebol o pior cego é o que só vê a bola” (RODRIGUES *apud* PAIVA, 2013). Essa frase do escritor Nelson Rodrigues faz-nos pensar em vários contextos que o universo do futebol pode abranger, questões sociais, políticas, os valores do povo brasileiro, que podem ser analisadas a partir de um jogo de futebol, através dos costumes e da maneira de jogar e torcer.

Aliás, DaMatta (1982, p.25), ao comparar a conceituação do futebol entre as sociedades norte-americana e inglesa, conclui que existe um contraste com a atividade concebida no Brasil. Afirma que

[p]ara americanos e ingleses, o *football*, o *tennis*, o *baseball*, o *soccer*, o *golf* etc. são *sports*; ao passo que, para os brasileiros, a palavra futebol nunca surge sozinha, mas é sempre precedida do qualificativo Jogo. Assim, no Brasil, vai acontecer um 'jogo-de-futebol', o evento foi 'um jogo bom ou ruim'. Não é apenas uma questão de falar de futebol, mas de comentar ou discutir um 'jogo-de-futebol'. (Grifos no original).

Segundo o autor, nesta questão de preceder o qualificativo "jogo" estão inseridas duas ideias: a primeira refere-se ao jogo de azar; a segunda ideia refere-se a uma atividade que necessita de regras, determinação psicológica, "mas também depende das forças incontrolláveis da sorte e do destino" (DAMATTA, 1982, p.25).

Ainda nesse contexto, DaMatta (1982) afirma que, "[...] neste sentido, o futebol praticado no Brasil deve ser visto não só como um esporte, mas também como o jogo de todo um outro conjunto de valores e relações sociais (p.26)."

Há muitos anos o trabalho voluntário faz parte da minha rotina de vida. Tenho aprendido a importância da troca de experiências entre educandos, educadores e gestores das Instituições e que essa troca proporciona um aprendizado fundamental para o crescimento do indivíduo, lidar com as especificidades do trabalho em grupo, com as realidades sociais diferentes tem me proporcionado relativizar a sociedade e tudo aquilo que a compõe.

Essa trajetória foi em algumas Instituições filantrópicas, nos últimos quinze anos, sou educadora social, na Associação Helil de Amparo à Criança e desde 2012, na oficina de futsal.

A prática na Associação fez-me observar e constatar o quanto a oficina de futsal desperta o interesse dos educandos e como eles são motivados pelo futebol, além da paixão pelo esporte que percebo dos mais novos aos mais velhos. Como o bairro é carente de equipamentos instituídos de lazer, a oficina é uma alternativa para eles.

Além disso, observando os comportamentos, as rotinas, a convivência dos educandos não só no momento específico da partida de futsal, percebi o quanto o conjunto de valores por eles expressado poderia ser explorado.

Sendo assim, esta dissertação, que alia as temáticas lazer, futebol e educação, tem como objetivo central avaliar se a oficina de futsal oferecida por um projeto social, da região do Barreiro, especificamente no bairro Novo das Indústrias, tem conseguido, através de suas práticas pedagógicas, organizar-se como um espaço que favoreça um processo educativo e de lazer para as crianças e os adolescentes.

Couto e Couto (2011, p.82) afirmam que

[...] os projetos têm como diferencial a ação contínua e pontual, focalizada diretamente no desenvolvimento humano, que pode ser compreendido em sua magnitude como um processo de ampliação da gama de opções e oportunidades e capacidades.

Portanto, é importante que os processos educativos proporcionem oportunidade em que os educandos possam descobrir suas potencialidades, levando-se em consideração que todo ser humano traz em si um potencial e uma capacidade de aprendizado.

Ao analisar o lazer a partir da perspectiva dos autores Isayama e Gomes (2008, p.155-156), compreendemos que, através de práticas bem orientadas, podemos proporcionar aos educandos vivências que possibilitem uma maior compreensão sobre o seu papel nos âmbitos da família, escola e sociedade como um todo, bem como uma participação crítica acerca dos conflitos que os circundam:

Neste texto, o lazer é compreendido como uma dimensão da cultura, tempo e espaço para a vivência lúdica de conteúdos culturais em patamares críticos e criativos, o que caracteriza como uma esfera abrangente, que tem profundas relações com o trabalho, com a educação e com a família, dentre outras dimensões da vida. É por isso que o consideramos um dos elementos fundamentais para a melhoria da qualidade de vida dos sujeitos (ISAYAMA; GOMES, 2008, p.155-156).

Nessa compreensão do lazer, apreendemos a importância de estruturarmos o trabalho para valorizarmos os sujeitos e atendê-los em suas demandas. Para isso, torna-se fundamental entendermos as fases diferentes de vida em que estão inseridos com expectativas, necessidades e saberes próprios.

Com relação à fase juvenil, os autores Isayama e Gomes (2008, p.161) apontam o seguinte:

O tema identidade aparece, assim, como importante já que esta fase é caracterizada como de 'transição', pois nela se gesta um vir-a-ser e, ao mesmo tempo, uma construção do presente, tendo em vista a superação da infância. Nesse sentido, é importante frisar que a dimensão da cultura, e consequentemente do lazer, surge como espaço privilegiado de práticas, representações, símbolos e rituais no qual os jovens buscam demarcar uma identidade juvenil. Através da dança, da música, da festa e de diferentes manifestações culturais, o jovem se expressa e se insere no mundo, (re)elaborando-o.

A fase da adolescência é marcada por mudanças corporais e uma eclosão de sentimentos que podem manifestar-se de forma intensa, mas é preciso não rotular essa fase como um período de total transtorno para o adolescente, muitos passam por ele de forma menos intensa.

Acresce também que, nessa fase, o jovem pode tornar-se mais vulnerável às situações de seu cotidiano, como, por exemplo, à necessidade de autoafirmar-se, envolvendo-se em determinados grupos de comportamentos de riscos sociais, como forma de criar uma identidade aceita pelo grupo. A maioria dos jovens atendidos pelo projeto social da região em estudo está inserida no contexto dos riscos sociais, principalmente com relação ao tráfico de drogas e à violência doméstica.

Sendo o futebol o esporte mais popular do Brasil, podendo ser a ele atribuído um fator de construção de identidade, conforme aborda o Presidente da Fundação Municipal de Cultura, “a diversidade de protagonistas foi responsável pela construção histórico-social do esporte, que, em pouco tempo, se popularizou, tornando-se uma das grandes paixões brasileiras e elemento forte de identidade nacional (OLIVEIRA, 2013, p.7).”

Ao considerarmos o alto índice de demanda que os projetos dessa natureza têm para essas oficinas, podemos tê-los como um excelente instrumento de formação humana, isso desde que a proposta das oficinas nos projetos sociais não contemple apenas o processo funcional, do aprender a chutar, a dominar e controlar a bola e a jogar nas diferentes posições.

Nesse processo de compreensão mais ampla das possibilidades do trabalho com jovens através do futebol ou futsal, podemos, através de ações pedagógicas, abordar temáticas contemporâneas com o grupo, como, por exemplo, a violência na sociedade e os reflexos no futebol, a formação do torcedor, a necessidade do trabalho em equipe, criar e manter laços de amizade, entender as diferenças, superar preconceitos, respeito ao companheiro de equipe e ao adversário, além de criarmos oportunidades também para que possam vivenciar o senso crítico.

Para isso, deve-se ter como referência os aspectos básicos que norteiam o jogo, como regras, normas, disciplina, e compromissos com horários estabelecidos.

Na prática, as crianças e os adolescentes têm tido muito interesse pela oficina de futsal oferecida pelo projeto da Associação Helil de Amparo à Criança. *Mas, será que essa oficina tem explorado realmente todo o potencial que o universo do futebol pode oferecer? Como instrumentalizar melhor os monitores para um trabalho fundamentado na valorização do ser humano? É um grande desafio tentar responder a essas perguntas tendo em vista, principalmente, a diversidade de educadores em projetos sociais.*

Para tanto, o ideal é que esses educandos reconheçam nesses espaços uma oportunidade de lazer, convivência com outras crianças e outros adolescentes da mesma região e até de outros bairros, além da aprendizagem e/ou aperfeiçoamento do jogar.

Desse modo, diante do que foi exposto, pergunta-se: *Como o ensino do futsal pode contribuir para o processo educativo no projeto social que será estudado? Será a oficina de futsal uma experiência de lazer para as crianças e os jovens que a frequentam? Quais os valores sociais que essa oficina abarca?*

Como apontado anteriormente, esta dissertação visa, em seu objetivo geral, avaliar se a oficina de futsal oferecida em um projeto social da região do Barreiro, especificamente no bairro Novo das Indústrias tem conseguido, através de suas práticas pedagógicas, organizar-se como um espaço que favoreça o processo educativo e de lazer para as crianças e adolescentes.

Por sua vez, os objetivos específicos deste estudo são:

- Identificar quais os princípios que orientam a Instituição para o oferecimento da oficina;
- Analisar os recursos pedagógicos que são utilizados na oficina;
- Inferir a importância do espaço para as crianças e os adolescentes;
- Debater as possibilidades do processo de ensino e aprendizagem através da oficina de futsal.

1.1 Justificativa e relevância da pesquisa

É relevante, para melhor situar o contexto desta pesquisa, tecer comentários em torno do contexto ao qual esta proposta de investigação se vincula. A região do Barreiro, segundo a lei nº 7.412, sancionada pelo então prefeito Patrus Ananias, foi alçada à condição de Distrito de Belo Horizonte. Essa porção territorial da capital mineira, cuja história data de meados do século XIX, tem cerca de 262.194 habitantes (IBGE, 2010).

O Barreiro, cuja denominação deriva da antiga Fazenda do Barreiro, de propriedade do então Coronel Damazo da Costa Pacheco, possui, atualmente, 54 bairros e 18 vilas, subdividas em 5 sub-regiões, apresentando 53,58 quilômetros quadrados de extensão territorial. Dentre os bairros dessa região, encontram-se o Bairro Novo das Indústrias, que, segundo dados presentes no Portal BH¹, apresenta aproximadamente 4.614 moradores, e o Barreiro, cuja população chega a quase 9.243 habitantes.

Parte da região compreendida pelos Bairros Barreiro de Baixo e Barreiro de Cima contempla um significativo comércio local, com muitos estabelecimentos varejistas.

¹ Disponível em: <<http://portalpbh.pbh.gov.br/>>. Acesso em: 2 jul. 2016.

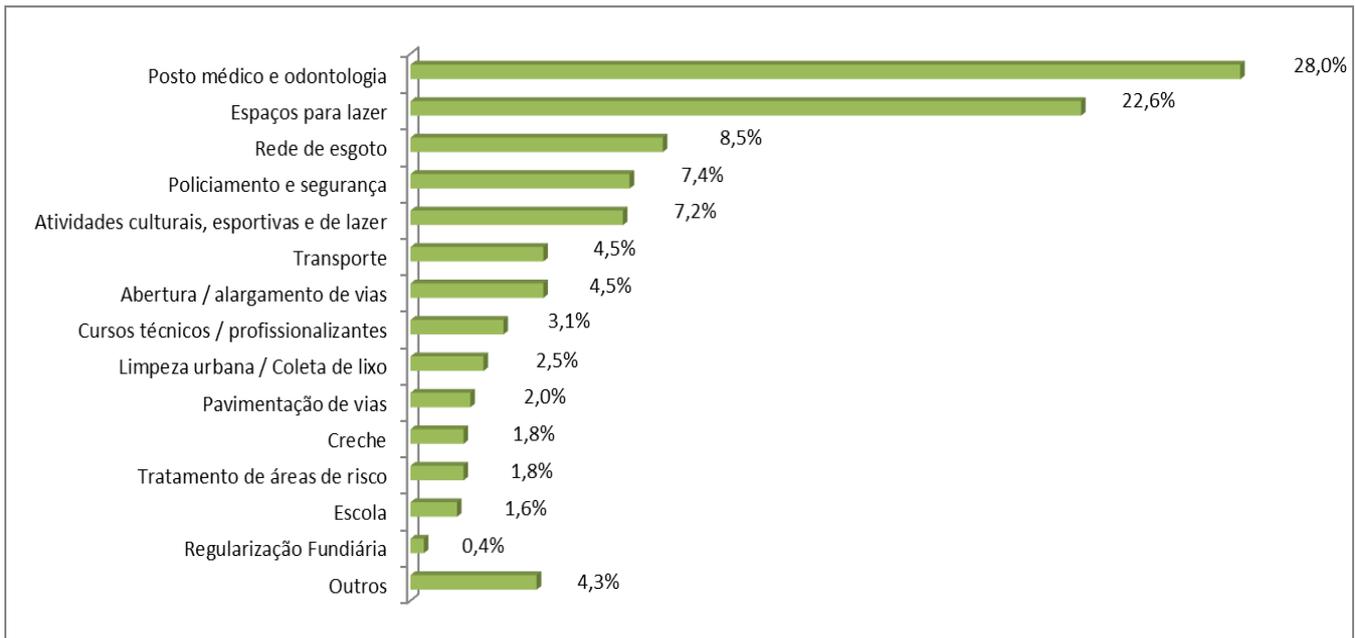
Já o Bairro Novo das Indústrias apresenta esse topônimo, ao que tudo indica, face ao grande número de indústrias, dentre as quais se destaca a então *Mannesmann*, hoje *Vallourec Tubos do Brasil S.A*, que se instalaram na região. Entretanto, a despeito de a região ser reconhecida pelas indústrias que abriga, sendo hoje 380, no total, segundo o Portal BH, o contexto socioeconômico do bairro é, em alguma medida, marcado ainda, sobretudo na parte baixa do bairro, por uma situação delicada do ponto de vista socioeconômico, com presença constante de conflitos em torno do tráfico de drogas, crimes e pobreza.

Aliás, uma pesquisa de 2012, realizada junto aos moradores do bairro, pela Prefeitura de Belo Horizonte, é reveladora para atestar a situação de carências ressentidas por parte de seus habitantes. Das cinco demandas mais explícitas, eis que emerge o policiamento, no fundo a segurança, como uma das pedras de toque, ao lado da constatação de haver problemas estruturais, como a questão das redes de esgoto.

Entretanto, chama a atenção que, dentre as necessidades mais citadas pelos participantes da investigação, a questão do lazer ganha significativa centralidade no imaginário dos moradores, tal como se vê no gráfico 1, abaixo, extraído do diagnóstico, do Plano Global Específico – PGE, realizado pela Prefeitura de Belo Horizonte, através da Companhia Urbanizadora e de Habitação de Belo Horizonte – URBEL.

Cabe ressaltar que o Plano Global Específico (PGE) é um instrumento de planejamento que norteia as intervenções de reestruturação urbanística, ambiental e de desenvolvimento social nas vilas, favelas e conjuntos habitacionais populares. Ele consiste em um estudo aprofundado da realidade dessas áreas, considerando os aspectos urbanístico, socioeconômico e a situação jurídica do terreno. O objetivo principal do PGE é apontar os caminhos para a melhoria da qualidade de vida nesses locais e integrá-los ao conjunto da cidade.

Gráfico 1 – Necessidades mais citadas pelos entrevistados



Nota: O percentual somado das necessidades é superior a 100%, uma vez que cada entrevistado pôde fazer até três indicações.

Fonte: Prefeitura de Belo Horizonte (URBEL/PGE), 2012.

É curioso notar, no gráfico supracitado, que não só há uma demanda por espaços de lazer, mas também por atividades, o que é revelador para se questionar políticas urbanas que dotam localidades de espaços de lazer, sem, contudo, estimular o protagonismo da sociedade civil ou envidar esforços em prol do uso desses espaços mediante vivências de lazer. Embora haja três centros culturais na região, três centros esportivos, uma quadra e um campo, além de três parques, a disposição desses equipamentos de lazer parece ser insuficiente para atender a uma clientela composta por quase 270.000 habitantes.

Além disso, no diagnóstico desenvolvido pela PBH, anteriormente citado, observa-se um traço marcante da região, as vulnerabilidades sociais, que é apontado da seguinte forma por duas diretoras de escolas da região:

[...] Segundo a direção da escola, a comunidade é vista como uma população de baixo poder aquisitivo, carente, cujas famílias quase sempre apresentam pais ausentes por questão do trabalho. Um dos desafios apresentados pela direção é melhorar a qualidade de ensino da escola (URBEL – PGE – 2012, não paginado).

[...] A diretora aponta como desafio para a escola a questão da violência, drogas, álcool e pequenos delitos que refletem nos alunos e também no desenvolvimento da escola para articular novas ações pedagógicas e ações sociais (URBEL – PGE – 2012, não paginado).

Como se vê, as falas das diretoras das escolas José Miguel do Nascimento e Padre Botelho demonstram que a realidade social da comunidade interfere no processo de ensino aprendizagem.

Abaixo, citamos a conclusão do Plano Global Específico – PGE, sobre a oferta de serviços de esporte, lazer e cultura na região:

Em síntese, com relação aos serviços de esporte, lazer e cultura identifica-se uma precariedade da oferta de espaços destinados a estas atividades, tanto na vila quanto em seu entorno. De acordo com as entrevistas realizadas na pesquisa qualitativa, juntamente com o levantamento de dados secundários, é possível observar que o Centro Esportivo Milionários possui boa condição dos equipamentos, com oferta de várias atividades esportivas. Entretanto, analisando a percepção dos entrevistados a respeito dos serviços de esporte, identifica-se que tal equipamento não atende as demandas da comunidade de forma efetiva. Ressalta-se que o equipamento se localiza no entorno da vila e atende a um público oriundo de várias localidades. (URBEL – PGE – 2012, não paginado)

Diante da conclusão sobre a oferta precária de serviços de esporte, lazer e cultura na região, cabe aqui uma reflexão: *Será que a prática de lazer está condicionada apenas aos equipamentos já instituídos?*

Diante de uma realidade social em que os investimentos do poder público em ações preventivas para a resolução ou minimização dos riscos sociais e a redução das vulnerabilidades tem sido insuficiente nos bairros de periferia, podemos constatar que a exposição de adolescentes e jovens ao tráfico de drogas e à violência está muito presente na região do Barreiro, em Belo Horizonte.

Nesse cenário, é possível perceber que a comunidade estudada é muito carente de intervenções educativas, de atividades coletivas de cidadania, e de propostas de socialização, o que nos leva a alguns questionamentos: *O projeto instaurado na região tem contribuído de alguma maneira para a mudança desse quadro? Ele de fato cumpre um papel social?*

Tendo em vista que a região apresenta um grau acentuado de risco e vulnerabilidade social e uma precariedade dos equipamentos e espaços de lazer, os projetos sociais tornam-se espaços importantes e de referência para a comunidade como ambientes de socialização, aprendizagens e possibilidades de ampliar as expectativas e valores de vida. Considera-se que os projetos sociais, ao promoverem a vivência do lazer, não deverão somente a ele imputar a responsabilidade de promoção social, pois foi a partir dos resultados de diferentes investigações científicas, estruturadas e desenvolvidas por diferentes autores, especialmente nas últimas décadas, que o lazer passou a ser reconhecido como importante ferramenta, mas não a única, capaz de promover uma melhoria de vida significativa para os cidadãos através do fomento à promoção do desenvolvimento social, econômico e cultural.

Sendo o futsal um atrativo muito significativo para os jovens, o que é possível comprovar através da significativa procura espontânea pela oficina, ele poderá tornar-se um grande motivador e aglutinador, atuando como um meio e não apenas como o único

fim, para o incentivo ao processo educativo e de lazer nas comunidades. Mas, para uma maior eficiência das propostas educativas, é necessária, dentre outras coisas, uma compreensão das inúmeras possibilidades que o universo do futebol traz para um processo mais significativo de aprendizagem.

Dessa forma, a pesquisa proposta torna-se relevante, pois poderá oferecer às instituições dados para uma reflexão quanto ao seu trabalho nas oficinas, quanto às práticas pedagógicas e às várias perspectivas possíveis de se trabalhar através do ensino do futsal.

1.2 Lócus da pesquisa

Couto e Couto (2011, p.81), ao delimitarem a noção de projeto social, afirmam que “[...] é a unidade operacional que vincula recursos, atividades e produtos, durante um período determinado e com uma localização definida, para resolver problemas ou necessidades de uma determinada população.”

Diante do quadro exposto ao longo da justificativa, algumas ações ligadas a movimentos sociais, organizações não governamentais, instituições religiosas e instituições privadas tem minimizado um pouco essa carência.

O objeto de nossa pesquisa é a Associação Helil de Amparo à Criança,² uma entidade jurídica de direito privado, apolítica, sem fins lucrativos, de duração indeterminada, de caráter espírita, educacional e filantrópico, voltada para a assistência social da comunidade em que se encontra. Foi fundada em 07 de maio de 1983. Sua sede localiza-se na Rua Joel José de Carvalho, 449, no Bairro Novo das Indústrias.

Tal associação atende em média cerca de 70 pessoas mensalmente, entre crianças, adolescentes, jovens e adultos, oferecendo as seguintes atividades de cultura e lazer:

- Oficina de futsal;
- Oficina de culinária (oferecido para adolescentes);
- Oficina de brincar;
- Oficina de flauta;
- Grupo da sopa (distribuição quinzenal de sopa na sede da associação);

² A Instituição foi fundada com o objetivo de proporcionar uma assistência promocional que contemplasse o crescimento, bio-psíquico-sócio-espiritual tanto da comunidade do entorno da Instituição quanto para os jovens trabalhadores voluntários da mocidade espírita o Precursor da União Espírita Mineira – UEM. O trabalho foi denominado Clube do Pequeno Trabalhador Professor Cícero Pereira. Além de noções de cidadania, religião e família, foram implantadas oficinas de artesanato, pintura, tricô, tapeçaria, manicure e outras.

- Projeto enxovalzinho (confeção e distribuição de um kit enxoval de bebês para jovens grávidas), sendo que a produção do enxoval é realizada na própria associação por voluntárias moradoras do Bairro Novo das Indústrias e também de bairros vizinhos;
- Oficinas diversas como: artesanatos variados; sabonete artesanal; desenho;
- Evangelização Espírita Infantojuvenil.³

Para atender a comunidade com os projetos de cultura e lazer, a associação conta com uma pequena quadra de esportes, salas de atividades infantis e de estudo, cozinha (cantina), banheiros, sala de costura e secretaria. A gestora da Associação Mariana Borges de Andrade informou que a instituição vem buscando parceria com a Prefeitura de Belo Horizonte para ampliação de recursos, com a finalidade de expansão e melhorias da estrutura física do local. Ainda segundo a gestora, todos os usuários do projeto são moradores do Bairro Novo das Indústrias. Informa ainda que as atividades da associação foram se adequando à nova realidade do bairro. Quando criada, a associação funcionava como creche, distribuía cesta básica, sopa e cobertores (URBEL – PGE – 2012).

Entretanto, com a melhoria de poder aquisitivo dos moradores do bairro com o passar dos anos, não fazia mais sentido continuar apenas com essas atividades de assistência.

Por sua vez, a oficina de futsal, objeto do presente estudo, foi criada em 2009, é oferecida aos sábados, pela manhã, das 8h30 às 10h00, quando os educandos chegam, tomam café, e participam de um momento de orientação cristã, e das 10h00 às 12h00 é o período destinado à prática esportiva.

A associação oferece 25 vagas para a Oficina de futsal, destinadas a crianças e adolescentes na faixa etária de 9 a 18 anos. No momento em que a pesquisa foi realizada, a oficina contava com 20 educandos frequentes, todos residentes em ruas próximas à Instituição, sendo que a turma era composta somente pelo sexo masculino. As demandas da turma são várias, peculiares à faixa etária juvenil dos educandos e ao contexto social no qual estão inseridos, como: atitudes que demonstram muitas incertezas, problemas de envolvimento com drogas, atitudes de indisciplina e falta de respeito para com os colegas são demandas recorrentes.

³ “Na Instituição Espírita, a atividade de Evangelização abrange as aulas de evangelização espírita, momento especial de convivência, aprendizado, reflexão, compartilhamento de experiências e construção de vínculos de amizade e de fraternidade entre as crianças e jovens frequentadores.” Federação Espírita Brasileira – Disponível em: <diij.feb.org.br>. Acesso em: 11 jul. 2016.

Os educadores da Oficina de futsal são voluntários da Instituição, a equipe é formada por 3 homens e 2 mulheres com perfis diversificados. Vejamos algumas características:

As 2 mulheres sendo uma delas eu a pesquisadora, que em alguns momentos da pesquisa o lugar de observadora crítica confundia-se com a educadora do dia a dia acostumada com a rotina da oficina. Durante o trabalho para garantir o sigilo da pesquisa serão chamadas de E3 e E4, são casadas, professoras, e tem como formação acadêmica Pedagogia e Letras; dentre os homens, identificados aqui como E1, E2 e E5, dois são casados e um, solteiro, com formação acadêmica diversificada: um deles é graduado em Filosofia, um em Economia, e o outro é estudante de Fisioterapia.

Um estudo dessa natureza, que leva em consideração os pontos de vista de educadores e de educandos, mediante as discussões elaboradas, revela tanto a precariedade dos espaços e de equipamentos de lazer, quanto a constatação de que a comunidade tem poucas opções, o que torna as atividades oferecidas pelo projeto social em questão uma alternativa de vivências de lazer, cultura e socialização.

Sobre a socialização dos jovens, podemos considerar que

[...] a turma de amigos é uma referência na trajetória da juventude: é com quem fazem os programas, 'trocam ideias', buscam formas de se afirmar diante do mundo adulto, criando um 'eu' e um 'nós' distintivos (DAYRELL, 2007, p.1111).

Nesse sentido, em termos de socialização para além do círculo de amizades, o futsal traz-nos um universo amplo que pode ser explorado nas oficinas, como a discussão sobre a violência dentro e fora dos estádios, o sonho dos educandos em se tornar também craques, a questão dos ídolos, e vários outros aspectos. *Mas, quais os aspectos desse universo que podem ser associados à realidade social dos educandos da região? E como torná-los efetivamente um instrumento educativo?*

1.3 Referencial teórico

Os aportes teóricos utilizados para levar a efeito a discussão sobre futebol, tema inerente à discussão dos projetos sociais abarcados por esta pesquisa, se pautam, principalmente, pelas seguintes produções: Futebol: paixão e Política, organizado por Paulo César Rodrigues Carrano (2000), que reúne textos de pesquisadores que estudam o futebol nacional nas mais diferentes dimensões e possibilidades de discussões, outra contribuição para a discussão do futebol é a obra de Hilário Franco Jr., *A dança dos deuses* (2007), na qual o autor fala sobre os diferentes usos políticos do futebol seja por regimes autoritários ou democráticos. Ademais, a obra desse autor apresenta uma

reflexão em torno dos sentidos ocultos em toda a ritualização do mundo esportivo, nos nomes dos times, nas cores das camisas, nos escudos, para examinar a fascinação que o esporte exerce; Já para compreender os significados e maneiras de representação simbólicos contidos no futebol recorrer-se-á a perspectiva de Roberto DaMatta em *Universo do futebol* (1982).

Sobre o futsal ou futebol de salão, temática também desta pesquisa, a obra de Ricardo Lucena Ferreira, *Futsal e a iniciação* (1994), será muito importante, considerando-se que a referida obra aborda questões bem peculiares do futsal, como regras, táticas, e ainda traz um resumo histórico sobre essa modalidade esportiva. Ferreira (1994, p.1) afirma que

[...] as primeiras regras surgidas foram fundamentadas no futebol, basquete, handebol e polo aquático pelo professor Juan Carlos Ceriani da ACM de Montevideo, com o objetivo de ordenar a prática do futebol de salão durante as aulas regulares de educação física.

Na referida obra, o autor aborda também os temas da criança, do movimento e do esporte, assim como da educação psicomotora. Estabelece, ainda, a importância do conhecimento por parte dos educadores sobre esses assuntos, para o melhor aproveitamento e desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem da atividade física, assim como todos os outros recursos que podem ser desenvolvidos através da prática do futsal, como as atividades coletivas.

Por sua vez, Rogério da Cunha Voser, na obra *Iniciação ao futsal: abordagem recreativa* (1999), também traz questões muito interessantes sobre o futsal numa abordagem recreativa, o que será discutido também quando investigarmos se as oficinas de futsal constituem-se num espaço de lazer para os educandos e as possibilidades do trabalho recreativo nas oficinas.

Já para tratar das relações entre juventude e lazer, utilizar-se-á o capítulo de Isayama e Gomes, O Lazer e as fases da vida, contido no livro de Marcellino, Lazer e Sociedade: múltiplas relações (2008) haja vista que os autores asseveram que o lazer “surge como espaço privilegiado de práticas, representações, símbolos e rituais no qual os jovens buscam demarcar uma identidade juvenil” (2008, p.161-162); José Guilherme Cantor Magnani também é uma referência para o presente estudo, pois, no ensaio Os circuitos dos jovens urbanos (MAGNANI, 2005), se dedicou, entre outros aspectos, a estudar os jovens e suas práticas culturais e de lazer, redes de sociabilidade e relações de troca (e também conflito) no contexto urbano de uma grande metrópole, a cidade de São Paulo.

Para abarcar a temática da experiência de lazer dos jovens de periferia, este estudo busca sustentação em alguns estudos já desenvolvidos sobre a temática, como, por exemplo, de José Guilherme Cantor Magnani, em sua obra *Festa no Pedaço* (1984), em que o autor aponta para aspectos relacionados às formas de vivenciar o lazer por parte dos moradores da periferia da cidade de São Paulo, destacando entre elas a partida de futebol das manhãs de domingo, as festas de aniversário e casamento, entre outras atividades.

Uma pesquisa importante utilizada para essa discussão foi também a dissertação de Mestrado elaborada por Eliene Lopes Faria, intitulada *A aprendizagem da e na prática social* (2008), que, como o próprio subtítulo indica, teve como objetivo realizar *um estudo etnográfico sobre as práticas de aprendizagem do futebol em um bairro de Belo Horizonte*.

Além disso, para melhor compreender o universo dos jovens, este estudo buscará referências no âmbito da Sociologia, como, por exemplo: Angelina T. Peralva, no ensaio *O jovem como modelo cultural* (1997), que considera a juventude, ao mesmo tempo, uma condição social e um tipo de representação; Juarez Dayrell, no ensaio *O jovem como modelo social* (2003), que entende o jovem como um sujeito social, uma vez que para este autor o jovem é ser singular, que tem sua própria história e uma forma específica de interpretar o mundo e de dar sentido a ele. A discussão em torno da educação formal e não formal e o educar social ficaram a cargo da leitura de Maria da Glória Gohn, na obra *Educação não formal e o educador social: atuação no desenvolvimento de projetos sociais* (2010).

1.4 Procedimentos metodológicos

Esta pesquisa, na medida em que se constitui a partir de uma abordagem preponderantemente qualitativa, se preocupa em apreender o mundo dos significados, valores, atitudes, isto é, a busca pela compreensão de uma esfera mais profunda de relações, de fenômenos humanos muitas vezes impossíveis de serem captados por intermédio de equações ou estatísticas.

De acordo com Maingueneau (2000, p. 95), esse tipo de pesquisa “compreende um conjunto de práticas interpretativas, mas não privilegia qualquer tipo de metodologia, inexistindo teoria ou paradigma que lhe seja próprio”. Caracteriza-se pela utilização de vários tipos de métodos científicos, como, por exemplo, a semiótica, a análise do discurso e também estudos empíricos, como o estudo de caso, a experiência

pessoal, a história de vida, entrevistas, observação participante e análise de documentos como fotografias e relatos de campo, conforme ressalta Morin (2003), visando a compreender “as ligações, as articulações, as solidariedades, as implicações, as imbricações, as interdependências, as complexidades” (MORIN, 2003, p.29).

Posto isso, esta investigação se fez valer, em primeiro lugar, de uma pesquisa bibliográfica, realizada a partir do estudo de livros, artigos publicados em periódicos e também de outros materiais, tais como dissertações e teses relacionadas com as temáticas centrais investigadas no decorrer de todo o estudo.

Com a pesquisa bibliográfica pretendeu-se sistematizar conceitos e temas importantes para qualificar a produção de conhecimentos sobre lazer, futebol, educação, projetos sociais e jovens. Vale ressaltar que a pesquisa e a revisão bibliográfica ocorreram durante todo o processo de investigação.

Após esta revisão de literatura, como forma de subsidiar a análise, optou-se também pela consulta a dados primários e secundários,⁴ principalmente aqueles relativos aos projetos sociais, bem como estatísticas de implementação desses projetos, dos resultados que têm sido alcançados e números de pessoas atendidas pelos programas e oficinas de futsal.

Para se aproximar do campo e captar as vivências dos jovens nas oficinas de futsal, a pesquisadora valeu-se de um registro minucioso das ocorrências de campo em um caderno de notas, que, associado ao uso de fotografias, para anotação de conversas informais com agentes estratégicos e interação com o público estudado, fazendo uso, portanto, dos preceitos da observação participante. Essa forma de estar em campo é entendida por Marconi e Lakatos (2006, p.196) como “a participação real do pesquisador com a comunidade ou grupo. Ele se incorpora ao grupo [...]. Fica tão próximo quanto um membro do grupo que está estudando e participa das atividades normais deste.”

Para a amostragem foram selecionados 8 educandos dos 20 que estavam frequentes, para garantir o sigilo da pesquisa serão chamados de P1,P2,P3,P4,P5,P6,P7 e P8 totalizando uma percentagem de 40%; o critério para essa amostragem qualitativa foi selecionar educandos de todas as faixas etárias atendidas pelo projeto, já que atende a crianças e adolescentes. Sendo assim, foram selecionadas para o presente estudo 4 crianças de 9 a 12 anos e quatro adolescentes de 14 a 18 anos, o que possibilitou a

⁴ Segundo Andrade (1993), a pesquisa em fontes primárias baseia-se em documentos originais, que foram coletados pela primeira vez pelo pesquisador para a solução do problema, podendo ser coletados mediante entrevistas, questionários e observação, ao passo que os dados secundários são aqueles que já se encontram à disposição do pesquisador.

análise de algumas particularidades decorrentes das respectivas faixas etárias. A principal finalidade das entrevistas foi conhecer com mais profundidade as experiências locais, observadas em campo, que relacionam as temáticas lazer e futebol, e a participação do jovem de modo coerente com os saberes enfatizados, analisando os elementos comuns e diferenciados dessas experiências. Os depoimentos foram gravados, transcritos e traduzidos as partes mais relevantes para a pesquisa com a concordância dos voluntários entrevistados.

Por sua vez, a escolha pela entrevista semiestruturada deu-se por esta permitir maior liberdade e espontaneidade ao entrevistado e ao entrevistador, possibilitando remodelar os questionamentos básicos e acrescentar outros à medida que são recebidas as informações do informante, de forma a enriquecer a investigação (TRIVIÑOS, 1987).

Com a finalidade de complementar a natureza da investigação, o tratamento e a análise de todos os dados coletados nas entrevistas semiestruturadas, baseados na Análise do Discurso. De acordo com Orlandi (2000, p.34), diferindo da Análise de Conteúdo, "essa nova prática de leitura consiste em considerar o que é dito em um discurso e o que é dito em outro, o que é dito de um modo e o que é dito de outro, procurando escutar o não dito naquilo que é dito, como uma presença de uma ausência necessária".

2 A OFICINA DE FUTSAL E AS POSSIBILIDADES DE AÇÕES PEDAGÓGICAS

Sendo a Associação Helil de Amparo à Criança uma entidade de caráter educacional e filantrópico, está inserida como um centro educativo possível de proporcionar aprendizagens e saberes na chamada “educação não formal”, o que Gohn (2010, p.16) caracteriza da seguinte forma: “a educação não formal é aquela que se aprende ‘no mundo da vida’, via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivos cotidianos.” Ainda segundo a autora, esses espaços compartilham as trajetórias de vida dos grupos e indivíduos, isso ocorrendo fora das escolas, em ambientes informais, onde os processos interativos são intencionais. Na pesquisa realizada, a gestora G1, da Associação, quando perguntada sobre a principal motivação da Casa para manter as atividades com as crianças e jovens, deu-nos uma noção da intencionalidade a que se refere Gohn:

Oferecer às crianças e adolescentes uma atividade que contribua para sua educação integral, considerando-os sujeitos bio-psico-socio-espirituais em desenvolvimento, portanto, carentes de estímulos mais amplos que os puramente cognitivos, mas que ampliem a cultura, a experiência com uma forma de lazer saudável, a convivência com a diferença. Além disso, percebemos que nós, voluntários, recebemos muitos estímulos na convivência com os educandos ao participar com eles das atividades. Isso também nos motiva, pois acreditamos que as trocas enriquecem as experiências pessoais tanto de educandos quanto de educadores.(G1)

A metodologia de uma oficina é proporcionar ao educando oportunidades de vivências em que possa dialogar, trocar experiências cotidianas, expor suas perspectivas de vida, refletir acerca de sua participação na escola, família e na comunidade em que está inserido. Entende-se, assim, que estamos construindo um processo formativo que busca o desenvolvimento nas múltiplas dimensões do ser humano: social, física, intelectual e afetiva.

Neste ambiente de educação não formal, caso os educadores e os gestores estejam atentos, pode-se ampliar o potencial de aprendizagem dos educandos pela maior flexibilidade de ação e de conteúdos, para alcançar os objetivos que, segundo (GOHN, 2010, p.19), “não são dados *a priori*, eles se constroem no processo interativo, gerando um processo educativo”. É um grande desafio buscar práticas pedagógicas que visem à educação integral do ser humano e à vivência que Paulo Freire evidencia da seguinte forma: “Saber ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (FREIRE, 1996, p.47). Isso ocorre, principalmente, porque muitas vezes reproduzimos nos espaços não formais de educação as tendências pedagógicas das escolas de educação formal, que tem como principal

característica o cumprimento de conteúdos previamente demarcados e regulamentados por lei, organizados segundo diretrizes nacionais. Conseqüentemente, as ações se tornam contraditórias e confusas, porque são estruturas e objetivos que, embora tenham uma interseção, são diferentes.

Um exemplo dessa reprodução é o rigor que nem sempre deixa aflorar o potencial do educando, por torná-lo ouvinte passivo, estático e exigindo sempre um bom comportamento, no sentido de aceitar as imposições e as regras sem discutir ou refletir o processo, essas exigências ficam às vezes mais evidenciadas por um preconceito muito comum que atribui às crianças e aos adolescentes que residem em espaços de vulnerabilidade social um perfil muito acentuado de rebeldia, de violência e de insubordinação. Portanto, agem como se nos ambientes de classes sociais mais bem favorecidas não existissem problemas de ordem disciplinar.

Aqui surgem algumas questões: o que é a indisciplina? Em quais parâmetros de comportamentos a indisciplina está balizada? O olhar preconceituoso e rotulador com relação à indisciplina, na maioria das vezes, faz com que o educador não veja, não respeite e não identifique o potencial positivo dos educandos, que, por sua vez, não se sentem acolhidos em seu modo de agir e de manifestar-se. Várias ações caracterizadas como agressivas e indisciplinadas são, na verdade, o manifestar-se querendo o olhar de atenção ou dizendo: “não estou entendendo desta forma, pode mudar?” Mesmo porque a conceito de indisciplina é susceptível a múltiplas interpretações. Esse olhar faz com que se considere a necessidade de uma rígida disciplina que, muitas vezes, não torna o processo de aprendizagem libertador, uma vez que tem uma preocupação excessiva com o processo civilizador. Alves e Camargo (2015, p. 15), ao relatar a experiência em um projeto social através de uma oficina de futebol com moradores de rua, a maioria viciada no uso de drogas variadas, faz menção à questão social:

Para nós, o processo educativo só faz sentido se for libertador, e acreditamos que as pessoas nunca estão prontas. Por isso, a condição de vulnerabilidade social não representa um impedimento para o trabalho socioeducativo, mas um rico desafio, na medida em que o potencial de mudança se mostra durante as atividades.

Independente da condição social, o que deve ser relevante é o desejo e a potencialidade de mudança manifestada pelo educando.

Durante a pesquisa, procurei observar como a instituição lida com a ideia muito comum em projetos do terceiro setor, de que o esporte tem um caráter salvacionista para crianças e jovens em risco social. Mezzaroba (2008), baseado em estudos de Nobert

Elias sobre o processo civilizador, faz uma reflexão muito interessante acerca do esporte em projetos de terceiro setor:

Por que o esporte é tão utilizado nesses projetos do terceiro setor? Pessoalmente, acredito que o principal motivo seja a ocupação do tempo livre das crianças e jovens, pois assim é possível controlá-los ainda mais, disciplinando-os e impedindo que suas tensões sejam canalizadas em outros âmbitos.

Alguns educandos, quando perguntados como eles descreveriam a oficina, deram respostas que permitiram observar uma tendência em atribuir ao futsal uma oportunidade salvacionista. Ao analisar essas respostas, surgiram algumas questões: como eles absorveram essa ideia? Pela divulgação da mídia de casos “vitoriosos” do mundo do futebol e do futsal? Pelas ideias desenvolvidas na própria oficina? Pela pressão dos pais para que eles participem da oficina, para aprender algo que os torne melhores? Vejamos algumas respostas dos educandos:

- A oficina é da hora a gente aprende a jogar bola e quem sabe ser até um profissional e ganhar muita grana. (P7 – 16 anos)
- Eu acho que tira os meninos da rua porque incentiva eles a vim, ajuda eles a compartilhar e não mexer com outras coisas e se divertir também. (P3 – 12 anos).
- Ótima porque a gente aprende muitas coisas aqui, aprende a educar, não maltratar as outras pessoas, não xingar, aprende a chutar, dominar a bola. (P4 – 12 anos).
- É muito boa porque dá nós oportunidade de aprender muita coisa que pode ajudar a crescer na vida. (P2 – 10 anos).

A Associação Helil não tem como premissa a imposição religiosa, os educandos são de vários segmentos religiosos e alguns não têm uma religião definida, todos convivem bem com a diversidade religiosa. Através da sua prática denominada evangelização infanto-juvenil em que os valores espíritas cristãos são discutidos com os educandos, tem-se a preocupação com o processo civilizador quando busca proporcionar aos educandos recursos para que possam atuar de maneira crítica na comunidade em que estão inseridos. Como afirmam os gestores da Instituição quando perguntados sobre a principal motivação da Associação Helil para manter as atividades com as crianças e jovens, a iniciativa visa a

Procuramos oferecer atividades que favorecem a reflexão sobre valores morais consensuais em nosso país, como a valorização da família, o esforço pessoal, a disciplina, o bem agir, e a tolerância. Também baseamos nossos valores na cultura cristã e por isso a fraternidade, a colaboração, a busca de espiritualização e o respeito às diferenças e em especial às diversas crenças compõe nossas diretrizes. Esses valores acabam sendo trabalhados de forma difusa também, embora haja um momento de conversas e dinâmicas para tal. (G1)

Somos uma casa espírita e em conformidade com a nossa crença, podemos citar duas motivações básicas: Nossa própria melhoria espiritual pela prática da caridade e o amparo a irmãos que, neste momento, passam por dificuldades, mas são elos da nossa família espiritual. (G2)

O processo civilizador pode ser concebido e aplicado de várias maneiras, não somente através da imposição religiosa explícita, da cobrança de posturas pelos educadores em um determinado padrão de comportamento, exigido por sua convicção adquirida através de um segmento religioso, pois pode ser uma faceta da imposição implícita, quando ao educando não for dada a oportunidade de manifestar-se de acordo com sua crença ou descrença religiosa.

Será que as práticas realizadas na oficina têm dado ao educando essa oportunidade? Será que há respeito à diversidade religiosa quando não se tem contato com a manifestação de outras práticas?

Na oficina pesquisada, os educadores estão cientes da diversidade religiosa que existe no grupo, mas as atividades não promovem debates que abordem teorias religiosas diversas, o que poderia proporcionar uma visão mais crítica não só quanto à religião, mas contribuir para a formação do ser crítico.

Embora os educadores da oficina de futsal reconheçam a importância de avaliar, planejar, fazer e receber críticas ao trabalho visando sempre à melhoria do trabalho tanto na atividade da evangelização quanto na prática esportiva, a equipe não tem um cronograma de reuniões, quando surge algum conflito é marcada uma reunião normalmente sem o tempo necessário para uma discussão produtiva, o que prejudica o trabalho em vários aspectos, entre outros: posturas individuais e falta de um consenso de equipe; falta de planejamento em conjunto tanto para a atividade de evangelização, quanto para a parte da prática esportiva; e falta de repasse de observações que poderiam ajudar no desenvolvimento das atividades.

Uma das perguntas que fiz ao iniciar esta pesquisa foi a seguinte: será que essa oficina tem explorado realmente todo o potencial que o universo do futebol pode oferecer? Ou seja, estão os educadores atentos às inúmeras temáticas que podem ser trabalhadas com as crianças e adolescentes nas oficinas? A falta de reuniões deixa de criar espaços para que os educadores possam dialogar sobre as necessidades dos educandos e explorar algumas temáticas possíveis de associação com o futebol, como: formação profissional; violência; exclusão e inclusão; respeito às diversidades; o torcer e outras atividades. Esses temas estão presentes nas conversas dos educandos que, muitas vezes, vêm carregados de dúvidas e conflitos, principalmente pela faixa etária e o processo de formação.

É necessário que o educador compreenda que a sua participação nesse processo formativo é fundamental, tendo em vista que a sua relação com o educando irá

criar um ambiente favorável ao aprendizado constituído de um clima em que a afetividade emocional será um fator de motivação para todos.

Através de um esporte coletivo como o futsal, podemos trabalhar com os educandos vários fatores que serão fundamentais na prática esportiva e também no cotidiano deles. Conforme ressalta João Batista Freire,

[...] quem aprende futebol pode desenvolver um acervo de habilidades bastante diversificado, podendo aproveitar essas habilidades em muitos outros esportes. Além disso, poderá estar aprendendo a conviver em grupos, a construir regras, a discutir e até a discordar dessas regras, a mudá-las, com rica contribuição para seu desenvolvimento moral e social (FREIRE, 2003, p. 8).

A infrequência na oficina é baixa, semanalmente, aos sábados, tem uma média de 20 educandos, com idades de 9 a 18 anos, os times são organizados respeitando as faixas etárias. Algumas vezes, quando não é possível formar o time com determinada faixa etária, por ausência ou porque alguma criança pede para jogar com os adolescentes, forma-se então o time misto. Algumas crianças, ou “os menores” ou “os pequenos”, como são chamados pelos educadores, gostam de jogar com os adolescentes, normalmente aquelas que treinam em outro projeto ou escolinha⁵ em algum bairro próximo durante a semana, e que já se sentem mais preparadas. Os adolescentes, ou “os maiores” ou os “grandes”, não colocam obstáculos para a entrada dos pequenos, mas de vez em quando algum reclama: “– Professor, ele é muito pequeno”, mas isso não ocorre com frequência.

Rogério da Cunha Voser (1999, p.24) ressalta a importância, e os cuidados especiais que se deve ter com a iniciação esportiva na infância, quando é preciso trabalhar fundamentos técnicos, mas com moderação e tendo como princípio o respeito ao desenvolvimento da criança. Ainda segundo o autor, deve-se levar em consideração que “o que acontecer com as crianças neste período vai marcá-las para o resto da vida, consciente ou inconscientemente. Quem não se lembra das suas primeiras partidas de futsal? Das frustrações e alegrias, derrotas e vitórias?”.

2.1 Festival de Integração: “– São muitos times professora?”

A Associação Helil, através da oficina de futsal, foi convidada a participar do Festival de Integração, organizado pela Comunidade Viva⁶, visando à integração das

⁵ Apenas dois educandos pagam mensalidades para treinar em uma escolinha de futsal, em um bairro próximo.

⁶ A Vallourec Tubos do Brasil S.A., localizada na região, idealizou o projeto Comunidade Viva como um programa de responsabilidade social, com a gestão da ONG Cooperação para o Desenvolvimento e Morada

Instituições que fazem parte da região em que está situada e são parceiras. No dia do comunicado do evento, os educandos ficaram muito motivados em participar, pois seria a primeira participação da Associação num evento como esse. Consequentemente, foi a primeira vez que iriam participar de um festival que eles denominaram campeonato. Fizeram várias perguntas:

- Vai ter uniforme?
- Todos vamos jogar?
- Vamos treinar durante a semana?
- Vamos de especial ou o meu tem que me levar?

Aos poucos as respostas foram dadas e eles ficaram menos eufóricos. Um dos educadores explicou para eles que a Associação Helil só poderia inscrevê-los se houvesse o comprometimento de todos com o evento, pois caso alguém faltasse iria comprometer não só os colegas, mas também os times adversários. Como a oficina é formada por educandos de idades variadas, foi possível inscrevê-los em várias categorias do futsal: de 9 a 10 anos; de 11 a 12 anos; de 13 a 14 anos e de 15 a 16 anos.

Como o evento foi aberto à participação da comunidade, os educadores da oficina consideraram que seria uma boa oportunidade para uma aproximação com as famílias dos educandos, e no termo de autorização e corresponsabilidade, enviamos também um convite a elas, que foi muito bem aceito. No dia do evento, tivemos a participação de 16 familiares sendo pais, mães, tio, tia, irmãos e avô.

2.1.1 A preparação para o campeonato: “Aí professor vamos jogar pra ganhar né?”

Os educandos ficaram muitos motivados com a participação no festival, os educadores reforçaram nos dias de treino a importância da assiduidade, disciplina, organização e sobre a oportunidade de conhecer outros times, fazer novas amizades, conhecer um local diferente. A maioria dos educandos sempre destacava que era jogar para vencer. Foi montado um esquema de treinamento com jogadas ensaiadas e os times sem muitas alterações. As atividades, que pudessem desenvolver e reforçar o que Voser (1999, p.24) aborda com importante na fase infantil, também foram bem executadas: “O corpo, nesta fase, é o referencial da percepção, o meio pelo qual a criança absorve o mundo e manifesta sentimentos, sensações e até mesmo opiniões”.

Ainda segundo o autor sobre a fase infantil, é necessário desenvolver os aspectos do esquema corporal com os educandos, como: “equilíbrio, lateralidade,

organização do corpo no espaço e no tempo, coordenação motora grossa e fina, não esquecendo o que é característico da idade: correr, saltar, lançar, transportar, subir, rastejar e rolar.” (VOSER, 1999, p.25) Com os adolescentes também foram realizadas atividades que favorecem o compartilhar, o passe e a atenção. Com a possibilidade da participação da família no festival, os educandos demonstravam ansiedade em tê-los por perto. Num determinado dia, um menino chegou perto de mim e disse bem ansioso:

– Professora, minha mãe está escalada para trabalhar no dia e no horário do jogo, mas ela já pediu para o chefe dela mudar o horário para ela poder ir me ver (P2 – 10 anos).

O educando acima mora com a mãe que é auxiliar de bordo (trocadora) na linha do coletivo do bairro, e com familiares dela, o pai não é presente, raras vezes aparece para ver o menino. Outro educando estava muito feliz porque o avô iria ao jogo:

– Professora, meu vô de 86 anos vai no jogo, ele não está enxergando muito bem, mas falou que vai.” (P3 – 12 anos).

Entre nós, educadores, conversamos sobre a necessidade de reforçar com os educandos o prazer e a oportunidade da participação, e não valorizar tanto a vitória. Percebemos que alguns educandos estavam colocando o vencer acima de tudo e até querendo preterir alguns colegas que, segundo eles, não eram tão bons em campo.

2.1.2 Chegou o dia! Emoções diferentes, novas descobertas e muito aprendizado “– A quadra aqui é grande professora!”

Vários educandos e familiares chegaram bem mais cedo do que o combinado na Helil. Segundo alguns responsáveis, os meninos nem dormiram direito, ansiosos pelo evento. Nos reunimos no salão da Associação Helil, para aguardarmos o ônibus. Esse período foi muito bom, porque tivemos a oportunidade de nos conhecermos e de conversarmos com os familiares. Os irmãos P3 e P4 estavam muito felizes com a presença do avô, Sr. Rildo⁷, e da tia, Valda, eles falam sempre do avô com muito carinho e admiração, soubemos através da tia que o pai dos meninos é muito ausente nessas atividades dos filhos e ela e o avô tentam supri-lo, já que a mãe trabalha muito e fica impossibilitada de participar também. Conhecemos também a Srt^a Neusa, tia do P2 (10 anos), que estava satisfeita pela oportunidade de ir ver o sobrinho jogar, já que a mãe teve que trabalhar.

⁷ Os nomes dos parentes apresentados são fictícios.

O evento foi realizado no Centro Esportivo da Fundação Sidertube, o local ofereceu uma ótima infraestrutura e na chegada os educandos fizeram um lanche com frutas que estava bem farto e à vontade. Participaram cinco instituições na modalidade futsal e 2 no voleibol. Os educandos foram divididos por categorias de acordo com a faixa etária. Enquanto um time jogava, os outros torciam, ficamos educadores, educandos e familiares juntos. Alguns educandos menores ficaram jogando bola em outro espaço.

Para a maioria dos educandos, foi a primeira oportunidade de jogar com times diferentes, em quadra maior que a habitual da escola em que treinam, e valendo medalhas. Diante disso, percebemos que eles ficaram um pouco tímidos, surpresos com o ambiente diferente e até com a postura dos adversários que estavam mais bem treinados. Mas isso não prejudicou de maneira significativa o desempenho nos jogos. Aquela ideia de que já estão prontos e que sabem jogar ficou um pouco estremeçada.

Durante as partidas, as reações de dois educandos (P9 - 10 anos) e (P2 - 10 anos), mereceram mais atenção quando (P9 - 10 anos), que atuou no gol, não conseguiu defender um pênalti, ficando muito irritado e se cobrando muito, os educadores conversaram com ele para que ficasse calmo e visse a coragem que teve em assumir o gol, já que os outros não quiseram. No time dos abaixo de 12 anos de idade, não tem uma criança que tenha se destacado ou demonstrado interesse em assumir a posição de goleiro. Outra situação foi quando o (P2 - 10 anos) perdeu um pênalti e ficou muito triste e chorando por muito tempo. Conversamos com eles sobre o perder e o ganhar e ficamos de explorar mais as situações no decorrer das aulas de evangelização e na avaliação do evento.

Durante o evento, procuramos também nos aproximar mais dos familiares dos educandos. A tia de (P2 - 10 anos) comentou sobre algumas complicações da família do (P9 - 10 anos), já que os conhece bem sendo vizinhos. Esses comentários foram importantes, pois confirmaram o que já havíamos suspeitado sobre o ambiente de violência no qual (P9 -10 anos) está inserido, por suas falas durante a evangelização.

Foram observadas muitas provocações entre os times “adversários”, conversamos com os educandos sobre isso. O evento foi muito significativo para todos os educandos, pois aproveitaram bem o espaço, a convivência com os familiares e educadores. Foram feitos contatos com outras instituições para que possamos organizar alguns jogos amistosos.

Na semana seguinte, foi realizada a avaliação do evento e um dos assuntos que foi discutido com os educandos foi a necessidade de definir-se um jogador para a posição de goleiro que será treinado assim como os jogadores das outras posições. Os

educadores conversaram com eles sobre o momento do pênalti, que é tenso, marcante e com várias peculiaridades diferentes de outros momentos do jogo. Quando (P2 - 10 anos), que bateu e perdeu um pênalti começou a lamentar-se pelo episódio, os outros educandos uniram-se para dar a ele incentivo para continuar a ser um batedor de pênaltis apesar de ter perdido, pois segundo eles, isso também já havia acontecido com jogadores famosos. Nesse momento, surgiram algumas lembranças dos educadores e também dos educandos mais velhos que deram alguns exemplos como:

- O David Beckham, na Semifinal da Eurocopa de 2004, isolou a bola já pensou cara o Beckham?
- O Cristiano Ronaldo também perdeu um pênalti na final da Champions League acho que 2007.

Os educadores conversaram com eles sobre os contextos da vida em que todo ser humano pode perder alguma oportunidade num momento decisivo da vida.

2.2 A idealização do ídolo

O senso de coisa única, do estar fazendo juntos e o sentido de equipe são habilidades que podem ser desenvolvidas durante o jogo ou treino de futsal. Segundo um dos educadores da oficina, uma característica muito presente entre as crianças e os adolescentes é que eles têm dificuldades de entender e atuar como parte de uma equipe, movidos pelo sonho, desejo e ilusão de ser como um de seus ídolos, estrelas do mundo do futebol ou futsal: “Eles têm dificuldades no trabalho coletivo, absorveram a cultura da ‘Estrela’ do futebol brasileiro, os Neymar e Ronaldinhos... Isso dificulta a organização tática e o futebol de maneira mais coletiva”. (E1) Observei durante os treinos que os educandos comportavam-se como “fominhas”, como dizem na gíria do futebol, quase todo o tempo era preciso que os colegas ou os educadores pedissem para passar a bola por causa do comportamento individualista. Ainda sobre o individualismo, comenta o educador E1:

Em vários momentos eles percebem que, trabalhando coletivamente com disciplina tática, tem mais frutos. Mas a lógica deles ainda é invertida, eles pensam que o time deve trabalhar pra eles, e eles resolvem as coisas. Valorizando o gol, o drible e as habilidades cultuadas em nosso país. E não valorizando marcação, posicionamento, e distribuição de jogadas. (E1)

Não poderia ser diferente na oficina em estudo a constatação de que a maioria das crianças e dos adolescentes tenha o sonho de ser uma estrela do futebol nacional e internacional, algo explícito em comentários como:

- Pode acontecer professora eu fico famoso e ai ganho só mulher bonita
- E aí professor já pensou eu chegar no campo e fazer igual o Neymar? igual o Messi?
- Puxa vida, a galera toda gritando meu nome!!!
- E o carrão do Ronaldinho véio? Você viu?
- Já pensou eu na quadra tipo o Falcão?

Eles vibram ao falar de seus ídolos e de suas conquistas de fama, de poder e de bens materiais. Idolatram também as jogadas em campo e são capazes de relatar alguns dos gols com riqueza de detalhes. O acesso aos meios de comunicação e a suas novas tecnologias possibilita o acompanhamento da vida de seus ídolos nacionais e estrangeiros.

O que podemos ver em Carrano (2000), ao abordar o tema dos ídolos, lembramos da globalização no mundo do futebol:

A globalização no mundo do futebol faz com que os jovens adotem os seus clubes e ídolos globais. É comum ouvir jovens brasileiros dizendo-se torcedores do Internazionale de Milão ou do Barcelona, escalando as equipes estrangeiras, como se estivessem nomeando jogadores brasileiros que atuam em times internacionais (CARRANO, 2000, p. 97).

Os educandos tendem a exaltar somente o glamour e as imagens de conquista dos ídolos, aliás, é o que mais está presente na mídia ao mostrar o universo do futebol, questões como a alta competitividade e o alto investimento físico ficam à margem nas reportagens. Damo (2007, p.94) aborda com muita clareza o que intitula de “a face oculta da profissão”: “carreiras curtas, auge precoce, difícil reconversão, restrições de mercado laboral e discrepâncias salariais são características estruturais da profissão.” São os riscos que correm a maioria dos jogadores pelas especificidades do futebol e que nem passam pela cabeça dos que os idolatram principalmente as crianças e adolescentes. Um fator também presente na idolatria é a identificação pela questão social que muitos meninos têm com os jogadores, que na sua maioria tiveram uma vida de dificuldades, e através do futebol em algum momento da carreira foram ou são considerados os melhores do mundo. Essa questão tem a ver com caráter salvacionista do futebol, já abordado anteriormente.

O pós-treino na oficina é o momento em que é feita uma roda de conversa com todos assentados no chão da quadra, algumas tensões vivenciadas durante o treino entre os educandos e educadores são relatadas:

- Professor, você foi injusto naquele lance de me tirar.
- Professor, o cara entrou me cortando e não foi expulso.

Ameaças são às vezes feitas entre os educandos:

- No caminho nós conversamos, seu folgado.

- Vai achando que você é o tal vai.
- Não sabe nem passar a bola.
- Seu fominha.

Os educadores aproveitam o momento para fazer observações sobre os acontecimentos do dia, a questão do individualismo no jogo é sempre um assunto recorrente, quando o educador fala sobre o trabalho em equipe e a necessidade de dividir as jogadas respeitando e valorizando as posições de cada um.

Delors (2006), ao estabelecer os quatro pilares da educação – aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser – nos dá um direcionamento para vivenciarmos o ensino de uma forma integral. Um dos pilares, o aprender a viver juntos, foi muito interessante de ser observado nas entrevistas.

A convivência que a oficina proporciona entre os educandos com os educadores foi muito citada durante a pesquisa. Quando perguntados se eles pretendiam continuar na oficina por muito tempo e por qual motivo, responderam:

- Sim porque é um lazer muito bom e você se envolve com amigos conhece pessoas novas. (P6 - 16 anos);
- Sim porque faz novas amizades aprende a jogar, treinar melhor, faz atividade diferente, há convivência. (P8 - 18 anos).

Os educandos comportam-se bem à vontade para fazer novos amigos, quando chega um novo integrante, ele é bem recebido. Quase que na sua totalidade os meninos chegam por indicação de um colega que frequentou a Associação ou que ainda frequenta. O “boca a boca”, comunicação informal, é a forma mais comum de divulgação das atividades, o que podemos constatar através das respostas quando perguntados se já conheciam a Associação antes da oficina:

- Não, primeiramente eu conheci a oficina da Helil com meus amigos que moram perto mesmo um amigo da rua é que me indicou. (P5 – 14 anos)
- Sim, porque alguns colegas já participavam aqui. (P8 - 18 anos)
- Não. O Matheus um dia veio aqui, me levo pra cá, aí eu gostei e falei com minha mãe, perguntei se podia fazer escolinha de futebol, ela falou que podia. (P2 – 10 anos).

Durante os quarenta e cinco minutos que antecedem à parte prática da oficina de futsal, os educadores conversam com os educandos sobre valores morais cristãos, embasados nos princípios da Doutrina Espírita, que tem como um de seus norteadores a construção do homem de bem. A fé é um elemento que faz parte das conversas, os educadores aproveitam para exemplificar no universo do jogo de futebol como os jogadores expressam a religiosidade em várias situações, como:

[...] antes de entrar em campo, fazer preces de mãos dadas pedindo auxílio do Deus de sua religião. Quem vê jogos de futebol pela televisão já viu diversos atos de fé durante um jogo. Antes de a bola rolar, o goleiro costuma fazer preces - inclusive, em casos mais raros, de joelhos. Quando um jogador faz um gol, costuma sair correndo com os dedos para cima apontando o céu. Não posso afirmar que ele esteja agradecendo pelo gol, mas pela expressão facial e pelo fato de apontar para o céu, parece claro que ele está agradecendo pelo gol [...] (LEAL, sem ano).

A fé pode ser manipulada para subjugar e levar o homem à submissão. Neste sentido, a religião passa a ser um meio de alienação. O objetivo da conversa na oficina de futsal sobre a fé é auxiliar os meninos com recursos que possam ajudá-los a serem críticos e, principalmente, incentivá-los na questão da fé em si próprio, inclusive mostrando a eles que não adianta apenas crer em Deus de acordo com cada fé, e não fazer a parte de esforço que cabe a cada um. Os jogadores que demonstram a fé durante os jogos, além de acreditarem em Deus, treinam duramente as jogadas, trabalham em equipe, recebem orientações dos treinadores e precisam acreditar e ter fé em si mesmos.

É feito um acolhimento quando os educandos têm a oportunidade de relatar ocorrências vivenciadas por eles na escola, na família e na comunidade, os educadores incentivam para que exponham os fatos que marcaram a semana ou que acharem importantes. A participação é espontânea, e aquele que não quer falar é respeitado. Normalmente, quase todos se sentem à vontade para participar, principalmente aquele que já está há mais tempo na oficina, independente da faixa etária.

As ocorrências relatadas são várias, as mais comuns são: a nota da prova que foi boa; o presente recebido; o jogo de futsal na hora do recreio da escola; a aula que foi desagradável; a professora que deu “bronca”; o pai que chegou em casa embriagado; familiares doentes; o resultado de algum jogo importante de seus times favoritos; é também comum em quase todas as semanas relatos de uma ou mais ocorrências de assassinatos na comunidade.

A instituição não tem como premissa o catequizar, pregar ou conquistar adeptos para a Doutrina e sim colaborar para que os educandos possam ter subsídios para fazer reflexões de forma crítica sobre situações do cotidiano. Como relatam os gestores da Associação:

– Procuramos oferecer atividades que favorecem a reflexão sobre valores morais consensuais em nosso país, como a valorização da família, o esforço pessoal, a disciplina, o bem agir, e a tolerância. Também baseamos nossos valores na cultura cristã e por isso a fraternidade, a colaboração, a busca de espiritualização e o respeito às diferenças e em especial às diversas crenças compõe nossas diretrizes. Esses valores acabam sendo trabalhados de forma difusa também, embora haja um momento de conversas e dinâmicas para tal. (G1)

– Os valores cristãos sem ter um caráter proselitista, enfocamos as posturas de Jesus à luz da doutrina espírita. De maneira mais direta, poderíamos citar: a

solidariedade, a fraternidade, a responsabilidade individual, o respeito etc. Todos os aspectos da virtude maior: a caridade. (G2)

Os relatos são importantes para que os educadores possam compreender o contexto social e as vivências em que os educandos estão inseridos. O acolhimento acontece à luz da Doutrina Espírita que dá o suporte para que os educadores trabalhem com os fundamentos da pedagogia espírita, que:

[...] considera o educando como um espírito que volta à vida terrena, depois de várias existências anteriores trazendo um vasto acervo de experiências negativas e positivas na sua mente de profundidade, resultados de uma série de vivências materiais e espirituais. Ao mesmo tempo, traz, em forma de vetores psíquicos, as tendências vocacionais e as orientações morais que devem aflorar à sua mente de relação na medida em que forem sendo suscitadas pelas circunstâncias, as ocorrências, os estímulos da vida atual (PIRES, 2008, p. 214).

Compreendemos que todas as vivências dos educandos são oportunidades de crescimento moral e espiritual. Sendo assim, conversamos sobre as suas ações, o que foi importante na situação, o que sentiram, aprenderam e, em alguns casos, o que contribuir para evitar que a situação desagradável não aconteça.

O objetivo principal é dar a eles recursos para que possam agir de forma a amenizar os impactos negativos, principalmente das situações difíceis, e mostrar a eles que podem, quando possível, não se envolver. Partimos da premissa de que a religião divulgada e discutida com respeito ao próximo pode ser um fator de autonomia moral, tendo em vista a potencialidade de cada ser.

Os eventos futebolísticos, como campeonatos regionais, nacionais e internacionais, são comentados pelos educandos quando falam de seus times favoritos. Através desses comentários, podemos perceber as emoções e o entendimento no universo do torcer.

O contexto futebolístico é possível ser explorado nas conversações com os educandos, apropriando-se das inúmeras possibilidades de analogias com o cotidiano à luz dos conhecimentos espirituais. Como podemos verificar:

A competição esportiva, por extensão, é regida por regras (rígidas) que contemplam a punição aos faltosos (arbitragem, exames de 'antidoping', suspensão e/ou exclusão de participantes), seja pela atuação (direta e imediata) dos árbitros, seja posteriormente a cada jogo, por análises e deliberações de órgãos colegiados. Aqui uma verossímil semelhança com a sistemática da Justiça Divina, que, a partir de um sistema de compensação (ação e reação), determina a forma pela qual os seres saldaram seus débitos e restituem possíveis prejuízos causados. Não é necessária, assim, a presença de um Tribunal Espiritual, pois o próprio ser é o juiz de si mesmo. A principal distinção entre as avaliações do esporte e os atos judiciais espirituais é que, no âmbito destes últimos, não existem 'injustiças' nem os erros comuns ao nível humano e suas imperfeições (PEREIRA, 2007).

A temática possibilita muitas digressões, entre outras questões, a importância das nossas ações no “campo da vida”, “dentro das quatro linhas”, em que o homem é chamado a viver e “jogar”, na convivência em sociedade nos vários setores em que atua. Partimos do princípio que as experiências da vida, “as jogadas”, são oportunidades de crescimento moral, espiritual e intelectual, considerando até ou principalmente aquelas atitudes que num primeiro momento seriam passíveis de “cartões vermelhos ou amarelos”, instrumentos que podem nos ajudar a refletir e rever ou reafirmar nossas convicções. O acolhimento, assim como todos os contatos com os educandos, é feito sem a supervalorização sobre o erro ou a falta, com o cuidado para não impor ou cultivar a teoria do pecado e da culpa, o que seria uma incoerência com a proposta de ter a religião com fato de autonomia moral.

No caso da Copa do Mundo, por sua extensão de megaevento internacional e que por isso apresenta algumas particularidades como a questão da pluralidade cultural, étnica e de idiomas, permite refletir como é possível conviver com as diferenças de modo que todos compartilhem seus costumes e peculiaridades, desde que haja respeito.

2.3 Futsal, em meio a questões de gênero e de dom

O futebol no Brasil é considerado um terreno das masculinidades, sendo um importante elemento na construção do que é ser homem. As transformações sociais ocorridas nas últimas décadas proporcionaram uma maior participação das mulheres nas modalidades esportivas. Mas com relação ao futebol não temos ainda a igualdade de inserção e acesso. Silvana Goellner (2000, p. 80), pesquisadora da temática do gênero no futebol, faz a seguinte observação:

A pergunta ‘A mulher pode praticar futebol?’, ao mesmo tempo que demarca uma preocupação, revela que esse não é território do feminino; afinal, é praticamente inexistente a questão: ‘O homem pode praticar futebol?’

Segundo a autora, por ter o gênero masculino criado o futebol, assim como também a prática ser maior por ele, abrangendo também a direção dos clubes, parece que isso contribuiu para que se crie um conceito de que esse universo é todo masculino, cabendo ao homem o seu domínio de julgar a quem é permitido jogar ou não. É como se a participação da mulher no futebol pudesse ser considerada uma subversão à lógica machista.

Nas escolas, em aulas de Educação Física, é comum os meninos jogarem futsal e as meninas outros esportes que reafirmam a ideia de que elas são frágeis para jogar.

A oficina de futsal da Associação Helil é constituída somente de meninos, existe por parte dos educadores um interesse em abrir vagas para meninas da comunidade. Segundo os educadores, no início houve o interesse de uma menina em participar, mas faltou uma organização para inseri-la no grupo, ela entrou algumas vezes nos jogos, mas desligou-se com pouco tempo. Ainda não foi feito um trabalho para viabilizar a inserção das meninas no futsal. Durante a pesquisa, uma menina de aproximadamente 13 anos, visitou a quadra. Perguntei se ela gostava de futsal, e ela respondeu: “– Não, não gosto, é muito violento!”; “– Acho mais coisa para menino mesmo”.

Num dia de treino, enquanto os meninos descansavam na arquibancada aguardando a vez de jogar, perguntei para eles o que achavam da possibilidade da abertura de vagas para meninas na oficina. Os mais novos da turma de 9 a 12 anos foram receptivos e disseram:

- Ah professora, acho legal.
- Não tem problema, acho que menina pode gostar de futsal.
- Na minha escola, de vez em quando, tem umas meninas que jogam, acho normal.

Os mais velhos turma, de 13 a 17 anos, demonstraram-se arredios à ideia e manifestaram as seguintes opiniões:

- Sei não, acho que menina combina com volley ou queimada.
- Imagina. Professora, se ela leva uma bolada daquelas?
- Só se for para jogar com outras meninas.

Percebi que trabalhar na turma a questão de gênero seria uma boa ação educativa.

Aliás, é interessante observar o não dito nas respostas dos educandos, pois subentende-se uma ideia preconcebida da fragilidade feminina perante o futsal. Goellner (2000, p.83) questiona se “[...] essas diferenças já nascem prontas (são naturais) ou são construídas pela cultura, pelas nossas atitudes e pelos nossos valores?” A autora cita como exemplo da possível construção dessas diferenças algumas atitudes comuns em nossa sociedade, como quando nasce um menino, ele é presenteado com uma bola, acessórios e roupas de times de futebol normalmente, o time do coração da família ou os vestimos de azul e as meninas vestimos da cor rosa e presenteamos com bonecas e

outros brinquedos do universo doméstico. Afirma ainda a autora com relação ao preconceito que recai sobre a mulher e o futebol:

[...] por certo, são os preconceitos historicamente construídos pela e na nossa cultura, alguns dos elementos que fazem com que essa questão, vez por outra, apareça na atualidade. Preconceitos relacionados a representações de masculinidade e feminilidade. Isto é, daquilo que cabe a um e a outro sexo na vida em sociedade. (GOELLNER, 2000, p. 80-81).

Ao analisarmos os preconceitos existentes na sociedade, e em especial nesse contexto da mulher no futebol, fica evidente que há uma demarcação dos espaços que cabem ao homem e a mulher, não podemos desconsiderar as conquistas que, ao longo do tempo, as mulheres tem conseguido não só no futebol, pois temos mulheres com funções de árbitras, bandeirinhas e dirigentes.

Tanto na escola quanto em outros campos de convivência, há uma expectativa presente na maioria das pessoas de que todos os meninos gostam de futebol e já nasceram sabendo jogar. Podemos observar que essa expectativa está fundamentada em um dos aspectos evidenciados no Brasil em relação ao futebol que é a ideia do dom. É comum ouvirmos em relação ao futebol os jargões “esse cara tem o dom para jogar”, “esse já nasceu feito para o futebol”, ou seja, os meninos brasileiros têm predisposição inata para o futebol.

Segundo Damo (2007), tornou-se fundamental estudar o significado que os agentes atribuem ao termo “dom” no universo futebolístico, o que para o autor não é tarefa trivial. O termo pode apresentar significados como talento e dádiva, o que pode direcionar as ações no âmbito do futebol, e também todo o dinamismo em torno do jogador, como o seu desempenho, reconhecimento e a sua profissionalização:

O dom futebolístico que está na origem de todos os investimentos, uma vez aperfeiçoado e reconhecido pelo público, entra em circulação suscitando uma cadeia de trocas que, por seu turno, implicam a sua reversão incessante, em forma de dinheiro e afeto, interesses individuais e coletivos, fidelidade e traição, idolatria e escárnio, enfim, em uma miscelânea de eventos e símbolos. (DAMO, 2007, p.194).

Essa perspectiva do “dom”, da predisposição inata, dificulta as intervenções sistematizadas no ensino do futebol, diferente do que acontece em outros esportes, por exemplo, nas aulas de Educação Física:

Confrontando a aula de peteca com a de futebol, foi possível evidenciar o exercício de pedagogização impresso na primeira. Enquanto a aula de peteca possuía uma sistematização do ensino (com uma de sequência de exercícios para que os alunos pudessem aprender como segurá-la, como lançá-la, como recebê-la, etc.), no futebol as intervenções de professor visavam à gestão do espaço/tempo e da disciplina na aula. (FARIA, 2008, p.81).

No decorrer da pesquisa, vários educandos disseram com muita segurança que já sabiam jogar futsal quando entraram para a oficina, deixando transparecer que esse saber é inerente aos meninos. A maioria chega com a ideia de que já estão prontos. É comum ouvi-los dizer:

- Ah solta a bola aí, professor! isso a gente já sabe!
- Quem não sabe disso, professor?
- Ah, já jogo bola, já sei!

E até mesmo durante os jogos estabelecem-se falas entre eles, como:

- Não é possível que você não sabe isso?
- Pô cara, nem parece que você joga bola!

Quando foram perguntados o que os levou a procurar a oficina, apenas um educando afirmou que a procurou porque não sabia jogar bola, mas em sua resposta deu mais ênfase aos conhecimentos adquiridos na oficina que o ajudam a comportar-se melhor na escola. “- Porque eu não sabia jogar bola, aprendi a melhorar na escola, ser educado.” (P4 – 12 anos).

O Brasil é reconhecido mundialmente como o país do futebol, onde a criança ao nascer já recebe como patrimônio um time para torcer, ainda no berço ganha uma bola, o que será o brinquedo mais comum de sua infância, além de acompanhar os familiares aos campos de futebol. Conseqüentemente, com essa vivência intensa com o mundo do futebol, é esperado que os meninos tenham a ideia de que desde sempre estão preparados para jogar.

Um aspecto que contribui muito para a naturalidade com que encaram o universo do esporte é a popularização e a democratização do espaço do futebol, que proporciona mais oportunidades para a prática, quando podem vivenciar suas experiências onde e como estiverem:

Basta andar por aí, para ver os campos de futebol. Eles fazem parte da paisagem urbana e rural deste país. No gramado de um jardim público, no canto de um terreno baldio ou no meio da rua, com dois pedaços de pau e uma bola de meia surge um campo, onde, tarde após tarde, bandos de garotos jogam ventura e desventura, em partidas que parecem não querer terminar. (DAMATTA, 1982, p. 77).

Mesmo com a grande perda dos espaços de campos de várzea, o que influenciou no aumento da oferta do futebol de salão como alternativa, a democratização da estrutura do futebol facilita a sua popularização.

3 O PROJETO SOCIAL COMO OPORTUNIDADE DE LAZER

Na década de 1950, foram implantados na região do Barreiro, a usina da Companhia Siderúrgica Mannesmann (Atual Vallourec), e o Hospital Julia Kubitschek. A região, que até então era formada por grandes fazendas, passou por significativas mudanças que impulsionaram a ocupação urbana da área, principalmente para fornecer mão de obra para a Companhia.

Com o propósito de ser o espaço de moradia dos trabalhadores das unidades industriais da Mannesmann e de outras indústrias do município de Contagem, em 1958, surgiu o Bairro das Indústrias, reconhecido como o primeiro terreno loteado urbano. Aos poucos, fazendas como a Bom Sucesso foram dando lugar aos loteamentos, e em meados de 1960 foi implantado o Bairro Bonsucesso. Anos depois, foi aceito outro loteamento segundo o Plano Global Específico – PGE (PREFEITURA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE, 2012, p.27):

O loteamento do Bairro Novo das Indústrias foi aprovado em meados da década de 1970. Entretanto, uma planta com a demarcação de lotes e ruas, disponibilizada para consulta por uma das entrevistadas consta o nome original do loteamento Adalberto Pinheiro. Esse nome seria referência à família Pinheiro, antiga proprietária de uma fazenda, onde hoje se encontra a vila e o próprio Bairro Novo das Indústrias.

A substituição do nome Adalberto Pinheiro para Bairro Novo das Indústrias aconteceu após a construção da Av. Waldir Soeiro Emrich, conhecida como Via do Minério, que para os moradores tornou-se um marco divisório na região, como consta no PGE (PREFEITURA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE, 2012, p.27), informação essa adquirida através de entrevistas com antigos moradores durante a elaboração do Plano, na etapa do diagnóstico da região:

Eu, particularmente, reconheço [aqui] como Bairro Novo das Indústrias, por que antes da divisão aqui era Bairro Adalberto Pinheiro. Foi depois que fez a Via do Minério é que dividiu. Então, lá eles chamam de bairro velho, que é o antigo Bairro das Indústrias e aqui o Bairro Novo das Indústrias [...] Agora, o que predomina é o nome Bairro Novo das Indústrias. Aqui quando fez o loteamento era Adalberto Pinheiro [...] (Depoimento de antiga moradora A).

O Bairro Novo das Indústrias que antigamente era Adalberto Pinheiro. [...] Aqui é Bairro Novo das Indústrias, da Via do Minério pra baixo é Bairro das Indústrias que é chamado antigo, o bairro velho, que foi fundado primeiro, vamos dizer assim. [...] (Depoimento de antiga moradora B).

A instauração da Usina da Companhia Siderúrgica Mannesmann (Atual Vallourec), a criação das Companhias Siderúrgica Nacional, Vale do Rio Doce, atual Vale, e da Petrobrás fez parte do processo caracterizado como nacionalização da economia, do

governo de Getúlio Vargas nos períodos de 1930-1945 e 1950-1954. Quando foi estabelecido o modelo de substituição das importações, essas indústrias foram base para o impulso de outros setores industriais. Esse processo foi também conhecido como industrialização pesada no período de 1955-1980, incorporado no governo de Juscelino Kubitschek – 1956-1961. Sobre esse momento de mudança do perfil produtivo nacional, Albuquerque (2015, p.2) ressalta o seguinte aspecto:

A construção da indústria nacional começou de forma hesitante ainda na segunda metade do século XIX e tomou grande impulso a partir dos anos trinta do século XX. Deste momento e até o início dos anos de 1980, um vigoroso crescimento industrial mudaria profundamente a estrutura econômica do país, proporcionando um grande processo de urbanização que alterou profundamente a sociedade nativa.

Figura 1 – Regiões Administrativas de Belo Horizonte



Fonte: Prefeitura Municipal de Belo Horizonte (URBE/PGE), 2012.

A Vila Alta Tensão I, onde reside a maioria dos educandos atendidos na Associação Helil, está inserida no Bairro Novo das Indústrias, é uma das 18 vilas localizadas na regional Barreiro, que é composta por 54 bairros. A Vila formou-se no final da década de 1970, e todo o processo de ocupação foi marcado pela precariedade de alguns serviços básicos de infraestrutura urbana.

Atualmente, os moradores ainda convivem com a deficiência na oferta de alguns serviços. É uma ocupação de encosta com muita declividade que avança para o fundo do vale localizado às margens do Córrego do Bonsucesso, e que se desenvolveu ao redor desse córrego e de um de seus afluentes. O diagnóstico exposto no Plano Global Específico – PGE, realizado pela Prefeitura de Belo Horizonte, através da Companhia Urbanizadora e de Habitação de Belo Horizonte – URBEL, constatou que 40% dos domicílios localizam-se sob a faixa de servidão da CEMIG, expondo seus moradores a situações de risco relacionadas à rede elétrica.

Figura 2 – Imagem da área de estudo da Vila Alta tensão I e referências do entorno



Fonte: Prefeitura Municipal de Belo Horizonte (URBE/PGE) 2012

Segundo o mesmo diagnóstico, o nome dado à Vila não tem boa aceitação por parte dos moradores, que o consideram com uma carga negativa, desagradável e ofensiva, o que não contribui para o desenvolvimento de um sentimento de pertencimento com a comunidade, fazendo com que se refiram à Vila como Bairro Novo das Indústrias. Um ambiente em que as pessoas tivessem um sentimento de pertencimento consolidado poderia ser mais valorizado e cuidado, além de criar uma identidade aos indivíduos. Com a finalidade de discutir e promover conquistas necessárias, a população conseguiu, ao longo dos anos, organizar-se na criação das Associações de Moradores. Ao todo, foram três associações, sendo que duas foram extintas e uma é atuante e oficializada como Ação Comunitária dos Moradores do Bairro Novo das Indústrias.

A Associação do Bairro tem como um de seus projetos a mudança do nome de Bairro Novo das Indústrias para Vila ou Bairro Adalberto Pinheiro. A Associação tem envidado esforços para incentivar e conscientizar cada vez mais a comunidade sobre a importância da organização nas lutas e na mobilização dos moradores para enfrentarem os problemas e buscarem soluções para as necessidades do bairro junto à esfera pública e privada, o que, conseqüentemente, poderá trazer a melhoria das condições de vida e do

exercício da cidadania. Uma das ações da Associação é promover ações coletivas e integradoras com as Instituições que também atuam na comunidade.

Quanto à questão do espaço, Santos (2006, p.39) caracteriza a da seguinte forma: “O espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá.” O sentimento de pertencimento é fundamental para que a comunidade possa realmente sentir-se parte do espaço e lutar pelos seus direitos.

Sobre os bairros periféricos, é importante observar que, ao longo dos anos, houve uma mudança na percepção desses lugares, principalmente, pelos processos reivindicatórios, conforme aponta Magnani (1984, p.15):

E os bairros periféricos, seus habitantes já não são considerados ‘massas marginais’. Conhecidos atualmente como ‘classes populares’, são muito procurados por militantes de partidos políticos, membros de organizações e movimentos ligados à Igreja, pesquisadores e cientistas sociais que descobrem e revalorizam sua vida associativa (Sociedades de Amigos de Bairro, grupos de base, clubes de mães, movimentos de moradores) suas reivindicações e modalidades de lutas específicas.

O Bairro Novo das Indústrias/Vila Alta Tensão I, tem um alto índice de criminalidade, principalmente, relacionada ao tráfico de drogas, situação que contribui muito para a vulnerabilidade social na comunidade. Há 33 anos a Associação Helil realiza atividades assistenciais no bairro, seus educadores acompanham de perto a situação de risco social dos educandos. Durante esse tempo de atuação, vimos várias crianças e jovens envolverem-se com o tráfico de drogas, poucos conseguiram sair com vida da situação. Entretanto, presenciamos e convivemos com laços afetivos intensos entre as famílias e com relação aos educadores também da Associação.

Os órgãos responsáveis pela segurança pública têm como premissa institucional não permitir a divulgação de dados sobre as ocorrências criminais. Situação também registrada pelos responsáveis no processo de levantamento de dados e diagnósticos, da Prefeitura de Belo Horizonte, como consta no PGE (PREFEITURA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE, 2012, p.79) quanto à situação do serviço de segurança pública:

Foi feito contato com o Tenente Coronel José Geraldo, responsável pelo 41^o Batalhão da Polícia Militar, que atende o Bairro Novo das Indústrias. Segundo o Tenente o levantamento de dados sobre o serviço de segurança pública e dados sobre as ocorrências criminais dentro da área da vila não podem ser disponibilizados.

⁸ Esse batalhão da polícia militar é responsável pela região do Barreiro.

O policiamento na comunidade é feito esporadicamente por viaturas, e os atendimentos são feitos apenas pelos chamados pelo número 190. Quanto ao serviço de segurança pública, consta o seguinte no PGE (PREFEITURA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE, 2012, p.79):

(...) identifica-se uma insatisfação por parte dos moradores com relação à oferta de equipamentos, ao atendimento à comunidade e à eficiência desta política. Segundo os entrevistados na fase da pesquisa qualitativa, não existe um posto policial próximo à vila, o serviço de ronda policial é insuficiente, sobretudo durante a noite, e o atendimento realizado não é eficiente, visto que há uma grande reclamação pela demora no atendimento policial quando solicitado pelos moradores. Segundo entrevistados esta demora ultrapassa quarenta minutos.

Todavia, cabe ressaltar que a segurança pública é assegurada pela Constituição Federal (BRASIL, 2012, não paginado):

Art. 144. A segurança pública, dever do Estado, direito e responsabilidade de todos, é exercida para a preservação da ordem pública e da incolumidade das pessoas e do patrimônio, através dos seguintes órgãos:

- I - polícia federal;
- II - polícia rodoviária federal;
- III - polícia ferroviária federal;
- IV - polícias civis;
- V - polícias militares e corpos de bombeiros militares.

É legítima a necessidade de reivindicar um eficiente trabalho de segurança pública a que tem direito todo cidadão. Entretanto, é preciso também que os problemas sociais intensos não sejam ignorados em detrimento de um policiamento ostensivo.

A periferia, a favela, o aglomerado são ambientes reconhecidos e estigmatizados pela ausência que apresentam, por serem lugares destituídos de infraestrutura urbana, como água, luz, rede de esgoto e outros serviços necessários para o atendimento das necessidades básicas de uma comunidade. É também demarcado como o espaço onde imperam a violência, a marginalidade, a falta de ordem, bem como carente de tudo, inclusive de valores e regras.

O olhar para esses ambientes com o foco somente na ausência faz com que os moradores dos centros, ou as próprias políticas públicas e ações privadas tenham uma visão turva dos bairros periféricos, quando não conseguem se despojar do preconceito e do estigma de lugar carente de quase tudo. Dessa forma, não existe o reconhecimento do espaço social com possibilidades de vivências com valores éticos e organização própria que possibilitem seus moradores a viverem de acordo com um padrão diferente do convencional aceito pela sociedade. Assim, vários projetos e ações nas comunidades são direcionados mais como recursos de prevenção da violência e da marginalidade, do que direitos da cidadania focados no desenvolvimento da autonomia.

Magnani (2010), ao relatar sobre experiências de pesquisas em bairros periféricos do Estado de São Paulo, aborda a questão de se desenvolver o olhar de perto nas pesquisas e a descoberta que isso pode trazer: “quando se olha ‘de perto e dentro’ começa-se a descobrir regularidades e não o caos e a fragmentação como normalmente aparecem na mídia, ou até em alguns estudos.”

Vários dos movimentos sociais criados nas próprias comunidades e outros que fazem intervenções têm conseguido mudar um pouco esse olhar da ausência através de ações e mobilizações que valorizem a cultura local através de atividades culturais e manifestações políticas na luta pelo empoderamento de seus valores e diversidades. Sobre essa questão, Novaes (2009, p.17) afirma seguinte:

Como a literatura disponível tem mostrado, nos últimos 15 anos, os chamados grupos culturais de jovens urbanos têm encontrado formas inovadoras para incidir no espaço público. Por meio de ritmos, gestos, rituais e palavras, estes grupos culturais instituem sentidos, negociam significados e combatem a segregação e o preconceito. Por intermédio de seus textos literários, de suas letras de *rap*, de suas apresentações de teatro e dança e de suas programações radiofônicas ou atividades esportivas, contribuem para a ampliação do espaço público. Contando com recursos da internet para se articular e criar redes inventam e reinventam estilos que se tornaram formas de expressão e comunicação entre jovens. Buscam visibilidade pública, funcionam como articuladores de identidades e tornam-se referência na elaboração de projetos individuais e coletivos, sobretudo em áreas pobres e violentas.

As comunidades que compõem o quadro de segregação urbana socioespacial nas grandes metrópoles, como é o caso da comunidade ora estudada, pelas carências que apresentam, chamam muito a atenção de pessoas com interesses diversos, alguns com iniciativas que podem suprir ou amenizar as carências existentes. Outros, nem sempre dispostos a realmente proporcionar benefícios para a comunidade, aproximam-se para usufruir de algum benefício próprio, muitas vezes tirando proveito da fragilidade psicossocial causada pela segregação. Acreditamos ser um dos reflexos da mudança apontada por Magnani, de “massas marginais” para “classes populares”: essa mudança proporciona um melhor acesso às comunidades, além de criar mais possibilidades de diálogos. Nesse sentido, é importante que a comunidade se esforce na busca do senso crítico, reconhecendo seus direitos e deveres, para que consiga lidar de maneira consciente com os processos para os quais for chamada a participar. Tal senso crítico deve ocorrer, principalmente, com relação aos que buscam as comunidades com proposta de projetos e discursos visando apenas ao interesse pessoal e não ao compromisso de realmente ser útil aos moradores no atendimento ou nas orientações sobre as suas reais necessidades.

3.1 Perspectivas de intervenções públicas

Em 1993, a Prefeitura de Belo Horizonte, criou o Orçamento Participativo (OP), como principal canal de participação social, enquanto uma das propostas para envolver os cidadãos no planejamento e definição de obras na cidade. O Portal da Gestão Compartilhada explica que:

Os investimentos do OP ampliam a oferta de escolas, centros de saúde, centros culturais, áreas de lazer, moradias e, sobretudo, de obras de infraestrutura, que levam o desenvolvimento urbano e social a todas as regiões da cidade, principalmente aos bairros periféricos, vilas e favelas contribuindo para a diminuição das desigualdades sociais. (PREFEITURA DE BELO HORIZONTE, 2016)

No quadro abaixo, há o registro de algumas conquistas de infraestrutura obtidas com o OP que impactaram diretamente no Bairro. Obras referentes ao lazer não foram contempladas nesse orçamento.

Quadro 1 – Conquistas obtidas através do Orçamento Participativo – OP

Motivo	Obra	Período de Execução
OP 1994	Abertura e urbanização da rua 10	1997
OP 1995	Pavimentação das Ruas Josefina Oliveira, Doutor Junqueira e Dona Isaura/Bairro Novo das Indústrias.	1996
OP 2001/2002	Construção de passarela sobre o Anel Rodoviário (Avenida Cristiano Resende, esquina com o trevo Via do Minério)	2003
OP 2003/2004	Construção da UMEI Sol Nascente e urbanização da Rua Sebastião Brochado.	
OP 2009/2010	Passarela de pedestres sobre a Via do Minério	Em licitação
OP 2011/2012	Elaboração de Plano Global Específico para a Vila Alta Tensão I.	Em andamento

Fonte: (URBE/PGE, 2012)

Quanto à questão da oferta dos serviços de Esporte, Lazer e Cultura, o Plano Geral Específico, na etapa do levantamento de dados e diagnósticos (PREFEITURA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE, 2012, p.76), identificou a seguinte situação:

Não existem locais próximo à vila que ofereçam atividades ligadas ao esporte, lazer e cultura.

Antigamente havia um campo de futebol próximo à área do Bonsucesso, muito utilizado pelos moradores, havendo inclusive campeonatos. Hoje, segundo informações do Grupo de Referência esse terreno foi comprado por uma empresa e é utilizado como bota fora.

A comunidade do Bairro Novo das Indústrias/ Vila Alta Tensão I, onde se localiza a Associação Helil, não usufrui dos equipamentos públicos instituídos nos bairros

próximos, e muitos moradores nem os reconhecem, principalmente, pela localização dos mesmos que ficam distantes e porque outros localizam-se do outro lado da Via do Minério, cuja travessia é de difícil acesso e oferece muitos riscos. Os equipamentos atendem apenas a parte da comunidade localizada mais próximo a eles.

Como consta no PGE (PREFEITURA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE, 2012, p.65), a Companhia Urbanizadora e de Habitação de Belo Horizonte – URBEL, após o diagnóstico, enviou solicitação à Secretaria Municipal de Esporte e Lazer sobre os equipamentos.

O poder público na esfera municipal, através de levantamentos de dados e reivindicações dos moradores, tem conhecimento da importante demanda local pela apropriação de equipamentos públicos de cultura e lazer, dentro da vila ou em seu entorno. Como consta no PGE, na etapa de Propostas de Intervenções (PREFEITURA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE, 2012, p.62), a “Vila Alta Tensão I não possui espaços públicos abertos ou edificadas destinados ao lazer e ao convívio social, e seu entorno imediato não dispõe de áreas para esse fim.” O mesmo documento PGE (PREFEITURA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE, 2012, p.63) apresenta algumas propostas de intervenção: “para solucionar a demanda por espaços de lazer e convívio social foi indicada a implantação de praças e pequenos largos, aproveitando as áreas remanescentes que se formaram na vila a partir de indicações de remoções [...]”

Está previsto no Orçamento Participativo (PREFEITURA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE, 2015/2016, p.26) a reforma dos equipamentos públicos existentes na Regional Barreiro, localizados no entorno do Bairro Novo das Indústrias, sendo os mesmos que como já registrado não atende a comunidade da Vila Alta Tensão I/ Bairro Novo das Indústrias pela localização e distância.

Quadro 2 – Equipamentos públicos que foram contemplados no Orçamento Participativo – (2015/2016)

Equipamentos	Localização/Bairro
Espaço Esportivo do Milionários	Milionários
Campo do Milionários	Milionários
Complexo Esportivo José Calegário de Cristo	Uruçua
Campo do Conjunto Esperança	Conjunto Esperança
Campo Castanheira II	Bairro Castanheira
Quadra do Conjunto Itaipu	Bairro Itaipu

Fonte: Elaborado pela autora, baseado em PBH/OP – 2015/2016.

Na década de 1980, o Brasil estava retomando a democracia, após algumas décadas de ditadura. Nesse processo, o ambiente estava propício ao fortalecimento dos movimentos populares que envidaram esforços para o reconhecimento dos conselhos

populares na gestão pública. Sabemos que existe uma distância entre a criação das leis e a sua aplicabilidade, mas, ressaltamos que os documentos legais já reconhecem o direito ao acesso ao lazer da criança e do jovem e do adolescente, como previsto na Constituição da República Federativa do Brasil, de 1988, no capítulo VII, intitulado “da Família, da Criança, do Adolescente, do Jovem e do Idoso”, que estabelece o seguinte no art. 227:

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão (BRASIL, 2012, p. 128-129).

Esse artigo serviu de preceito legal para execução do Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei nº 8.069/90, que regulamentou o artigo citado. O Art. 4 apresenta a seguinte formulação:

É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária (BRASIL, 2012, p. 8).

O ECA foi criado com o objetivo de executar a proteção integral e promover uma redefinição do tratamento dado à criança e ao adolescente. Várias mudanças ocorreram com a criação do estatuto, entre elas, as crianças e adolescentes, até então reconhecidos como objetos de intervenção da família e do Estado, com a proposta do estatuto passaram a ser tratados como sujeitos, cidadãos em desenvolvimento. As políticas públicas também estabeleceram uma maior participação da sociedade civil, bem como de esferas públicas e municípios em ações de proteção e assistência social. Nesse contexto, as organizações não governamentais surgiram ou ganharam mais visibilidade. Mas, ao longo desses anos, o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA tem fomentado várias polêmicas sobre a aplicação das medidas. Segundo Silva (2009 não paginado)

É preciso que os governos, a sociedade e a família passem a atuar de forma mais presente e articulada, a fim de que o ECA deixe de ser um projeto, no sentido das práticas de direito nas quais devem ser garantidos a todas as crianças e adolescentes sem restrições, bem como é necessário que haja o entendimento da criança e do adolescente como sujeitos de direitos, pessoas em condições peculiares de desenvolvimento e prioridade absoluta. Dessa forma, haverá a efetivação na proteção integral e garantias da política da criança e do adolescente.

Para fazer-se cumprir e fiscalizar os direitos estabelecidos pelo Estatuto da Criança e do Adolescente, foi criado o Conselho Tutelar, órgão da esfera municipal, que

deverá ser constituído por cinco membros eleitos pela comunidade, e cuja existência de pelo menos um por município será obrigatória.

Apesar de a comunidade ainda conviver com a carência de serviços básicos no bairro, houve uma melhoria do padrão de vida de parte dos moradores. Um dos reflexos dessa mudança é que eles não buscam mais a Associação Helil para suprir necessidades básicas, como alimentação e vestuário.

Segundo a Fundação João Pinheiro (2015, não paginado):

Investimentos sociais e melhoria de emprego e renda fizeram a Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH) dar um salto na qualidade de vida dos moradores. Estudo do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) mostra que a vulnerabilidade social caiu 27,5% entre 2000 e 2010.

3.2 Intervenções não governamentais na comunidade

Nos anos 1990, houve o aumento, o fortalecimento e uma diversificação das Organizações Não Governamentais – as ONGs, dos movimentos sociais, dos fóruns, das assembleias e de algumas estruturas colegiadas institucionalizadas, como significativos instrumentos de mobilização e participação social. Surgem também as Instituições denominadas como terceiro setor, mais articuladas com empresas e fundações.

Apesar do reconhecimento do papel do Estado através dos documentos oficiais, em ser o provedor das políticas públicas para as comunidades, principalmente aquelas consideradas de baixo poder aquisitivo, suas ações não têm sido suficientes. Nesse contexto, atuam as ONGs que oferecem vários tipos de serviços às comunidades, não tendo como objetivo substituir o Estado. Todavia, em muitas áreas em que atuam, e por falta da implementação de políticas públicas, os serviços oferecidos pelas ONGs são procurados pela comunidade como sendo a única alternativa ou a mais acessível para suprir as carências de serviços. Um exemplo é o que ocorre na comunidade do Bairro Novo das Indústrias, que busca a Associação de Bairro, as entidades religiosas e outras ações da iniciativa privada para suprir as carências de serviços que estariam também a cargo do Estado.

As ONGs e os movimentos sociais abriram possibilidades de mobilizações populares para a reivindicação de direitos sociais. Porém, uma parte dessas organizações coloca-se como mediadoras, buscando auxílio na iniciativa privada e até mesmo no Estado, enfraquecendo assim o potencial em fomentar a população no processo das reivindicações nas esferas públicas. Muitas organizações são atendidas como mediadoras, na maioria das vezes, de forma precária e fragmentada.

Segundo pesquisa do IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, em parceria com o IPEA:

Existiam oficialmente no Brasil, em 2010, 290,7 mil Fundações Privadas e Associações sem Fins Lucrativos - Fasfil. Sua importância é revelada pelo fato de este grupo de instituições representar mais da metade (52,2%) do total de 556,8 mil entidades sem fins lucrativos e uma parcela significativa (5,2%) do total de 5,6 milhões de entidades públicas e privadas, lucrativas e não lucrativas, que compunham o Cadastro Central de Empresas - Cempre, do IBGE. (IBGE, 2010, não paginado)

Esses números são apresentados no quadro abaixo com a descrição dos segmentos em que as Fundações Privadas e Associações sem Fins Lucrativos atuam.

Quadro 3 – Número de Fundações Privadas e Associações sem Fins Lucrativos, segundo a classificação das entidades sem fins lucrativos, Brasil – 2010

Classificação das entidades sem fins lucrativos	Número de Fundações Privadas e Associações sem Fins Lucrativos
Total	290 692
Habitação	292
Habitação	292
Saúde	6 029
Hospitais	2 132
Outros serviços de saúde	3 897
Cultura e recreação	36 921
Cultura e arte	11 995
Esportes e recreação	24 926
Educação e pesquisa	17 664
Educação infantil	2 193
Ensino fundamental	4 475
Ensino médio	2 107
Educação superior	1 395
Estudos e pesquisas	2 059
Educação profissional	531
Outras formas de educação/ensino	4 904
Assistência social	30 414
Assistência social	30 414
Religião	82 853
Religião	82 853
Associações patronais e profissionais	44 939
Associações empresariais e patronais	4 559
Associações profissionais	17 450
Associações de produtores rurais	22 930
Meio ambiente e proteção animal	2 242
Meio ambiente e proteção animal	2 242

Desenvolvimento e defesa de direitos	42 463
Associação de moradores	13 101
Centros e associações comunitárias	20 071
Desenvolvimento rural	1 522
Emprego e treinamento	507
Defesa de direitos de grupos e minorias	5 129
Outras formas de desenvolvimento e defesa de direitos	2 133
Outras instituições privadas sem fins lucrativos	26 875
Outras instituições privadas sem fins lucrativos não especificadas anteriormente	26 875

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Cadastro Central de Empresas 2010.

Além das atividades socioeducativas, oferecidas pela Associação Helil, a comunidade dos Bairros das Indústrias e Novo das Indústrias/Vila Alta Tensão I contam também com o Programa Comunidade Viva, com propostas de responsabilidade social, que tem como objetivo a valorização do indivíduo, a assistência para a melhoria de vida da comunidade. Atua com a gestão da ONG Cooperação para o Desenvolvimento e Morada Humana (CDM), e em parcerias com setores privados e públicos, como Fundação Sidertube, a Vallourec, Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente/BH, além da Prefeitura Municipal.

O programa está ancorado em dois eixos: Educação e Trabalho e, respectivamente, Fortalecimento de Comunidades. Em parceria com a Escola Estadual José Miguel do Nascimento, que atende também ao Bairro Novo das Indústrias e a Vila Alta Tensão I, desenvolve-se várias oficinas na escola, como, por exemplo, aula de percussão, sapateado, reforço escolar e dança de rua. O programa atua também em parceria com a Escola Estadual Padre João Botelho, Segundo a diretora da referida escola, conforme registrado no PGE, 2012, as famílias participam, mesmo que de forma limitada, de projetos e ações focados na interação entre Família e Escola. É destacado ainda que estas famílias apresentam um baixo perfil socioeconômico e consideram relevante o papel da Escola na comunidade. Os bairros mais atendidos pela escola são Betânia e Bairro das Indústrias. Aliás, vários educandos da Associação Helil atravessam a Via do Minério para frequentar essa escola, que atua com o objetivo de minimizar os reflexos dos riscos sociais aos quais seu público está exposto, além de buscar alternativas em parcerias com outras Instituições públicas, privadas e organizações não governamentais para implantação de projetos sociais na escola.

Através da parceria com o programa Comunidade Viva, a instituição de ensino formou a Orquestra InfantoJuvenil da Escola Estadual Padre João Botelho, e faz parte do

projeto Música nas Escolas, que tem como objetivo diminuir a distância entre a juventude da periferia de Belo Horizonte e o universo das músicas erudita e popular, através de cursos regulares de formação musical e de apresentações abertas ao público.

Uma das ações do programa, que consideramos relevante ressaltar, pois está diretamente ligada ao objeto de nossa pesquisa, é a implantação ou apoio às oficinas de futebol de campo e de salão, oferecidas por Projetos Sociais, Instituições Filantrópicas, Associações de Bairro e outros. Para essa ação o Programa Comunidade Viva conta com a parceria da organização De Peito Aberto para incentivo ao Esporte e Lazer, idealizada por um grupo de atletas, profissionais e entusiastas dos esportes, que, através do projeto Esporte na Cidade, disponibiliza profissionais para o acompanhamento, treinamento e desenvolvimento das oficinas, juntamente com monitores dos projetos e de acordo com as diretrizes das instituições. A oficina de futsal da Associação Helil, durante um período, teve o apoio semanalmente do programa. A associação do bairro e instituições religiosas do bairro, também em parceria com a Comunidade Viva, promovem atividades de cultura e lazer.

Os projetos sociais, em sua maioria, sejam eles governamentais ou de iniciativa privada, têm uma proposta salvacionista e compensatória para as atividades destinadas aos jovens em situação de risco social. Assim como o esporte, a música, a dança, o artesanato e outras atividades oferecidas são idealizadas como um recurso para amenizar as carências sociais, portanto, sendo vistas como oportunidades para “tirar” as crianças e os jovens de situações de envolvimento com o universo dos vícios e da criminalidade, através da implantação de atividades consideradas saudáveis no sentido de ocupar-lhes o tempo e de diminuir assim as possibilidades do envolvimento deles com a criminalidade e com outros fatores de risco social. Nessa tentativa, o futebol de campo e o futsal são esportes muito utilizados nos projetos, na tentativa desse processo salvacionista, profilático e compensatório, isso por vários motivos, como a grande aceitação e interesse dos educandos, a possibilidade de implantar uma escolinha de futebol sem a necessidade de uma estrutura física e humana complexa, e também por fatores históricos e culturais, como o envolvimento da maioria dos brasileiros com o futebol desde muito pequenos.

3.3 A oficina de futsal como espaço de lazer

Este trabalho compreende o lazer na dimensão da cultura. São várias as teorias sobre o tema, cujo interesse foi despertado com o advento da revolução industrial, quando foi necessário diferenciar o tempo de trabalho do tempo livre. Nessa dimensão da cultura, é possível uma melhor compreensão do que significa a oficina para os educandos, tendo em vista que a faixa etária deles é de crianças e adolescentes entre 9 e 18 anos. O ócio, para eles, tem outro sentido por não estarem nas condições de trabalho que um adulto precisa administrar.

Entretanto, podemos observar que há cada dia mais crianças e também adolescentes estão sobrecarregados de atividades que muitas vezes não proporcionam prazer e, assim, são obrigados a abandonar cada vez mais as brincadeiras e o lúdico em seu dia a dia. Aqueles que pertencem às classes sociais mais favorecidas são levados a várias atividades, como aulas de línguas, informática, danças e outras atividades. Outros, pelas necessidades das famílias, são levados ao trabalho informal. Temos na oficina de futsal da Helil alguns educandos que já trabalham informalmente, vendem doces, picolés e realizam pequenos trabalhos para os vizinhos.

Durante a pesquisa, quando perguntados sobre o que entendiam por lazer, os educandos foram unânimes em relacioná-lo com o lúdico e o brincar, e a oficina de futsal foi citada por eles como um espaço de diversão onde usufruíam do lazer. Os depoimentos citados abaixo revelam tal percepção do que significaria “lazer”:

- Lazer? Não sei deve ser coisa tipo jogar bola, brincar no parque, jogar futebol igual a gente faz na Helil. (P1 – 9 anos).
- Lazer é uma coisa que nós temos que divertir que igual aqui na Helil muita convivência com todos que nós aprendemos muitas coisas pra mim isso que é lazer. (P2 – 10 anos).

A convivência em família e também na oficina foi um fator citado pelos educandos como oportunidade de lazer:

- Eu entendo ter algum lugar pra divertir como a oficina de futebol aqui na Helil ser unido na nossa casa, todo mundo ajuda um ao outro, acho que isso é lazer. Ah também viajar, ficar com a família em casa visitar os parentes as pessoas que a gente gosta. (P3 – 12 anos).
- Lazer eu entendo como um divertimento. (P6 – 16 anos).

Independente da faixa etária, para os educandos entrevistados o lazer é referência de vivência lúdica, ou seja, atividades relacionadas ao prazer e ao divertimento.

Até mesmo na primeira parte da oficina, momento da evangelização infanto-juvenil, os educandos pedem atividades lúdicas. Isayama e Gomes (2008, p.160) afirmam que:

Estando em processo de constituição e desenvolvimento, certamente as crianças precisam ampliar as suas oportunidades de conviver, interagir, refletir, duvidar, questionar, criar, descobrir, e... brincar, desenvolvendo assim todo seu potencial. Desse modo, assinalamos o brincar como fundamental para a infância (mas não apenas para essa fase da vida), e não como uma estratégia para evitar a controvérsia lazer/criança.

A oficina de futsal surgiu com o objetivo de treinar para formar um time da Associação e participar de jogos fora da Instituição. Poucas foram as oportunidades que os educandos tiveram para jogar com outros times. Vários fatores contribuíram para isso, como: os times adversários somente poderiam jogar aos domingos, dia de indisponibilidade dos educadores; a falta de espaço na instituição para jogos, já que a parceria com a escola José Miguel do Nascimento é somente para os sábados e a falta de planejamento da equipe.

Antes de iniciar a pesquisa na oficina de futsal da Associação Helil, eu já fazia parte do grupo de educadores. Como pesquisadora, meu olhar ficou mais atento aos dados que precisava coletar, de modo que o caderno de anotações que já me acompanhava tornou-se um objeto ainda mais imprescindível e inseparável. Alguns educandos que foram entrevistados já sabiam da pesquisa, mas embora a participação das mulheres no futebol tenha nos últimos anos ganhado mais espaço, a presença feminina nesse contexto ainda causa algum estranhamento, ainda mais quando se está observando e escrevendo tanto, o que pude perceber quando os novatos iam chegando e, às vezes, não tinha dado tempo para eu explicar o que estava fazendo.

Sempre um ou outro, quando me via escrevendo, falava:

- _ Aí professora só na pesquisa né?
- _ Escreveu sobre mim aí professora?
- _ Professora você esta escrevendo muito sobre nós heim!

Identifiquei duas possibilidades nestas afirmações: a primeira, embora eles não tenham uma noção exata do que seja uma pesquisa, pareceu-me que eles demonstraram certo orgulho em participar, sentiram-se valorizados e reconhecidos na oficina, o que pode até trazer-lhes algum benefício quanto a elevação da autoestima. Outra possibilidade é o olhar desconfiado para uma mulher – embora já aceita e comum no grupo – no contexto do futebol escrevendo sobre eles. Quando surgiam questionamento ou observações quanto à pesquisa, eu explicava do que se tratava.

Por sua vez, como já existia uma relação estabelecida com todos da oficina, educandos e educadores, foi preciso buscar certo distanciamento para fazer observações mais críticas e, ao mesmo tempo, distanciar o olhar de quem fazia parte do objeto de pesquisa.

Em um determinado dia durante o treino, estava com o caderno de anotações, quando aproximou-se um educando e disse: “– Professora já que você está escrevendo sobre nós, então anota aí que minha chuteira está muito ruim e que preciso de outra quem sabe alguém que vai ler a sua pesquisa me dá uma?” Pensei sobre o caráter prático e imediatista que o educando estava dando à pesquisa, o que é pertinente vindo de um adolescente focado no presente, naquela situação pontual, ou seja, no momento a sua necessidade real era a de uma chuteira nova.

Durante o processo de observação, várias perguntas me vieram à mente quanto à questão de identidade, como: quem são estas crianças e estes adolescentes? Será suficiente fazer alguns recortes em relação a eles como: são moradores da periferia, nome e endereço tal e de famílias de baixa renda? O olhar estaria também cheio de rótulos? Como instituir-se políticas públicas ou iniciativas privadas sem conhecer seus desejos e os significados de suas escolhas? Quanto a essas questões de identidade juvenil, Dayrell (2003, p.40) afirma que:

Ao analisar a produção teórica sobre os grupos musicais juvenis no Brasil, pelo menos aquelas a que tivemos acesso, percebi uma tendência na descrição e análise dos grupos em si mesmos, possibilitando o conhecimento da sua realidade cotidiana, a forma como constroem o estilo, os significados que lhe atribuem e o que expressam no contexto de uma sociedade cada vez mais globalizada. Esses estudos muito contribuíram para problematizar a cultura juvenil contemporânea, evidenciando, por meio dela, os anseios e os dilemas vividos pela juventude brasileira. Contudo, apesar de suas contribuições, essa produção teórica apresenta uma lacuna. Ao construir o seu objeto, tais investigações recortam de tal forma a realidade dos jovens que dificultam a sua compreensão como sujeitos, na sua totalidade. Podemos até conhecer o jovem como um rapper ou um funkeiro, mas sabemos muito pouco a respeito do significado dessa identidade no conjunto que, efetivamente, faz com que ele seja o que é naquele momento.

Fazer recortes como “estas crianças e adolescentes são de famílias pobres ou vivem em situações de riscos” é limitar a nossa percepção sobre eles e, principalmente, o lugar que lhes cabe na sociedade como sujeitos sociais.

Ao implantar um projeto é necessário conhecer bem o público, saber de suas expectativas, escolhas e o cotidiano que o cerca, para que os educandos possam realmente se interessar por algo que faça parte do seu universo e para também se sentirem respeitados em seu espaço. Não se torna eficiente quando um projeto é lançado sem que se faça um diagnóstico do público que se pretende atingir. Nesse sentido, percebemos profissionais da educação formal ou não formal frustrados pelo que analisam

como posturas dos educandos, como “falta de interesse” em oficinas organizadas, gerando falas que os rotula como desinteressados, sem vontade de aprender, além de expressões do tipo “eles não se interessam por nada” “só querem ficar na desordem”. Muitas vezes, as atividades não são estimulantes por não fazerem sentido para suas vidas.

Uma estratégia para incentivar os alunos na busca por conhecimento é o foco no desenvolvimento da autonomia, é o processo em que eles serão chamados e encorajados a pensar e participar ativamente com senso crítico nas atividades. Para isso, é preciso que os projetos sociais implantados em comunidades de baixo poder aquisitivo saiam do senso comum do olhar da ausência apenas.

Turino (2003, p.49) afirma que: “Trabalhar, fortalecendo vínculos afetivos e sociais, é tecer uma delicada rede de relações humanas, sem as quais, fica impossível um desenvolvimento saudável de crianças e jovens.” Tornar-se importante no processo de formação da personalidade o desenvolvimento da afetividade, que poderá contribuir positivamente para o desempenho das relações que a criança e o adolescente terão. Principalmente, em ambientes hostis como são a maioria dos espaços onde vivem nossos educandos, não se trata aqui de reforçar ou estigmatizar os ambientes da periferia ou classificados como ambientes de vulnerabilidade social, em detrimento de bairros ou ambientes de classes sociais mais favorecidas, pois sabemos que a violência, a truculência e a hostilidade podem fazer parte de qualquer ambiente, assim como também o esforço em aprender e os sonhos por um futuro melhor.

Como nos lembra Couto e Couto (2011, p.81), “Um projeto social é aquele constituído para, em alguma medida, promover alterações nas condições de vida da população-alvo, proporcionando um ambiente social mais justo e democrático.”

O espaço da instituição constitui-se em um momento em que os educandos podem usufruir da convivência e aproveitar as vivências proporcionadas pelo esporte. Na região em que a Instituição está localizada não existem espaços ou equipamentos instituídos de lazer de fácil acesso aos educandos, a não serem as atividades promovidas pela Comunidade Viva na Escola, José Miguel do Nascimento, pois os mais próximos estão localizados em outros bairros, o que dificulta o deslocamento, principalmente para os menores de idade que dependeriam de alguém para levá-los, e também de algum transporte. A Prefeitura de Belo Horizonte através do Plano Geral Específico (PGE) constatou que a região da Vila Alta Tensão é carente de intervenções sociais. Durante a pesquisa, os gestores da Associação Helil foram perguntados se a oficina ora pesquisada

seria um projeto a amenizar essa carência. Vejamos o que um dos gestores declarou a respeito:

Acreditamos que sim, a oficina ameniza esse quadro, pois as crianças e jovens frequentadores seguem muito motivados com a atividade, convidando cada vez mais colegas e amigos para também a integrarem. Percebemos como os jovens realizam a atividade com assiduidade, muita alegria e motivação. (G1)

Percebemos na fala da gestora G1, que ela reconhece o papel da instituição como um espaço para amenizar a carência de intervenções sociais na região. Ressalta os sentimentos demonstrados pelos educandos como fator de base para sua percepção. A infraestrutura física da Associação é precária para a prática do futsal, a quadra da Instituição não tem o tamanho adequado para os jogos, não tem tela ou grade de proteção nos muros que circundam o espaço, fazendo com que as bolas, normalmente adquiridas por doação, caiam e fiquem perdidas nas casas dos vizinhos. Um projeto de reforma da quadra está em estudo. Diante desses problemas desde a implantação da oficina em 2009, foi firmada uma parceria com a Escola Estadual José Miguel do Nascimento, que está situada próxima à instituição, para a cessão da quadra da escola, Assim, os educandos e os educadores se deslocam para lá semanalmente, com exceção dos sábados letivos em que a quadra é utilizada para alguma atividade acadêmica, nesses casos a oficina é realizada na precária quadra da Instituição.

A insatisfação com o espaço foi relatada pelos educandos na entrevista quando perguntados se achavam que era preciso melhorar alguma questão na oficina:

- Ah o horário e a quadra né porque é muito apertada. (P2 – 10 anos)
- Do jeito que tá tá bom só falta melhorar (risos) o horário e o espaço da quadra também. (P7 – 16 anos)
- Sim. A quadra que nem sempre dá para ir lá e ter mais dias da semana não só no sábado. (P8 – 18 anos)

O desejo de ampliação da oferta da oficina é unânime entre os educandos, a Associação não tem previsão para atendê-los devido à indisponibilidade dos educadores e também da quadra, já que a escola tem atividades durante a semana.

4 A OFICINA DE FUTSAL COMO UM DOS MEIOS DE SOCIALIZAÇÃO DA E NA INFÂNCIA E NA ADOLESCÊNCIA

Um dos mecanismos de organização da sociedade é a instituição social que é formada por um conjunto de regras e ações uniformizadas socialmente, as quais visam a manter a organização do grupo de acordo com os interesses dos que dela participam. A família é uma instituição social em que, geralmente, é a primeira em que o indivíduo é inserido, quando assim inicia-se um processo de socialização através da interação e da integração ao contrato social familiar, quando os integrantes internalizam uma série de valores e referências para agir e pensar. Ao longo do desenvolvimento humano, o indivíduo integra-se a várias instituições sociais como a escola, a instituição religiosa e outros grupos. As instituições tendem a ser conservadoras em suas regras e práticas, tendo em vista o objetivo de manter a ordem social.

Os educandos, quando chegam à Oficina de futsal da Associação Helil, trazem consigo hábitos culturais e interações construídas e desenvolvidas nos núcleos sociais que fazem parte, como a família, a escola e a rua.⁹

A pesquisa de campo possibilitou uma observação atenta quanto às formas que esses hábitos são exteriorizados pelos educandos nas participações, desde que chegam à Casa e durante a Oficina, esse processo suscitou uma avaliação a respeito do lugar social e dos valores que estavam permeando o olhar dos adultos. Por muito tempo, estávamos convencidos de que, por uma construção histórica social, a infância e a adolescência seriam períodos de completa dependência, passividade e fragilidade, principalmente, na infância, em que a visão idealizava um período de despreocupação e de fantasia, quando então crianças e adolescentes seriam vistos apenas como objetos de intervenção da família e do Estado.

Algumas reflexões e ações das esferas públicas e privadas constituídas por estudiosos levaram a sociedade a ampliar o olhar para as crianças e os adolescentes, suscitando discussões, visando romper com essa construção e reconhecendo-os como sujeitos sociais com direitos e atuantes no processo de aprendizagem em todas as esferas que estejam inseridas.

A respeito dessa construção histórica sobre as crianças, Incontri (2004, p.34), afirma que:

Durante muitos séculos, achou-se que a criança era um recipiente vazio, onde se deveria derramar o conteúdo da Educação, ou uma argila que se deveria moldar, segundo os padrões do adulto. A partir de Rousseau, entretanto, começou-se a

⁹ Mais adiante, abordarei algumas significações da rua apontadas pelos educandos na pesquisa.

reconhecer que a criança constrói a si mesma – ela se desenvolve a partir de um impulso interno, coordenando esse desenvolvimento, embora influenciada por estímulos e condições externas.

O processo de mudança tem sido longo, árduo e controverso por envolver várias esferas da sociedade, cada uma com seus objetivos e conceitos culturalmente arraigados, e muitas mudanças sociais que implicam em descobrir novos caminhos para atender as necessidades. Debortoli (2008, p.72) aborda tal tema da seguinte forma:

No contemporâneo, outros discursos e práticas para com a infância, por mais ambíguos que sejam, vêm nos possibilitando outros olhares sobre as crianças, trazendo a infância para a cena de discussão e conquista de direitos sociais coletivos e subjetivos.

Mesmo que as mudanças ainda não sejam significativas, é importante ressaltar que uma nova visibilidade da infância tem sido discutida levando-se em consideração um novo papel como sujeito social.

Já a adolescência é marcada por um período de mudanças corporais, no temperamento e na saúde, a maioria passa por esse momento com dificuldades em posicionar-se em várias situações, já que não consegue reconhecer com clareza o lugar que lhe pertence, uma vez que a fase de transição da infância para o mundo adulto está estabelecida. A tendência de adolescentes a achar que são onipotentes para resolver a própria vida, os comportamentos impulsivos e confusos, pode marcar esse período com suas características peculiares e intensas, principalmente se no período da infância esse adolescente não foi estimulado a lidar de maneira saudável com suas emoções e a fazer uma autoanálise.

Lidar com essas mudanças que geram inquietações pode não ser tranquilo tanto para os próprios adolescentes, quanto para os que convivem com eles, o que requer um estudo e entendimento dessa fase para que evite-se o que é muito comum, como marcá-la por rótulos de rebeldia, indisciplina e não aceitação às regras, essas, aliás, que às vezes visam apenas a tolher a criatividade e a espontaneidade da fase em virtude de um conceito de disciplina baseado no controle, na suposta soberania dos adultos.

Quando os educandos exteriorizam seus hábitos é interessante observar o universo em que vivem, suas singularidades e os valores que norteiam suas vivências. Nesse processo, para que o adulto consiga agir com empatia e interagir com o adolescente, é preciso respeitar a construção desse universo e não representar aquele que detém todo o conhecimento capaz de colocá-lo em uma posição de superioridade por julgar-se dominante de valores que considera coerentes, certos e verdadeiros, baseados em normas de civilidade. Isso não quer dizer que o adulto não deverá fazer intervenções com o objetivo de fazê-lo refletir sobre o contexto em que vive, até porque na

adolescência os valores não estão sedimentados e, por exemplo, os limites podem ser um recurso para ajudá-los a organizar a mente confusa pelas incertezas do momento de transição.

Quando o educador está receptivo a conhecer, vivenciar e respeitar outros valores além daqueles construídos pelas suas experiências, o crescimento como indivíduo é recíproco e o processo de socialização ocorre de maneira a contribuir para o crescimento de todos, desde que nas relações não se estabeleçam papéis e rótulos que possam distanciar a interação na convivência, como a visão da superioridade absoluta atribuída ao adulto, a fragilidade e a passividade caracterizada a criança, e a rebeldia e a indisciplina como rótulos muito comuns dados aos adolescentes.

O grupo de educadores da oficina de futsal é bem heterogêneo¹⁰ na formação profissional, acadêmica, doutrinária e em vivências pessoais, característica que pode ser muito favorável a qualquer trabalho em equipe, em organizações filantrópicas ou não, desde que seja valorizada e reconhecida com fator possível de desencadear desenvolvimento e crescimento ao grupo a partir do compartilhamento das peculiaridades de cada um. Do contrário, a diversidade do perfil do grupo pode também ser fator que proporciona desentendimentos quando as diretrizes do trabalho não estão bem definidas. Inúmeros estudiosos trazem à tona como discussão a questão dos conflitos em trabalhos em equipe. Rocha, (2014, não paginado) aborda o tema dividindo-o em duas classificações da seguinte forma:

Existem **conflitos funcionais** que atuam de forma construtiva apoiando os objetivos do grupo e melhorando o desempenho, e existem os **conflitos disfuncionais** que atrapalham o desempenho do grupo. Estudos mostram que os conflitos de relacionamentos são quase sempre disfuncionais, pois conflitos de relacionamentos aumentam o choque de personalidades e reduzem a compreensão mútua, impedindo, assim, a realização das tarefas organizacionais (grifo nosso).

A equipe de educadores da oficina de futsal tem um bom entrosamento, respeito mútuo e prazer em realizar o trabalho em conjunto. A diversidade entre o grupo de trabalho atua como uma ferramenta a fomentar discussões e ampliar os olhares sobre as perspectivas das atividades. No processo de análise de algumas posturas dos educandos e em discussões sobre algumas diretrizes para o trabalho, surgem divergências, mas sem grandes conflitos no sentido de impedir ou desestruturar as atividades. Entretanto, ratifico aqui a constatação feita anteriormente, da ausência de reuniões periódicas para alinhar e discutir as ações impostas à oficina de futsal, o que

¹⁰ Na introdução deste trabalho, faço uma apresentação da equipe de educadores da oficina de futsal.

poderia proporcionar discussões mais amplas com o objetivo de aproveitar melhor as ideias e percepções discordantes.

Freire (1996, p.23-24), aborda a questão do homem como um ser inacabado, e de como pode dar-se o processo de aprendizagem mútua nas relações entre docentes e discentes:

Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina, ensina alguma coisa a alguém. Por isso é que, do ponto de vista gramatical, o verbo ensinar é um verbo transitivo-relativo. Verbo que pede um objeto *direto* – *alguma coisa* – e um objeto *indireto* – *a alguém*. Do ponto de vista democrático em que me situo, mas também do ponto de vista da radicalidade metafísica em que me coloco e de que decorre minha compreensão do homem e da mulher como seres históricos e inacabados e sobre que se funda a minha inteligência do processo de conhecer, ensinar é algo mais que um verbo transitivo-relativo. Ensinar inexiste sem aprender e vice-versa e foi aprendendo socialmente que, historicamente, mulheres e homens descobriram que era possível ensinar.

Essa abordagem leva-nos a refletir sobre outro conceito elaborado por Paulo Freire que é a “educação bancária”,¹¹ uma análise crítica do processo educativo tradicional em que o conhecimento é caracterizado como algo a ser apenas transferido. Paulo Freire, para exemplificar esse processo, utiliza uma metáfora em que os educandos são conduzidos como “vasilhas”, “recipientes” onde o educador faz os “depósitos” de conhecimento.

A maioria dos adultos, em nossa sociedade, traz consigo a herança de uma educação tradicional como definida por Paulo Freire. Assim, aquele que deseja atuar como educador, deverá estar sempre pré-disposto ao processo de autoavaliação de suas práticas educativas. Essa avaliação poderá ser um recurso para que a atuação seja mais ampla em espaços em que se têm como objetivo a educação integral do ser e também o crescimento recíproco, como nas atividades da evangelização infanto-juvenil¹² da Associação Helil.

Reiteramos aqui que o objetivo da evangelização não deverá ser o de catequizar, padronizar ou modelar os educandos a partir dos valores dos adultos, e sim proporcionar-lhes recursos embasados em valores morais consensuais, para que possam fazer reflexões e atuar de forma mais crítica e participativa nos contextos sociais em que estão inseridos.

¹¹ Esse conceito foi abordado em FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1974.

¹² Ação voltada ao estudo da Doutrina Espírita e a vivência do Evangelho de Jesus junto à criança, ao adolescente e ao jovem. Ressaltamos que, na Instituição, não trabalhamos com atividades visando ao estudo sistematizado da Doutrina.

Torna-se necessária uma constante reflexão crítica sobre as práticas, pois, como uma Instituição social com regras e um conjunto de normas já estabelecidas, o educador pode facilmente entrar nos processos de imposição, apenas transferência de conhecimento, ou até mesmo em outras situações, como a tentativa de imposição de outras culturas, não respeitando ou valorizando a cultura local, principalmente porque boa parte das instituições sociais está presente nas periferias dos grandes centros, onde os educandos são alvos de pré-conceito com frequência por vários setores da sociedade, embora já seja possível perceber uma mudança ocorrendo através de discussões que trazem à tona um novo olhar sobre essa cultura, como abordado no capítulo anterior.

Sobre a questão da discriminação cultural, Freire (1996, p.60-61) aborda o tema da seguinte forma:

Qualquer forma de discriminação é imoral e lutar contra ela é um dever por mais que se reconheça a força dos condicionamentos a enfrentar. A boniteza de ser gente se acha, entre outras coisas, nessa possibilidade e nesse dever de brigar. Saber que devo respeito à autonomia e à identidade do educando exige de mim uma prática em tudo coerente com este saber.

No caso da oficina em estudo, durante todo o trabalho, mas, principalmente na primeira parte, quando acontece a roda de conversas e o acolhimento, através de uma observação atenta, os educadores podem apropriar-se do perfil e da bagagem sociocultural e das tensões que os educandos trazem de suas relações sociais, quando eles têm a oportunidade de relatar suas vivências no cotidiano, colocar em evidência as expressões corporais, a linguagem – aliás, bem peculiar em boa parte dos adolescentes –, e de suas preferências, como a música, a vestimenta e, principalmente, os valores que expressam quando relatam ações do cotidiano, que são anotadas pelos educadores e, posteriormente, discutidas na preparação das aulas, visando a aproveitar ao máximo as percepções da realidade em que estão inseridos.

São tentativas de aproximar-se dos valores que, para eles, são reais, mas nem sempre as abordagens elaboradas conseguem essa aproximação, pois elas são elaboradas a partir do olhar de alguém que está fora do contexto e, por mais que se faça o esforço em se aproximar, a distância é marcada pela falta de vivência dentro do contexto.

Para abranger com mais proximidade a faixa etária dos educandos da oficina de futsal, adotamos a classificação que foi determinada pelo Estatuto da Criança e da Adolescência – ECA, ou seja, 0 a 12 anos corresponde à infância e de 12 a 18 anos, à

adolescência.¹³ Assim, nossos educandos de 0 a 11 anos estão na fase determinada como terceira infância que, de acordo com Papalia & Feldman (2013, p.40-41), compreende as seguintes características apresentadas no quadro abaixo:

Quadro 4 – Principais desenvolvimentos típicos na primeira infância e na adolescência

	Desenvolvimento Físico	Desenvolvimento Cognitivo	Desenvolvimento Psicossocial
Terceira Infância (6 a 11 anos)	<ul style="list-style-type: none"> - O crescimento torna-se mais lento. A força física e as habilidades atléticas aumentam. - São comuns as doenças respiratórias, mas de um modo geral a saúde é melhor do que em qualquer outra fase do ciclo de vida. 	<ul style="list-style-type: none"> - Diminui o egocentrismo. - As crianças começam a pensar com lógica, porém concretamente. - As habilidades de memória e linguagem aumentam. - Ganhos cognitivos permitem à criança beneficiar-se da instrução formal na escola. - Algumas crianças demonstram necessidades educacionais e talentos especiais. 	<ul style="list-style-type: none"> - O autoconceito torna-se mais complexo, afetando a autoestima. - A correção reflete um deslocamento gradual no controle dos pais e para a criança. - Os colegas assumem importância fundamental.
Adolescência (11 a 18 anos)	<ul style="list-style-type: none"> - O crescimento físico e outras mudanças são rápidas e profundas. - Ocorre a maturidade reprodutiva. - Os principais riscos para a saúde emergem de questões comportamentais, tais como transtornos da alimentação e abuso de drogas. 	<ul style="list-style-type: none"> - Desenvolvem-se a capacidade de pensar em termos abstratos e de usar o raciocínio científico. - O pensamento imaturo persiste em algumas atitudes e comportamentos. - A educação concentra-se na preparação para a faculdade ou para a profissão. 	<ul style="list-style-type: none"> - A busca pela identidade, incluindo a identidade sexual, torna-se central. - O relacionamento com os pais geralmente é bom. - Os amigos podem exercer influência positiva ou negativa.

Fonte: Papalia, Feldman (2013).

Ressaltamos que o quadro acima apresenta características típicas, mas que podem variar por questões como, por exemplo, estímulos, influência e necessidade do meio em que estão inseridos, aptidões, entre outros.

¹³ Essa classificação é diferente do padrão adotado pela Organização Mundial de Saúde – OMS, sendo Adolescência de 10 aos 19 anos, e Juventude de 15 aos 24 anos.

4.1 As brincadeiras como oportunidades de lazer e de socialização quando os educandos chegam à Instituição

A única condição exigida para que a criança ou o adolescente participe das oficinas é que um responsável, maior de dezoito anos, vá à Instituição e realize o preenchimento de uma ficha de inscrição,¹⁴ sobre alguns dados da criança ou do adolescente e de seu núcleo familiar.

A norma da Instituição é que esse procedimento seja realizado no primeiro ou no segundo dia da participação deles, o que nem sempre se consegue garantir. Vários educandos chegam à Casa com os irmãos, os vizinhos ou colegas e ficam algum tempo, sem que alguém vá realizar a inscrição. Não é prática da Casa excluir alguém pela falta de contato dos pais, eles são aguardados até que atendam à norma, o que pode demorar um pouco, mas a situação é resolvida, os próprios educandos pressionam a família com medo de perder o espaço.

Com o passar do tempo, observamos que um dos motivos dessa ausência da família, nessa situação, deve-se também ao fato de que as atividades oferecidas pela instituição não são desconhecidas para a comunidade, tendo em vista as décadas de atuação no bairro,¹⁵ é comum termos irmãos, filhos, sobrinhos de ex-educandos, que já estiveram conosco na Instituição ao longo desses trabalhos na comunidade.

Até o ano 2001, a Casa oferecia um trabalho bem diversificado de oficinas de artesanato para os adultos, a maioria mulheres. Por isso, a Casa atende também vários netos dessas ex-participantes.

Estudos mostram a importância do envolvimento da família nas atividades sociais em que os filhos estão inseridos. Embora os educadores e gestores da Associação Helil reconheçam essa importância, não são realizadas ações que promovam o envolvimento dos familiares ou responsáveis.

Após o contato entre os responsáveis pelos educandos e a instituição, torna-se uma prática comum a permissão que eles dão aos filhos ou netos mais velhos para levarem os mais novos¹⁶ para as atividades. É interessante observar como eles são solidários entre si quando se trata de ir para a creche, como se refere a maioria sobre a Instituição,¹⁷ mesmo os pequenos se organizam para levar os outros, existindo um grau de parentesco ou não, o que é muito comum entre eles. Por várias vezes, testemunhamos

¹⁴ Formulário apresentado nos apêndices deste trabalho.

¹⁵ A fundação da Casa na comunidade foi em 1983, e está em atividade ininterrupta desde então.

¹⁶ Constitui-se uma prática familiar os irmãos maiores, em suas casas cuidarem dos irmãos menores para que os pais ou responsáveis trabalhem, mesmo que não haja uma significativa diferença na idade.

¹⁷ A Associação Helil de Amparo à Criança já prestou à comunidade por 18 anos o serviço de creche.

a relação de cuidados entre eles. Às vezes, acontecem também as rivalidades com tensões que já ocorreram até dentro da Instituição. Através das apresentações que fazem quando chegam à Instituição fica claro que a comunicação informal, o “boca a boca”, continua sendo a forma mais comum de divulgação das atividades da Casa.

Frequentemente, aos sábados, dia em que as oficinas são oferecidas na Associação, os educandos chegam ansiosos antes do horário marcado para o início das atividades,¹⁸ antes dos educadores e até mesmo antes que a Casa seja aberta, principalmente os que integram a oficina de futsal.

Enquanto aguardam, ficam conversando ou brincando na rua que, por ter um trânsito local intenso, é motivo de preocupação para os educadores e gestores, que, ao perceberem essa situação, conversam com todos reforçando o horário previsto para que possam permanecer com segurança.

Interessante ressaltar que as concepções de rua para o adulto e para a criança têm significados muito diferentes, embora a questão da segurança tenha que ser levada em conta. Mas, percebe-se que o desejo do adulto é o de proteger a criança dentro dos muros convencionais de segurança. A rua, na visão de boa parte dos adultos, é espaço de perigo, insegurança e até marginalidade, independentemente de estar na periferia ou em área central de uma cidade.

Já para a criança, principalmente a da periferia, a rua é espaço de liberdade, de expressão e de conquistas. Sobre essa questão do espaço da rua e de suas representações no universo infantil e no adulto, Gomes e Gouveia (2008, p.55) abordam da seguinte forma:

Se a partir do olhar do adulto afirma-se uma representação que associa a criança aos domínios do privado, representação que se traduz num conjunto de práticas sociais de retirada da criança dos domínios da vida (e da via) pública, para a criança, a rua constitui poderoso atrativo. É na rua que se exerce, com maior força, a sociabilidade infantil, que tem na atividade do brincar sua expressão, no interior do grupo de pares.

A rua da Associação assume ainda mais uma referência para muitos dos educandos, pelo motivo que eles moram em becos, e quando saem de lá dá a impressão que querem explorar ao máximo o espaço da rua.

Mesmo depois da conversa, eles continuaram a chegar mais cedo, e quando interpelados sobre o motivo de não chegarem na hora determinada, vejamos abaixo algumas respostas dadas por eles:

¹⁸ Os Trabalhadores voluntários chegam às 08h00, para uma harmonização espiritual até às 08h15. Após esse momento um deles, já previamente designado, vai comprar o lanche, enquanto outros iniciam a preparação e recebem os educandos que chegam mais cedo. O horário oficial para a chegada dos educandos é às 08h30, quando o café é servido.

- Ah professora, se eu não chegar cedo, não vou aproveitar a creche
- Tio, se eu dormir mais, não acordo na hora e vou perder a creche
- Chegamos mais cedo porque na semana passada não teve Helil

Esse último referiu-se ao sábado anterior, data em que, por causa de um feriado, a Casa não ofereceu as oficinas. Assim, parece-nos que a intenção de ele chegar mais cedo seria compensar o dia que não teve atividades.

Diante do insucesso do respeito à hora marcada, e entendendo o prazer e a importância da Casa para eles como um momento de lazer, os educadores e gestores decidiram que os educandos deveriam entrar assim que a Casa fosse aberta, e que a partir daí deveria começar um trabalho de interação e socialização com eles, aproveitando o momento da recepção. Dependendo das demandas das idades e dos interesses que eles manifestam, um dos educadores libera alguns brinquedos como bicicleta, velotrol, bonecas e bolas, para que possam brincar.

Desde a fundação da Casa, o principal objetivo foi o atendimento a crianças. Apesar disso, não foi projetado um espaço determinado para a recreação infantil. Como a infraestrutura física da Associação Helil é constituída de dois lotes grandes, e apesar de a área construída ocupar um espaço considerável, a Instituição preserva espaços livres na área externa, sendo uma quadra e outros ambientes em condições de oferecer as atividades, os educandos também tem acesso aos espaços internos da Casa, constituídos pelas salas onde são realizadas algumas oficinas.

As brincadeiras preferidas da maioria das crianças quando chegam e também ao longo do trabalho são: correr em volta da Casa, subir as escadas, esconder-se em uma das salas da Instituição, correr e escorregar pelos corredores, ou seja, práticas comuns da idade infantil, o que é entendido pelos adultos, mas, estes sempre precisam intervir alertando sobre os riscos de quedas mais graves.

Observamos que, à medida que os educandos vão crescendo, modifica-se o atrativo para as atividades, e eles vão incorporando outros hábitos, deixam de correr tanto e, enquanto esperam o início das oficinas, ficam envolvidos com os aparelhos eletrônicos levados de casa, conversando em grupinhos afins ou com os educadores, ou ainda acentuam-se práticas muito comuns da idade que são a zoação¹⁹ e as brincadeiras corporais, que são expressas com muita espontaneidade por já existir entre eles uma convivência fora da Casa, já que a maioria estuda nas mesmas escolas da região e são vizinhos ou parentes.

¹⁹ Sobre o tema zoação, ver Kanitz, Campos e Ude (2011). Disponível na obra Organizada por Isayama & Silva.

Segundo Kanitz, Campos e Ude (2011), a zoação é uma prática relevante no contexto juvenil, exteriorizada às vezes por apelidos pejorativos, refere-se às peculiaridades corporais e relacionais, que podem ter vários significados como demarcação de território e espaços identitários. O zoar foi lembrado por um dos educandos entrevistados e relacionado como um momento de integração com outros educandos fora da instituição, na visão dele, pelos laços criados com colegas da oficina de futsal, Vejamos: “– que nós fica zuando muito lá na escola eu, o (P-10) e o (P9), aí nós é muito próximo assim fica conversando pelo whatsapp nós é quase irmão.” (P2-10 anos).

Os educadores reconhecem a prática da zoação, como em destaque na adolescência, mas, quando é exteriorizada por apelidos pejorativos ou qualquer expressão que possa colocar o próximo em constrangimento, o educando é levado a refletir no exercício de colocar-se no lugar do outro.

Os educandos que participam da oficina de futsal não se interessam por nenhum outro brinquedo a não ser a bola, que às vezes é levada por eles mesmos. Quando isso não acontece, a bola de futsal da instituição é liberada para que possam jogar na quadra da Associação,²⁰ apesar das limitações já apresentadas anteriormente, o que naquele momento não incomoda aos educandos.

Essas brincadeiras, as conversas em grupos e o jogo na quadra acontecem enquanto esperam o café da manhã, que é oferecido a todos, e logo após inicia-se o trabalho “oficialmente” com todos os educadores e os educandos.

Na entrevista realizada com os educandos, quando perguntado a eles o que mais, além do futsal, eles aprendiam na Associação Helil, o momento do café foi lembrado e relacionado como uma oportunidade de integração com os demais colegas. Vejamos algumas respostas:

- Quando a gente é chamado para tomar café, eu não gosto muito não, mais depois fica bom porque enquanto estamos lá na cozinha vamos convivendo com os outros. (P2-10 anos).
- Tem o momento do café que nós aprende a conviver, aí depois nós parte para o momento do evangelho da bíblia aí nós aprende um monte de coisa lá diverte faz brincadeiras. (P7-16 anos).

No decorrer da pesquisa, foi possível observar que o período em que eles jogam o futsal na quadra da Associação, antes da oficina, constitui-se o primeiro momento de socialização entre eles, com ou sem a presença de um educador, tendo em vista que muitas vezes eles chegam primeiro, eles organizam-se para jogar, formando os times e, à medida que os colegas vão chegando, integram-se ao jogo, independente da faixa etária

²⁰ Esses jogos ocorrem mesmo correndo o risco de isolar a bola na casa do vizinho, uma vez que a quadra não tem proteção adequada.

ou outro critério de escolha, pois querem mesmo é formar os times para jogar aproveitando ao máximo todos os minutos possíveis.

O clima na quadra é de completa descontração, um jogo informal caracterizado por um termo da linguagem do futebol que é a “pelada”, Feijó (2006, p.8), traz a seguinte explicação sobre o termo:

Prende-se, pelo sentido em que é empregado, hoje em dia, a pé. Pelada é um neologismo formal (sufixação), tendo como referente o jogo de futebol. É a partida bem ou mal disputada, sem se levar em consideração a total obediência às regras do jogo. Partida disputada com os jogadores desuniformizados, sem calçados apropriados. Divertimento que se desenrola em áreas planas ou semiplanas, onde muita gente, qualquer um, todos, botam o pé na bola, sem técnica, sem ordem, sem juiz, sem organização. Assim, temos: pé + suf. -ada-. O fonema // que aí aparece é um fonema de ligação (consoante de ligação), oriundo de uma contaminação semântica, em que o vocábulo pelo tem significativa participação. Como se pode observar, o termo peladopelo. Ora, como nas partidas de futebol, sem obediência às regras que norteiam tais competições esportivas, os atletas podem se apresentar sem calçados, descalços, há forte associação entre pelado e pé descalço. Pelada é o estado em que se transformou o jogo de futebol mal jogado, disputado, contudo, dentro das regras ou como este mesmo jogo se apresenta circunstancialmente. É com esses sentidos que os locutores e comentaristas esportivos empregam este termo. Peladapés não mereçam tanto destaque. Isto ocorre por expansão, pelo grande prestígio do futebol.

Nesse jogo informal, não precisam preocupar-se com algumas tensões comuns, necessárias e exigidas pelos educadores durante o treino, como a divisão por faixa etária, a formação dos times pelos educadores e a questão do controle do horário para o revezamento dos times em quadra, para que todos possam jogar.

Durante esse tempo, enquanto aguardam o momento de jogar, eles conversam sobre alguns acontecimentos da escola, da família, do próprio treino e possíveis programas do final de semana, tanto as crianças quanto os adolescentes. Comprovamos essa conversa entre os educandos no momento da acolhida na evangelização ou até antes, na medida em que vamos encontrando com eles nos espaços da Casa, quando vão dando-nos notícias dos colegas, como: “- professora, eu fiquei sabendo agora que fulano não vem hoje porque está doente.” “- Professora, fulano disse agora que teve briga na escola.”

A ansiedade para jogar bola é tão presente que, por várias vezes, eles se negam a tomar o café para continuar jogando, é o prazer da bola e do brincar em detrimento de outros prazeres como o de comer.

O alimento não é obrigatório, entretanto, já tivemos várias ocorrências de educandos queixando-se de fome durante o treino. A partir daí, os educadores os alertaram para que tomassem o café reforçado em casa, ou que parassem de jogar no momento em que o café na Associação estivesse sendo oferecido. Por certo tempo foi

distribuído um lanche extra durante o treino. Como relatado anteriormente, o nível social da comunidade, com o passar dos anos, foi melhorando. Durante muito tempo de atividades da Casa, esse café da manhã foi o primeiro e, para muitos, um dos poucos alimentos a que teriam acesso no decorrer do dia.

4.2 Algumas práticas de socialização na oficina

Um dos objetivos da Evangelização espírita é proporcionar reflexões, aprendizados, partilhar experiências, num momento singular de convivência, auxiliado com recursos para a constituição de vínculos de amizade entre todos.

A faixa etária na oficina é bem variada, de 9 a 18 anos, é necessário um planejamento diversificado para que possa atender as características típicas e as necessidades das faixas etárias, conforme foi demonstrado no quadro 3. Ressaltamos que essas características podem variar no surgimento e na intensidade, devemos tomar o cuidado para não estigmatizar esse período, como já é feito por muitos na sociedade, rotulando-o como um período quase impossível de lidar-se.

Durante a acolhida, os educadores atentos percebem as demandas que os educandos apresentam de acordo com as peculiaridades da faixa etária. Ressaltamos que não existe uma rigidez, pois as características são típicas e não decisivas. No processo de observação da pesquisa, constatei que os adolescentes vão apresentando ao longo das conversas algumas demandas comuns, como: o conflito em família, o afloramento da sexualidade, preocupações e indecisões quanto ao futuro, alguns deixam visíveis a timidez e também exteriorizam suas características como espontaneidade, desejo de aprender, alegria e a irreverência.

Com relação às crianças, as demandas mais comuns são: conflitos familiares, insatisfação com a escola, dificuldades pela ausência de um dos pais ou os dois, demonstram também: afetividade entre eles e com os educadores, receptividade para ouvir os outros, curiosidade e inquietação.

Essa etapa do trabalho da Evangelização foi resgatada e associada pelos educandos, quando perguntados se as atividades que eles fazem, além do futsal, eram para eles um momento de integração. Vamos contemplar algumas respostas:

-Sim. Igual no primeiro momento que ajuda a conhecer melhor meus colegas (P1-9 anos).

-É porque no primeiro momento a gente aprende sobre Deus e lá na quadra quando a gente não está jogando a gente fica brincando interagindo com as outras crianças. (P3-12 anos).

- Acho que sim porque ali a gente pode se conhecer muito ali a gente conversa muito assim a gente pode se conhecer melhor.”
(P5-14 anos).
- Sim porque é um momento que ajuda a conhecer a outra pessoa e interagir melhor. (P8 -18 anos).

Como a faixa etária na oficina é muito ampla e, visando o aprendizado e respeitando as características típicas das idades, a turma era sempre dividida em duas, uma constituída de menores de 9 a 12 anos e a outra de 13 a 18 anos, dependendo da quantidade essas turmas eram subdivididas. Alguns critérios além da faixa etária eram levados em consideração, como: separar irmãos, primos, vizinhos muito próximos e também os que apresentavam um perfil muito parecido com o outro, o objetivo era que eles se socializassem com aqueles que tinham menos contato, já que na prática do futsal iriam ficar próximos novamente.

Durante a pesquisa, observei que as atividades propostas eram dinâmicas e diversificadas em relação ao aspecto lúdico, o que estimulava a participação dos educandos. As temáticas eram exploradas a partir das necessidades apresentadas por eles durante as conversações no momento da acolhida e no trabalho como um todo.

Uma das propostas de participação, que os educandos gostavam de maneira significativa, era após a discussão de um ou mais temas, eles eram convidados a estruturar uma apresentação do tema apresentado, as opções eram: uma dramatização com a utilização de falas ou de mímicas, textos escritos de várias formas e outras possibilidades que gostassem de realizar. O envolvimento nas dramatizações era intenso, aqueles que não se sentiam à vontade para a exposição eram estimulados a participar de outra forma.

Após o término do primeiro momento, todos se deslocam para a quadra da Escola Estadual José Miguel do Nascimento, onde é realizada a segunda etapa da oficina. Ao chegar à escola, todos já sabem dos procedimentos e vão logo para o centro da quadra onde é realizado o aquecimento conduzido por um dos educadores que, geralmente, convida um dos educandos para ajudá-lo na execução dos exercícios básicos de alongamentos. Os educandos fazem os exercícios ansiosos para jogar.

A prática de exercícios físicos traz inúmeros benefícios para as pessoas, independentemente da faixa etária. Quanto à criança e ao adolescente, a prática do futsal como esporte coletivo possibilita várias vivências e o trabalho em várias dimensões. Como aborda Cavalcante (2013, p. 302),²¹

²¹ Revista Brasileira de futsal e futebol, artigo intitulado “Socializando Crianças de 9 a 11 anos através do futsal”.

[o] objetivo da dimensão procedimental é fazer com que as crianças vivenciem a prática com movimentos variados, ritmos, situações de jogos e jogos/brincadeiras, tenham noções dos fundamentos básicos, assim como a dimensão conceitual, que deverá complementar a anterior, apresentando a história do esporte em questão, modos corretos de execução, senso crítico a partir do conhecimento. Por sua vez, a dimensão atitudinal determina as atitudes das crianças, valores éticos e morais, respeito para com o outro, professores e pais, e cooperação, caráter, interação, habilidades ou, mesmo, as capacidades físicas.

O autor, através das dimensões denominadas procedimental, conceitual e atitudinal, dá-nos uma visão da amplitude que pode ser alcançada através da atividade física, no caso o futsal. Na oficina em estudo, a questão da periodicidade dos treinos, apenas uma vez por semana, compromete a oportunidade de estender mais os diálogos e as possibilidades de trabalhar a dimensão conceitual, quando poderia explorar com os educandos várias temáticas interligadas ao universo do futsal ou futebol.

Durante a pesquisa, foi possível constatar que uma das premissas da oficina é que os educandos possam utilizar os conhecimentos e as reflexões oriundas das discussões ao máximo no dia a dia, nos núcleos sociais em que estejam inseridos. Para se atingir esse objetivo, tudo é pensado para ser contextualizado ao mais próximo possível de suas realidades.

Nas entrevistas realizadas para este trabalho, quando indagados se eles levavam para o dia a dia o que aprendiam na oficina e o que, através das declarações abaixo, é possível constatar que eles compreendem que é possível contextualizar os momentos da oficina com o cotidiano:

- Na Helil a gente aprende muita coisa lá igual jogar bola obedecer as pessoas, obedecer os mais velhos aí eu aprendo muitas coisas de lá, a gente faz uma coisa de lá e quando acaba a Helil a gente sai e pratica, respeitar os mais velhos. (P1 -9 anos).
- Sim tudo [você pode dar um exemplo?] posso tipo no momento bíblico lá as brincadeiras eu posso aprender brincadeiras novas, conhecer novos amigos e só. (P2 -10 anos).
- Sim eu posso ajudar os outros **saber ganhar saber perder** o que nós devemos fazer quando o outro machucar ajudar o outro sem ver a quem muitas coisas que nós aprende aqui que pode fazer no dia a dia. (P3 -12 anos). (Grifo nosso).

Na resposta acima, o educando reportou-se a uma vivência do futebol/jogo a questão do ganhar e do perder, da disputa, por várias vezes durante os jogos esse educando demonstrou dificuldade em reconhecer a perda do time.

- Sim jogar bola, respeitar os professores ter boa nota e o mais importante é ir na igreja. (P4 -12 anos).
- Sim porque são muitos aprendizados bons que às vezes nós nem sabia e aprendeu lá e é bom praticar na vida do lado de fora pra crescer um pouco mais como pontualidade não tinha nenhuma responsabilidade também cê vai lá pra vai fazer uma coisa e acaba esquecendo e lá eu aprendi que cê vai para fazer alguma coisa tem que fazer. (P6 -16 anos).
- Brincar divertir respeitar um ao outro isso tem que ter no dia a dia o respeito com o mais próximo porque você é novo tem que respeitar os mais velhos ce vai ser

velho no futuro aí ce num vai gostar de ninguém num respeitar ocê aí tem que levar isso pra vida né. (P7 -16 anos).

-Sim. A convivência com as pessoas, aprendemos a respeitar mais as pessoas, ajudar quem tá precisando. (P8 -18 anos).

A questão da convivência e do respeito ao próximo foram unânimes nas respostas.

A equipe de educadores da oficina é formada por duas voluntárias e quatro voluntários. Na quadra, o território é marcado pela masculinidade, eles que definem os times, após o aquecimento, iniciam as partidas e apitam o jogo.

A presença feminina naquele espaço tão masculino e viril é bem aceita pelos educandos e tem permitido algumas ações que os voluntários atentos nas funções mais específicas do jogo não conseguem administrar. Como as educadoras estão também no primeiro momento, a relação na quadra também é muito tranquila, o que permite intervenções durante o treino quando as tensões do jogo resultam em algumas discussões mais intensas.

A formação dos times segue o critério mais próximo da faixa etária, e varia de acordo com as presenças. Às vezes, algum educando reclama da formação alegando que um ou outro colega é ruim de bola e vai enfraquecer o time. Durante muito tempo, os educandos ficaram ociosos enquanto esperavam o revezamento para jogar. Os educadores tentavam envolvê-los para que observassem os times em quadra e dava as orientações, mas os educandos não se sentiam motivados à observação, alguns falavam com os educadores que já sabiam jogar futsal e que não precisavam observar.

Como não foi possível manter uma rotina de observações acompanhada, tendo em vista a falta de algum educador, eles estavam ficando “soltos” pela escola. Foi quando uma das educadoras teve a ideia de levar jogos e brincadeiras para ser realizadas enquanto esperavam a vez de jogar. Foi um sucesso a iniciativa, são levados jogos de botão, jogos de carta, atividades de colorir para os menores e, há pouco tempo, um funcionário da escola, que é responsável em nos receber nos dias de treino, ofereceu para ensinar os meninos a jogar xadrez, e tem sido um sucesso a nova oficina. A socialização e a integração entre eles têm ganhado cada dia mais força através dessas alternativas.

Em quadra, o jogo de futsal proporciona entre eles muita interação. Aos poucos, eles vão compreendendo a dinâmica do esporte coletivo, e apropriando-se das particularidades do mesmo, como o compartilhamento dentro do campo, a noção de trabalho em equipe, e vencendo aos poucos o que nos relatou um dos educadores, que é a questão do individualismo reforçado pela imagem glamorosa dos ídolos, sem que entendessem que o trabalho é em grupo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação buscou comprovar a hipótese se a oficina de futsal oferecida pela Associação Helil de Amparo à Criança tem conseguido, através de suas práticas pedagógicas, organizar-se como um espaço que favoreça um processo educativo e de lazer para crianças e adolescentes.

Quando iniciei a pesquisa, tinha uma vaga ideia da complexidade dos eixos temáticos que estavam interligados no discurso da pesquisa, que são futebol/futsal, Lazer, educação, infância e adolescência. Trabalhar com eles foi desafiador e proporcionou-me muitos aprendizados. No decorrer do estudo, foram surgindo muitas indagações além daquelas iniciais que me instigaram a investigar a oficina de futsal e as relações estabelecidas de convivência, de aprendizado, além da prática da atividade esportiva.

Foi muito gratificante perceber que o ambiente pesquisado constitui-se num espaço significativo para os educandos, para os educadores e para a comunidade,²² quando proporciona o aprendizado técnico da atividade esportiva, mas que o processo de aprendizagem pode ser mais amplo e com inúmeras possibilidades em várias questões, que envolvem o ser humano em constante formação, o que também foi mencionado por dois dos educadores quando responderam à questão se a oficina constituiu-se como um espaço educativo e, em caso afirmativo, com qual justificativa. Vejamos:

- Sim, porque um dos objetivos da oficina é contribuir na formação moral dos educandos. Partindo do princípio de que educandos e educadores estão em contínuo processo de transformação, ou seja, de que ninguém está 'pronto e acabado', a reflexão individual e coletiva permeia todos os momentos do trabalho. Os educadores buscam estar com ouvidos e olhar muito atentos às falas, ações e reações dos educandos a fim de obterem elementos que facilitem a construção de uma relação em bases de afetividade, respeito e confiança. (E3)

- Sim, o esporte de uma maneira geral é educador. Porque para além dos benefícios para saúde que ele traz, as regras, a tática, a técnica específica de cada modalidade, bem como o futebol, se fazem extremamente necessárias, e para se ter um desempenho cada vez melhor, requer muita prática, treino, esforço e dedicação. O esporte coletivo, bem como o futsal, desencadeia uma necessidade de aprender a conviver bem, entrosar, saber qual seu espaço, sua função e tarefas em campo, bem como todas as coisas da vida. Dai a necessidade de respeito, saber a hora de falar, ouvir, criticar e ponderar. É sim, educativo, e de várias maneiras. (E2)

²² Não foram realizadas pesquisas com a comunidade, a conclusão da relevância da Instituição deu-se a partir do contato com os pais e/ou responsáveis pelas crianças e adolescentes, durante o processo de obtenção dos termos de consentimento e assentimento para as entrevistas com os menores de idade, bem como durante as entrevistas, tendo em vista que alguns foram entrevistados em casa, e também em outros momentos de diálogos na Instituição.

O referencial teórico utilizado neste estudo ajudou-me a reconhecer, a analisar, a refletir sobre tantas outras questões, como, por exemplo, o olhar idealizado que grande parte da sociedade construiu sobre as possibilidades salvacionistas e quase santificadas das atividades oferecidas pelos projetos sociais, principalmente com relação ao esporte, em áreas em que a comunidade é considerada em risco social. Concluí que é legítimo o reconhecimento das possibilidades que o esporte pode proporcionar aos adeptos. Entretanto, para que o esporte ou qualquer outra atividade possa, realmente, proporcionar mudanças significativas nas pessoas, é preciso um investimento no potencial humano, ajudando o indivíduo a reconhecer principalmente o seu lugar social, com direitos e deveres como cidadão, e a conquista da sua autonomia.

Como educadora da e na oficina de futsal, por várias vezes o meu olhar não conseguiu distanciar-se, o ideal e o envolvimento, inicialmente, deram à pesquisa um tom pessoal de quase um relato. Após as devidas orientações pude percorrer tranquilamente com essa aproximação sem perder o olhar crítico e científico.

Estudar o futebol ampliou os meus horizontes numa temática tão significativa para aqueles que se esforçam para vê-lo além dos gramados e suas possibilidades de correlacionar com muitos aspectos da nossa sociedade, o que ficou ainda mais claro utilizando as abordagens de DaMatta (1982).

Além disso, considerou-se que a instituição pesquisada oferece 25 vagas para a oficina de futsal. Entretanto, verificou-se na prática que esse número é flexível, podendo ter mais educandos em decorrência de algumas baixas na frequência que ocorreram no decorrer do estudo, principalmente por dois motivos: primeiro, por causa do horário de trabalho dos adolescentes que vão inserindo-se no mercado de trabalho, na maioria das vezes, informal, e impossibilitando conciliar tal atividade com a oficina; segundo, por causa da alta rotatividade de moradia das famílias ou somente dos educandos que, sendo os seus pais separados, alternam períodos em que moram com um deles em regiões diferentes e, às vezes, distantes da Instituição. Entender o lazer na dimensão da cultura, que traz reflexões sobre a ludicidade, foi muito importante para dar-me o embasamento necessário, principalmente pela faixa etária dos educandos da oficina, que não carregam em si as concepções de descanso e ócio como os adultos, com uma carga pesada de compromissos diários e que tem no lazer um contraponto ao trabalho, mesmo que, como abordado na pesquisa, as crianças e adolescentes sejam reféns de inúmeras atividades extraescolares, ou outras que precisam trabalhar para ajudar financeiramente suas famílias, tendo a infância “roubada” no quesito tempo para brincar.

Todos os educandos entrevistados – crianças e adolescentes – quando perguntados sobre a concepção de lazer que tinham, associaram-na a uma atividade lúdica ou a divertimento. Dentre os educandos, 7 relacionaram o lazer com o momento da oficina de futsal.

Além disso, esta pesquisa possibilitou-me uma ampla reflexão a respeito das questões sociais que envolvem a infância e a adolescência em nossa sociedade, como, por exemplo, a ausência do Estado no cumprimento das políticas públicas que estão asseguradas em documentos instituídos, os quais visam à proteção de crianças e de adolescentes, como a Constituição Federal do Brasil e o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA.

Várias temáticas do universo de futebol vieram à tona a partir da observação das conversas dos educandos durante a oficina. Uma delas foi a questão do sonho em se tornarem um ídolo ou serem igual àquele que idolatram. Para as reflexões e análises, foi utilizada a abordagem teórica de Damo (2007), que enfoca também questões como a profissionalização no futebol.

A questão da convivência foi um fator muito abordado positivamente pelos educandos, nas entrevistas e nas observações realizadas durante a oficina, é uma referência enquanto oportunidade de lazer, estar na oficina com os colegas e com os educadores. A evangelização infanto-juvenil com o propósito de proporcionar aos educandos o contato com valores morais consensuais revelou-se um instrumento importante para a construção de uma convivência saudável e respeitosa, que requer investimento de todos em entendimentos, no desejo de aperfeiçoamento e, principalmente, no reconhecimento da importância dessa convivência em todos os ambientes que somos chamados a participar.

Encerro este estudo concluindo que a oficina de futsal oferecida pela Associação Helil de Amparo à Criança constitui-se num espaço de ricas possibilidades de ensinamentos e aprendizagens para todos, bem como de muitos desafios a serem superados. Suas práticas pedagógicas têm proporcionado às crianças e aos adolescentes um processo educativo no sentido de cumprir seu papel social, à medida que eles são levados a refletir e a analisar suas ações como sujeitos sociais, tendo como princípios o respeito a si mesmo, ao próximo, a solidariedade e o exercício da cidadania. Ratifico e ressalto que o processo está em constante construção.

Concluo também que, apesar das várias limitações que a oficina de futsal possui, ela consegue amenizar um pouco a carência de equipamentos instituídos de lazer na comunidade, mesmo sendo oferecida apenas uma vez por semana.

Diante disso, este estudo espera colaborar para futuras pesquisas que visem, cada vez mais, a refletir sobre as relações entre lazer, esporte, sociedade e educação, sobretudo em áreas onde as demandas por lazer são prementes.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Alexandre Black. Desenvolvimentismo nos governos Vargas e JK. In: CONGRESSO DE HISTÓRIA ECONÔMICA, 11, 2015, Vitória. **Anais...** Vitória, 2015. Disponível em: <http://www.abphe.org.br/arquivos/2015_alexandre_black_albuquerque_desenvolvimentismo-nos-governos-vargas-e-jk.pdf>. Acesso em 2 jul. 2016.

ALVES, Ygor Diego; CAMARGO, Adriano de. **Pedagogia do comprometimento: metodologia de trabalho socioeducativo com população em situação de rua por meio do esporte.** São Paulo: Todas as Musas, 2015. 67p.

ANDRADE, Carolina Paes. **O papel que um grande equipamento de lazer, localizado na periferia de São Paulo: o SESC Itaquera e os jovens que vivem em seus arredores.** Dissertação (Mestrado) – Universidade Metodista de Piracicaba, São Paulo, 2010.

ANDRADE, Maria Margarida. **Introdução à metodologia científica.** São Paulo: Atlas, 1993.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**, 2012. Disponível em: <http://bd.camara.gov.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/15261/constituicao_federal_35ed.pdf?sequence=9>. Acesso em: 4 abr. 2016.

BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente – ECA –**, Lei Federal nº 8.069/90 de 13 de julho de 1990. Conselho Estadual dos Direitos da Criança e do Adolescente, Belo Horizonte, 2012. (Exemplar de Janeiro de 2012).

BRENNER, A. K.; DAYRELL, J.; CARRANO, P. Culturas do lazer e do tempo livre dos jovens brasileiros. In: ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. (Org.). **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo/Instituto Cidadania, 2005.

CANAU, Vera Maria. **Oficinas pedagógicas de direitos humanos.** 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1996. 125p.

CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues. Ronaldinho: ídolo esportivo ou mercadoria global? In: _____. (Org.). **Futebol: paixão e política.** Rio de Janeiro: DP&A, 2000, p. 95-110.

CAVALCANTE, Carlos Soares. Socializando crianças de 9 a 11 anos através do futsal. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol.** 2013. Periódico do Instituto Brasileiro de Pesquisa e Ensino em Fisiologia do Exercício. Disponível em: <<http://www.rbff.com.br/index.php/rbff/article/view/204/201>>. Acesso em: 10 maio 2016.

COUTO, Ana Claudia Porfírio; COUTO, Maurício de Azevedo. Lazer, cidade e grupos sociais. In: ISAYAMA, H. F.; SILVA, S. R. (Orgs.). **Estudos do Lazer: um panorama.** Rio de Janeiro: Apicuri, 2011.

DAMATTA, Roberto. Esporte na Sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro. In: DAMATTA, Roberto *et al.* **Universo do Futebol: esporte e sociedade brasileira.** Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

DAMO, Arlei Sander. **Do dom à profissionalização**: formação de futebolistas no Brasil e na França. São Paulo: Aderaldo & Rothschild Ed.: Anpocs, 2007. 359p.

DAOLIO, Jocimar. As contradições do futebol brasileiro. **Educación Física y Deportes**, Buenos Aires, n.10, maio, 1998. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd10/daolio1.htm>>. Acesso em: 24 out. 2014.

DAYRELL, Juarez. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Rev.Educ. Soc.**, Campinas, v. 28, n. 100 - especial, p. 1105-1128, out. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v28n100/a2228100.pdf>>. Acesso em: 27 mar. 2014.

_____. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 24, p. 40-52, set./dez. 2003.

DEBORTOLI, José Alfredo Oliveira. Imagens contraditórias da infância: crianças e adultos na construção de uma cultura pública e coletiva. In: DEBORTOLI, José Alfredo Oliveira; MARTINS, Maria de Almeida; MARTINS, Sérgio. (Orgs.) **Infâncias na metrópole**. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

DELORS, Jacques *et al.* **Educação**: um tesouro a descobrir. 10. ed. São Paulo: Cortez; Brasília: MEC: UNESCO, 2006.

FARIA, Eliene Lopes. **A aprendizagem da e na prática social**: um estudo etnográfico sobre as práticas de aprendizagem do futebol em um bairro de Belo Horizonte. 2008. 229f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

FEIJÓ, Luiz César Saraiva. **A linguagem do futebol no Brasil**. Disponível em: <<http://www.alinguagemdabola.com.br/2006>>. Acesso em: 12 mar. 2016.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio Século XXI**: o dicionário da língua portuguesa. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FERREIRA, Ricardo Lucena. **Futsal e a iniciação**. 2. ed. Rio de Janeiro: Sprint, 1994.

FRANCO JR Hilário. **A Dança dos deuses**: futebol, sociedade e cultura. São Paulo: Cia das Letras, 2007.

FRANZINI, F. Futebol é “coisa pra macho”? : pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 25, n. 50, p. 315-328, jul./dez. 2005.

FREIRE, João Batista. **Pedagogia do futebol**. Campinas: Autores Associados, 2003. 97p. (Coleção Educação física e esportes).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 35. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. 165p. (Coleção Leitura).

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. GOVERNO DE MINAS GERAIS. **Retrato social melhora na Grande BH, mas cenário econômico pode frear avanços**, 2015. Disponível em: <<http://www.fjp.mg.gov.br/index.php/fjp-na-midia/3367-6-10-2015-retrato-social-melhora-na-grande-bh-mas-cenario-economico-pode-frear-avancos>>. Acesso em: 5 maio 2016.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1994.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Pode a mulher praticar o futebol? In: CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues (Org.). **Futebol: paixão e política**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. p. 79-93.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal e cultura política: impactos sobre o associativismo do terceiro setor**. São Paulo: Cortez, 1999.

_____. **Educação não formal e o educador social: atuação no desenvolvimento de projetos sociais**. São Paulo: Cortez, 2010. (Coleção Questões da nossa época; v.1).

GOMES, Ana Maria Rabelo; GOUVEA, Maria Cristina Soares de. A criança e a cidade: entre a sedução e o perigo. In: DEBORTOLI, José Alfredo Oliveira; MARTINS, Maria de Almeida; MARTINS, Sérgio (Orgs.). **Infâncias na metrópole**. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

IBGE. IPEA. **As fundações privadas e associações sem fins lucrativos no Brasil**, 2010. Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv62841.pdf>>. Acesso em: 5 abr. 2016.

IBGE. **Censo demográfico de 2010**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/>>. Acesso em: 27 mar. 2014.

INCONTRI, Dora. **A educação segundo o espiritismo**. 5. ed. Bragança Paulista: Editora Comenius, 2004.

INSTITUTO AYRTON SENNA. Disponível em: <<http://www.institutoayrtonsenna.org.br/>>. Acesso em: 20 fev. 2016.

ISAYAMA, Helder Ferreira; GOMES, Christianne Luce. Lazer e as fases da vida. In: MARCELLINO, N. C. (Org.). **Lazer e sociedade: múltiplas relações**. 1. ed. São Paulo: Alínea, 2008. p. 156-174.

KANITZ, Roberto.; CAMPOS, Túlio.; UDE, Walter. Zoação, juventude e masculinidade: distintos sentidos e significados. In: ISAYAMA, Helder Ferreira.; SILVA, Silvio Ricardo da. (Orgs.). **Estudos do Lazer: um panorama**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2011. (Sport:História)

LAVILLE, C.; DIONNE, J.; SIMAN, L. M. de C. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

LEAL, José Carlos. **Religião e esporte**. Disponível em: <<http://www.correioespirita.org.br/categoria-de-materias/filosofia-e-espiritismo-correio-espirita/861-religi%C3%A3o-e-esporte>>. Acesso em: 10 maio 2016.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. 2010. **Entrevista**. Disponível em: <<http://comciencia.scielo.br/scielo.php>>. Acesso em: 2 jul. 2016.

_____. **Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade**. São Paulo: Brasiliense/Unesp, 1984.

_____. Os circuitos dos jovens urbanos. **Revista Tempo Social**, v. 17, n. 2, p. 173-205, 2005.

- MAINGUENEAU, D. **Termos-chave da análise do discurso**. Belo Horizonte: UFMG, 2000.
- MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2006.
- MEZZAROBA, Cristiano. O esporte nos projetos sociais: reflexões através das contribuições de Norbert Elias. **Revista Digital**, Buenos Aires, ano 13, n. 124, 2008. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd124/o-esporte-nos-projetos-sociais-contribuicoes-de-norbert-elias.htm>>. Acesso em: 15 mar. 2016.
- MINISTÉRIO DO ESPORTE. **Programa Segundo Tempo**: ação de funcionamento de núcleos. Brasília: UFRGS, 2007. Disponível em <http://portal.esporte.gov.br/>>. Acesso em: 26 mar. 2014.
- MORIN, E. **O método 5: a humanidade da humanidade**. Porto Alegre: Sulina, 2003.
- NICÁSIO, Luiz Gustavo. **O Torcer no futebol como possibilidade de lazer e a educação física escolar**. 2010. 126 f. Dissertação (Mestrado em Lazer) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.
- NOVAES, Regina Célia Reyes. Prefácio. In: CASTRO, J. A. de; AQUINO, L. M. C. de; ANDRADE, C. C. de (Orgs.). **Juventude e políticas sociais no Brasil**. Brasília: IPEA, 2009. Disponível em: <http://www.institutocamargocorrea.org.br/Documents/juventude_politicas.pdf>. Acesso em: 2 jun. 2016.
- OLIVEIRA, Leônidas José de. **Belo Horizonte F. C.: trajetórias do futebol na capital mineira**. Belo Horizonte: Fundação Municipal de Cultura, 2013.
- ORLANDI, E. P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2000.
- PAIS, José Machado. **Culturas juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 2003.
- PAIVA, Juliano. **O pior cego é o que só vê a bola**, 2013. Disponível em: <<http://www.domtotal.com>>. Acesso em: 27 abr. 2015.
- PAPALIA, Diane E.; FELDMAN, Ruth Duskin. **Desenvolvimento Humano**. Tradução de Cristina Monteiro e Mauro de Campos Silva. Porto Alegre: AMGH Editora, 2013. (Título original: Experience Human Development).
- PERALVA, Angelina. O jovem como modelo cultural. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, ANPEd, n. 5/6, 1997.
- PEREIRA, Marcelo Henrique. Espiritismo e Jogos Pan-Americanos. **Crônicas e artigos**, ano 1, n. 18, ago. 2007. Disponível em: <http://www.oconsolador.com.br/18/marcelo_henrique.html>. Acesso em: 10 maio 2016.
- PIRES, José Herculano. **Pedagogia Espírita**. 11. ed. São Paulo: Editora Paideia, 2008.
- PREFEITURA DE BELO HORIZONTE. COMPANHIA URBANIZADORA E DE HABITAÇÃO DE BELO HORIZONTE – URBEL. **Plano Global Específico – PGE**, 2012-

2013. Disponível em: Associação Comunitária dos Moradores do Bairro Novo das Indústrias (arquivo físico).

PREFEITURA DE BELO HORIZONTE. **Orçamento Participativo**. 2015-2016. Disponível em: Associação Comunitária dos Moradores do Bairro Novo das Indústrias (arquivo físico).

_____. **Gestão compartilhada**. 2015/2016. Disponível em: <http://gestaocompartilhada.pbh.gov.br/> Acesso em jun. 2016.

PROGRAMA COMUNIDADE VIVA. Disponível em: <<http://www.cdm.org.br/novo/>>. Acesso em: jun. 2016.

RENA, Luiz Carlos Castello Branco (Coord. e Org.) *et al.* **Juventude em movimento: uma experiência de extensão universitária a partir do IV JUBRA**. Belo Horizonte: PUC Minas, 2012. 201p.

ROCHA, Felipe Lira. **Gestão de conflitos em ambientes corporativos**. 2014. Disponível em: <<https://felipelirarocho.wordpress.com/2014/03/02/gestao-de-conflitos-em-ambientes-corporativos/>>. Acesso em: maio 2016.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. (Coleção Milton Santos; v. 1).

SILVA, Denise Nunes. Algumas considerações acerca do Estatuto da Criança e do Adolescente. **Âmbito Jurídico**, Rio Grande, XII, n. 70, nov. 2009. Disponível em: <http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=6637>. Acesso em: maio 2016.

SILVA, S. R.; DEBORTOLI, J. A. de O.; SILVA, T. F. **O futebol nas Gerais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

TOLUSSI, Francisco Carlos. **Futebol de salão: tática, regras, história**. 3. ed. rev. São Paulo: Hemus, 1990.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

TURINO, Célio (Org.). **Lazer nos projetos sociais: propostas de combate à violência e à exclusão**. São Paulo: Anita, 2003. 132p.

VIEGAS, Cláudia Mara de Almeida Rabelo; RABELO, Cesar Leandro de Almeida. Principais considerações sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente. **Âmbito Jurídico**, Rio Grande, XIV, n. 94, nov. 2011. Disponível em: <http://ambito-juridico.com.br/site/?artigo_id=10593&n_link=revista_artigos_leitura>. Acesso em: maio 2016.

VOSER, Rogério da Cunha. **Iniciação ao futsal: abordagem recreativa**. 2. ed. Canoas: ULBRA, 1999.

APÊNDICES

APÊNDICE A - CARTA DE APRESENTAÇÃO PARA A ASSOCIAÇÃO HELIL DE AMPARO À CRIANÇA

Universidade Federal de Minas Gerais

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional

Carta de apresentação relativa à pesquisa de mestrado intitulada:

“O futsal como processo educativo e de lazer em um projeto social na região do Barreiro em Belo Horizonte”.

Pesquisadora: Cristina Aparecida Olímpio Fernandes E-mail: crisolimpiofernandes@gmail.com

Telefone (31) 8889-3934. Comitê de Ética em Pesquisa (UFMG). Av. Antônio Carlos, nº 6.627, campus Pampulha, Belo Horizonte/MG, CEP 31.270-901. Unidade Administrativa II, 2º andar, sala 2.005. Telefone: 31 3409-4592.

Convidamos a direção da Associação Helil de Amparo à Criança, a participar da pesquisa “*O futsal como processo educativo e de lazer em um projeto social na região do Barreiro em Belo Horizonte/Minas Gerais*”. Vinculada ao programa de Mestrado em Lazer, da Universidade Federal de Minas Gerais, sob a responsabilidade da mestranda Cristina Aparecida Olímpio Fernandes e seu orientador Prof. Dr. Elcio Loureiro Cornelsen. Tendo em vista que a região em que a instituição está inserida apresenta uma precariedade de espaços e de equipamentos de lazer, o que torna as atividades oferecidas pelo projeto social uma alternativa de vivências de lazer, cultura e socialização, esta pesquisa procura compreender se a oficina de futsal oferecida pela Associação Helil, tem conseguido através de suas práticas pedagógicas, organizar-se como um espaço que favoreça o processo educativo e de lazer para os jovens. Para tanto, será feita uma análise documental, bem como serão aplicados questionários aos educadores (as), gestores (as) e entrevistas gravadas junto aos educandos. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 anos, e após esse tempo serão destruídos. Nenhuma informação disponibilizada aos pesquisadores será vinculada diretamente à instituição ou aos educadores, mantendo assim total sigilo. É importante salientar que a participação na pesquisa é totalmente voluntária, não cabendo qualquer forma de remuneração ao educador ou à instituição. A qualquer momento a instituição poderá solicitar esclarecimentos aos pesquisadores. Ao final da pesquisa, a mestranda compromete-se a entregar o texto final da dissertação de Mestrado em CD-ROM. Sem mais a acrescentar, agradecemos e colocamo-nos à disposição para sanar eventuais dúvidas.

Atenciosamente, _____
Orientador Prof. Dr. Elcio Loureiro Cornelsen

Mestranda Cristina Aparecida Olímpio Fernandes

**APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
TCLE PARA OS EDUCADORES**

Universidade Federal de Minas Gerais

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional

Carta de apresentação relativa à pesquisa de mestrado intitulada:

“O futsal como processo educativo e de lazer em um projeto social na região do Barreiro em Belo Horizonte”.

Pesquisadora: Cristina Aparecida Olímpio Fernandes E-mail: crisolimpiofernandes@gmail.com

Telefone (31) 8889-3934. Comitê de Ética em Pesquisa (UFMG). Av. Antônio Carlos, nº 6.627, campus Pampulha, Belo Horizonte/MG, CEP 31.270-901. Unidade Administrativa II, 2º andar, sala 2.005. Telefone: 31 3409-4592.

PESQUISADORA: Cristina Aparecida Olímpio Fernandes

Convidamos-lhe a participar da pesquisa “*O futsal como processo educativo e de lazer em um projeto social na região do Barreiro em Belo Horizonte/Minas Gerais*”, vinculada ao programa de Mestrado em Lazer, da Universidade Federal de Minas Gerais, sob a responsabilidade da mestrandia Cristina Aparecida Olímpio Fernandes e de seu orientador, Prof. Dr. Élcio Loureiro Cornelsen. Essa pesquisa tem como objetivo investigar se a oficina de futsal oferecida pela Associação Helil tem conseguido, através de suas práticas pedagógicas, organizar-se como um espaço que favoreça o processo educativo e de lazer para os jovens. A pesquisa será desenvolvida utilizando um guia de entrevista semiestruturada, observação participante e pesquisa documental.

Você será convidado a encontrar-se com a pesquisadora conforme sua disponibilidade e agendamento prévio para que possa responder o questionário.

Durante as observações das atividades da oficina de futsal, será usado um diário de campo. Essas anotações serão importantes para compreender o papel do lazer no dia a dia dos adolescentes. A partir da leitura deste termo, da sua compreensão e de seu esclarecimento de todos os procedimentos que envolvem esta pesquisa.

Ressalta-se que este estudo apresenta risco mínimo, pois toda pesquisa com seres humanos está sujeita a riscos de desconforto ou constrangimento, durante as entrevistas e a observação participante. Assim, você tem garantido o direito de não aceitar participar ou de retirar sua permissão, a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo ou retaliação, pela sua decisão. Quanto a sua participação, será garantido o anonimato, e os dados obtidos serão utilizados exclusivamente para fins de pesquisa pelos pesquisadores e receberão um tratamento ético de confidencialidade e serão utilizados somente na pesquisa, sendo mantidos sob sigilo pelos pesquisadores responsáveis, no Laboratório de

Pesquisa Núcleo de Estudos sobre Futebol, Linguagem e Artes- Faculdade de Letras/UFMG por um período de cinco anos e após esse tempo serão destruídos.

Por meio deste, também é consentido que, ao final do estudo, os resultados sejam publicados em forma de uma dissertação e também de artigos acadêmicos, sem que você seja identificado (a).

Além disso, informa-se que não está prevista qualquer forma de remuneração e que todas as despesas relacionadas com o estudo são de responsabilidade da pesquisadora.

Todas as dúvidas foram previamente sanadas, mas, se durante o andamento da pesquisa, novas dúvidas surgirem, você tem total liberdade para saná-las com a equipe responsável.

Estando de acordo com o exposto acima, solicitamos o seu consentimento que deverá ser assinado em duas vias, sendo uma anexada à pesquisa e outra entregue a você.

Eu, _____, portador(a) do documento de Identidade _____ fui informado(a) dos objetivos do presente estudo de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e me declaro de acordo em participar deste estudo. Recebi uma via deste termo de consentimento e me foi dada a oportunidade de ler e tirar as minhas dúvidas.

Belo Horizonte, _____ de _____ 20____.

Assinatura do (a) voluntário (a): _____

Assinatura do (a) pesquisadora: _____

APÊNDICE C - QUESTIONÁRIO DE PESQUISA - EDUCADORES

Questionário de pesquisa

- 1 – Há quanto tempo você é voluntário na oficina de futsal?
- 2 – Você considera que a oficina pode constituir-se em um espaço de lazer para os educandos? Por quê?
- 3 – Você considera que a oficina de futsal é um espaço educativo? Por quê?
- 4 – A oficina de futsal aborda valores sociais? Em caso afirmativo, cite aqueles que você considera mais relevantes.
- 5 – Qual é a sua percepção sobre a motivação dos educandos pela oficina de futsal?

**APÊNDICE D - TCLE PARA OS GESTORES - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E
ESCLARECIDO**

Universidade Federal de Minas Gerais

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional

Carta de apresentação relativa à pesquisa de mestrado intitulada:

“O futsal como processo educativo e de lazer em um projeto social na região do Barreiro em Belo Horizonte”.

Pesquisadora: Cristina Aparecida Olímpio Fernandes E-mail: crisolimpiofernandes@gmail.com

Telefone (31) 8889-3934. Comitê de Ética em Pesquisa (UFMG). Av. Antônio Carlos, nº 6.627, campus Pampulha, Belo Horizonte/MG, CEP 31.270-901. Unidade Administrativa II, 2º andar, sala 2.005. Telefone: 31 3409-4592.

Convidamos-lhe a participar da pesquisa “*O futsal como processo educativo e de lazer em um projeto social na região do Barreiro em Belo Horizonte/Minas Gerais*”, vinculada ao programa de Mestrado em Lazer, da Universidade Federal de Minas Gerais, sob a responsabilidade da mestrandia Cristina Aparecida Olímpio Fernandes e de seu orientador, Prof. Dr. Élcio Loureiro Cornelsen. Essa pesquisa tem como objetivo investigar se a oficina de futsal oferecida pela Associação Helil, tem conseguido através de suas práticas pedagógicas, organizar-se como um espaço que favoreça o processo educativo e de lazer para os jovens. A pesquisa será desenvolvida utilizando um guia de entrevista semiestruturada, observação participante e pesquisa documental.

Você será convidado a se encontrar com a pesquisadora conforme sua disponibilidade e agendamento prévio para que possa responder o questionário.

Durante as observações das atividades da oficina de futsal, será usado um diário de campo. Essas anotações serão importantes para compreender o papel do lazer no dia a dia dos adolescentes. A partir da leitura deste termo, da sua compreensão e do seu esclarecimento de todos os procedimentos que envolvem esta pesquisa, ressalta-se que este estudo apresenta risco mínimo, pois toda pesquisa com seres humanos está sujeita a riscos de desconforto ou constrangimento, durante as entrevistas e a observação participante. Assim, você tem garantido o direito de não aceitar participar ou de retirar sua permissão, a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo ou retaliação, pela sua decisão. Quanto a sua participação, será garantido o anonimato, e os dados obtidos serão utilizados exclusivamente para fins de pesquisa pelos pesquisadores e receberão um tratamento ético de confidencialidade e serão utilizados somente na pesquisa, sendo mantidos sob sigilo pelos pesquisadores responsáveis, no Laboratório de Pesquisa

Núcleo de Estudos sobre Futebol, Linguagem e Artes- Faculdade de Letras/UFMG por um período de cinco anos e após esse tempo serão destruídos.

Por meio deste, também é consentido que, ao final do estudo, os resultados sejam publicados em forma de uma dissertação e também artigos acadêmicos, sem que você seja identificado (a).

Além disso, informa-se que não está prevista qualquer forma de remuneração e que todas as despesas relacionadas com o estudo são de responsabilidade da pesquisadora.

Todas as dúvidas foram previamente esclarecidas, mas, se durante o andamento da pesquisa, novas dúvidas surgirem, você tem total liberdade para saná-las com a equipe responsável.

Estando de acordo com o exposto acima, solicitamos o seu consentimento que deverá ser assinado em duas vias, sendo uma anexada à pesquisa e outra entregue a você.

Eu, _____, portador(a) do documento de Identidade _____ fui informado(a) dos objetivos do presente estudo de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e me declaro de acordo em participar deste estudo. Recebi uma via deste termo consentimento e me foi dada a oportunidade de ler e tirar as minhas dúvidas.

Belo Horizonte, _____ de _____ 20_____.

Assinatura do (a) voluntário (a): _____

Assinatura do (a) pesquisadora: _____

APÊNDICE E - QUESTIONÁRIO DE PESQUISA – GESTORES

Questionário de pesquisa

- 1 – Qual é a principal motivação da Associação Helil para manter as atividades com as crianças e jovens?

- 2 – Segundo o Plano Geral Específico, em pesquisa realizada pela Prefeitura de Belo Horizonte, a região em que a Associação Helil está inserida é carente de intervenções sociais e espaços de lazer. Você considera que a oficina de futsal da Helil tem contribuído para amenizar um pouco esta carência? Em caso afirmativo, como isso se estabelece na prática?

- 3 – Qual é a sua percepção sobre a motivação dos educandos pelas atividades da Associação Helil?

- 4 – Quais são os valores sociais que a Associação Helil aborda em suas práticas?

APÊNDICE F - TCLE PARA OS PAIS/ RESPONSÁVEIS, TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Universidade Federal de Minas Gerais

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional

Carta de apresentação relativa à pesquisa de mestrado intitulada:

“O futsal como processo educativo e de lazer em um projeto social na região do Barreiro em Belo Horizonte”.

Pesquisadora: Cristina Aparecida Olímpio Fernandes E-mail: crisolimpiofernandes@gmail.com

Telefone (31) 8889-3934. Comitê de Ética em Pesquisa (UFMG). Av. Antônio Carlos, nº 6.627, campus Pampulha, Belo Horizonte/MG, CEP 31.270-901. Unidade Administrativa II, 2º andar, sala 2.005. Telefone: 31 3409-4592.

Convidamos-lhe a participar da pesquisa “*O futsal como processo educativo e de lazer em um projeto social na região do Barreiro em Belo Horizonte/Minas Gerais*”, vinculada ao programa de Mestrado em Lazer, da Universidade Federal de Minas Gerais, sob a responsabilidade da mestrandia Cristina Aparecida Olímpio Fernandes e de seu orientador, Prof. Dr. Élcio Loureiro Cornelsen. Essa pesquisa tem como objetivo investigar se a oficina de futsal oferecida pela Associação Helil, tem conseguido através de suas práticas pedagógicas organizarem-se como um espaço que favoreça o processo educativo e de lazer para os jovens. A pesquisa será desenvolvida utilizando um guia de entrevista semiestruturada, observação participante e pesquisa documental.

Durante as observações das atividades da oficina de futsal, será usado um diário de campo. Essas anotações serão importantes para compreender o papel do lazer no dia a dia dos adolescentes. Assim, neste termo, solicitamos a contribuição do seu filho matriculado na oficina de futsal oferecida pela Associação Helil, a partir da leitura deste termo, da sua compreensão e do seu esclarecimento de todos os procedimentos que envolvem esta pesquisa, que prevê a gravação de depoimento a partir de um roteiro de perguntas, ressalta-se que este estudo apresenta risco mínimo, pois toda pesquisa com seres humanos está sujeita a riscos de desconforto ou constrangimento, durante as entrevistas e a observação participante. Assim, você tem garantido o direito de não aceitar participar ou de retirar sua permissão, a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo ou retaliação, pela sua decisão. Quanto a sua participação do seu filho, será garantido o anonimato, e os dados obtidos serão utilizados exclusivamente para fins de pesquisa pelos pesquisadores e receberão um tratamento ético de confidencialidade e serão utilizados somente na pesquisa, sendo mantidos sob sigilo pelos pesquisadores responsáveis, no Laboratório de Pesquisa Núcleo de Estudos sobre Futebol, Linguagem e

Artes- Faculdade de Letras/UFMG por um período de cinco anos e após esse tempo serão destruídos.

Por meio deste, também é consentido que, ao final do estudo, os resultados sejam publicados em forma de uma dissertação e também artigos acadêmicos, sem vocês sejam identificados (as).

Além disso, informa-se que não está prevista qualquer forma de remuneração e que todas as despesas relacionadas com o estudo são de responsabilidade da pesquisadora.

Todas as dúvidas foram previamente sanadas, mas, se durante o andamento da pesquisa, novas dúvidas surgirem, vocês tem total liberdade para saná-las com a equipe responsável. Abaixo, solicitamos a sua autorização para que seu filho(a) participem da pesquisa. Esta permissão deverá ser assinada em duas vias, sendo uma anexada à pesquisa e outra entregue a você.

Eu, _____, portador (a) do documento de Identidade _____ fui informado (a) dos objetivos do presente estudo de maneira clara e detalhada e tirei minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e me declaro de acordo em participar deste estudo. Recebi uma via deste termo consentimento e me foi dada a oportunidade de ler e sanar as minhas dúvidas.

Belo Horizonte, _____ de _____ 20_____.

Assinatura do (a) voluntário (a): _____

Assinatura do (a) pesquisadora: _____

APÊNDICE G – TERMO DE ASSENTIMENTO (MENORES DE 18 ANOS)

Universidade Federal de Minas Gerais

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional

Carta de apresentação relativa à pesquisa de mestrado intitulada:

“O futsal como processo educativo e de lazer em um projeto social na região do Barreiro em Belo Horizonte”.

Pesquisadora: Cristina Aparecida Olímpio Fernandes E-mail: crisolimpiofernandes@gmail.com

Telefone (31) 8889-3934. Comitê de Ética em Pesquisa (UFMG). Av. Antônio Carlos, nº 6.627, campus Pampulha, Belo Horizonte/MG, CEP 31.270-901. Unidade Administrativa II, 2º andar, sala 2.005. Telefone: 31 3409-4592.

Você está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa “*O futsal como processo educativo e de lazer em um projeto social na região do Barreiro em Belo Horizonte/Minas Gerais*”.

Essa pesquisa tem como objetivo investigar se a oficina de futsal oferecida pela Associação Helil tem conseguido, através de suas práticas pedagógicas, organizar-se como um espaço que favoreça o processo educativo e de lazer para crianças e adolescentes.

Para este estudo, adotaremos o(s) seguinte(s) procedimento(s): A pesquisa será desenvolvida utilizando um guia de entrevista, observação das oficinas e entrevistas com algumas crianças e adolescentes, sendo essas gravadas para análise posterior.

Para participar deste estudo, o responsável por você deverá autorizar e assinar um termo de consentimento. Você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você será esclarecido (a) em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se. O responsável por você poderá retirar o consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido (a) pelo pesquisador que irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Você não será identificado em nenhuma publicação. Este estudo apresenta risco mínimo, pois toda pesquisa com seres humanos está sujeita a riscos de desconforto ou constrangimento, por exemplo, de responder a uma entrevista, etc.

Os resultados estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a permissão do responsável por você.

Todos os dados coletados receberão um tratamento ético de confidencialidade e serão utilizados somente na pesquisa, sendo mantidos sob sigilo pelos pesquisadores responsáveis, no Laboratório de Pesquisa Núcleo de Estudos sobre Futebol, Linguagem e Artes- Faculdade de Letras/UFMG por um período de cinco anos e após esse tempo serão destruídos.

Este termo de assentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma via será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida a você.

Eu, _____, portador (a) do documento de Identidade _____ (se já tiver documento), fui informado (a) dos objetivos do presente estudo de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações, e o meu responsável poderá modificar a decisão de participar se assim o desejar. Tendo o consentimento do meu responsável já assinado, declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma via deste termo assentimento e me foi dada a oportunidade de ler e tirar as minhas dúvidas.

Belo Horizonte, ____ de _____ de 20____.

Assinatura do(a) menor

Assinatura do(a) pesquisador(a)

APÊNDICE H – ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Roteiro da entrevista semiestruturada – Educandos

- 1 - O que você entende por lazer?

- 2 - Você tem atividade de lazer com sua família? Qual(s)?

- 3 - Você conhecia a Associação Helil antes de frequentar a oficina de futsal?

- 4 – O que te levou a procurar a oficina de futsal da Associação Helil?

- 5 – As atividades que vocês fazem além do futsal é para você um momento de integração com os outros educandos? Por quê?

- 6 – Você pretende continuar na oficina de futsal por muito tempo? Por quê?

- 7 – Como é a sua convivência com os educadores?

- 8 – Além do futsal, o que mais você aprende na Associação Helil?

- 9 – No geral como você descreve a oficina de futsal?

- 10 – Sobre as práticas da oficina de futsal você acha que precisa melhorar alguma? Em caso afirmativo, em que aspecto? Cite

- 11 – Você leva para o seu dia a dia o que aprende na oficina? O que?

APÊNDICE I – FICHA DE INSCRIÇÃO E ACOMPANHAMENTO ASSOCIAÇÃO HELIL DE AMPARO À CRIANÇA

Dados Pessoais

Nome		Data de Nascimento
Pai		Profissão
Mãe		Profissão
Responsável		Parentesco
Endereço		
Telefone Residencial	Celular	Comercial
Outros Contatos		
Escolaridade	Escola	
Situação dos pais	Nº de filhos	
Total de pessoas em casa	Trabalhando	Renda familiar
Nº Crianças	Nº Adultos	Nº Idosos

Auxílios

Bolsa Família	Bolsa Gás	
Bolsa Escola		

Dados Médicos

Alguma doença crônica?	
Medicação em uso	
Alergia a Medicamentos	

Data

Responsável

Helil

ANEXO A

Entrevista 1 - P1 – 9 anos

Pesquisadora: O que você entende por lazer?

Entrevistado: “lazer? Não sei deve ser coisa tipo jogar bola, brincar no parque, jogar futebol igual a agente faz na Helil.”

Pesquisadora: Você tem atividade de lazer com sua família? Qual(s)?

Entrevistado: “Tenho brincar com meus primos de futebol, brincar de esconde esconde de noite, de futebol, meu pai e minha mãe num brincar comigo não só meus primos.”

Pesquisadora: Você conhecia a Associação Helil antes de frequentar a oficina de futsal?

Entrevistado: “Não”

Pesquisadora: O que te levou a procurar a oficina de futsal da Associação Helil?

Entrevistado: “O meu primo ficava saindo 8hs eu achava muito estranho quando acabou a Helil eu perguntei ele o que ele saia todo dia 8hs, aí ele falou que ia pra Helil jogar bola aí eu pedi ele se ele se podia me levar para jogar bola e ele me levou.”

Pesquisadora: As atividades que vocês fazem além do futsal é para você um momento de integração com os outros educandos? Por quê?

Entrevistado: “Sim ajuda a conhecer melhor meus colegas.”

Pesquisador: Você pretende continuar na oficina de futsal por muito tempo? Por quê?

Entrevistado: “Eu vou continuar é porque eu gosto muito e vou continuar até acabar aprendendo futsal.”

Pesquisadora: Como é a sua convivência com os educadores?

Entrevistado: “Boa, tranquila eles faz a gente cuida do que eles dá muita coisa assim que eu aprendo na escola e tipo na Helil conviver com as professoras conviver com os colegas não brigar.”

Pesquisadora: Além do futsal, o que mais você aprende na Associação Helil?

Entrevistado: “Muita coisa assim tipo obedecer as professoras respeitar os mais velhos não brigar é isso.”

Pesquisadora: No geral como você descreve a oficina de futsal?

Entrevistado: “É bom.”

Pesquisadora: Sobre as práticas da oficina de futsal você acha que precisa melhorar alguma? Em caso afirmativo, em que aspecto? Cite

Entrevistado: “Até que não só as brigas quando dá falta lá, da pênalti, da carrinho começa as brigas lá e eles começam a reclamar lá só isso que precisa de mudar lá.”

Pesquisadora: Você leva para o seu dia a dia o que aprende na oficina? O que?

Entrevistado: “Na Helil a gente aprende muita coisa lá igual jogar bola obedecer as

peessoas, obedecer os mais velhos aí eu aprendo muitas coisas de lá, a gente faz uma coisa de lá e quando acaba a Helil a gente sai e pratica, respeitar os mais velhos.”

ANEXO B

Entrevista 2 - P2 – 10 anos

Pesquisadora: O que você entende por lazer?

Entrevistado: “lazer é uma coisa que nos temos que divertir que igual aqui na Helil muita convivência com todos que nós aprendemos muitas coisas pra mim isso que é lazer.”

Pesquisadora: Você tem atividade de lazer com sua família? Qual(s)?

Entrevistado: “É sim jogar video game com meu tio brincar de futebol com meu tio e também é muito legal jogo vídeo game com minha tia as vez que um dia nós compro um jogo de moto aí ela viciou e nós continua jogando e meu vô as vez nos brinca.”

Pesquisadora: Você conhecia a Associação Helil antes de frequentar a oficina de futsal?

Entrevistado: “Não. O Matheus um dia veio aqui me levou pra cá aí eu gostei e falei com minha mãe perguntei se podia fazer ela falou que podia.”

Pesquisadora: O que te levou a procurar a oficina de futsal da Associação Helil?

Entrevistado: “O Matheus falava que era muito legal e o Matheus me trouxe aqui eu gostei muito eu vi lá correria essas coisas eu gostei.”

Pesquisadora: As atividades que vocês fazem além do futsal é para você um momento de integração com os outros educandos? Por quê?

Entrevistado: “Sim. Que nós fica zuando muito lá na escola eu Ryan, o Pedrinho, aí nós é muito próximo assim fica conversando pelo watsap nós é quase irmão. E também quando a gente é chamado para tomar café, eu não gosto muito não, mais depois fica bom porque enquanto estamos lá na cozinha vamos convivendo com os outros.”

Pesquisadora: Você pretende continuar na oficina de futsal por muito tempo? Por quê?

Entrevistado: “Sim porque eu gostei muito.”

Pesquisadora: Como é a sua convivência com os educadores?

Entrevistado: “Muito legal com Marinho, com Solange, com Estêvão, e com você eu respeito a todos e procuro dar melhor de mim.”

Pesquisadora: Além do futsal, o que mais você aprende na Associação Helil?

Entrevistado: “No momento bíblico nós devemos ajudar os outros fazemos muitas brincadeiras aprendo coisas novas e eu gosto demais disso.”

Pesquisadora: No geral como você descreve a oficina de futsal?

Entrevistado: “Muito bom porque eu posso conhecer amigos novos e etc.”

Pesquisadora: Sobre as práticas da oficina de futsal você acha que precisa melhorar alguma? Em caso afirmativo, em que aspecto? Cite

Entrevistado: “Ah o horário e a quadra né porque é muito apertada.”

Pesquisadora: Você leva para o seu dia a dia o que aprende na oficina? O que?

Entrevistado: “Sim tudo (você pode dar um exemplo?) posso tipo no momento bíblico lá as brincadeiras eu posso aprender brincadeiras novas, conhecer novos amigos e só.”

ANEXO C

Entrevista 3 - P3 – 12 anos

Pesquisadora: O que você entende por lazer?

Entrevistado: “Eu entendo ter algum lugar pra divertir como a oficina de futebol aqui na Helil ser unido na nossa casa todo mundo ajuda um ao outro acho que isso é lazer. Ah também viajar, ficar com a família em casa visitar os parentes as pessoas que a gente gosta.”

Pesquisadora: Você tem atividade de lazer com sua família? Qual(s)?

Entrevistado: “Ah almoçar, jantar, lanchar, brincar e conviver.”

Pesquisadora: Você conhecia a Associação Helil antes de frequentar a oficina de futsal?

Entrevistado: “Não”

Pesquisadora: O que te levou a procurar a oficina de futsal da Associação Helil?

Entrevistado: “ Eu fui indicado por um amigo o Higor e como eu gosto de futebol jogo futebol na escola ai vim procurar esta oficina.”

Pesquisadora: As atividades que vocês fazem além do futsal é para você um momento de integração com os outros educandos? Por quê?

Entrevistado: “ É porque no primeiro momento a gente aprende sobre Deus e lá na quadra quando a gente não está jogando a gente fica brincando interagindo com as outras crianças.”

Pesquisadora: Você pretende continuar na oficina de futsal por muito tempo? Por quê?

Entrevistado: “Sim porque eu vou aprender mais coisas sobre futebol e sobre Deus também.”

Pesquisadora: Como é a sua convivência com os educadores?

Entrevistado: “ Tem as vezes que eu sou bom e tem as vezes que eu sou ruim.”

Pesquisadora: Além do futsal, o que mais você aprende na Associação Helil?

Entrevistado: “Aprendemos a tricotar, cozinhar e outras coisas que eu não sei ainda, falam sobre Deus daqueles homens que foram profetas.”

Pesquisadora: No geral como você descreve a oficina de futsal?

Entrevistado: “ Eu acho que tira os meninos da rua porque incentiva eles a vim

ajuda eles a compartilhar e não mexer com outras coisas.”

Pesquisadora: Sobre as práticas da oficina de futsal você acha que precisa melhorar alguma? Em caso afirmativo, em que aspecto? Cite

Entrevistado: “Acho que precisa nada porque tá muito melhor e com as pessoas que estão vindo vai melhorar mais.”

Pesquisadora: Você leva para o seu dia a dia o que aprende na oficina? O que?

Entrevistado: “Sim eu posso ajudar os outros saber ganhar saber perder o que nós devemos fazer quando o outro machucar ajudar o outro sem ver a quem muitas coisas que nós aprende aqui que pode fazer no dia a dia.”

ANEXO D

Entrevista 4 - P4 – 12 anos

Pesquisadora: O que você entende por lazer?

Entrevistado: “Lazer é o conviver com as pessoas é interagir.”

Pesquisadora: Você tem atividade de lazer com sua família? Qual(s)?

Entrevistado: “Sim a gente se reúne dias para a gente fazer algo para a gente comer divertir a gente sai vai para casa de familiares para ver a gente conversa eu vou para o futebol.”

Pesquisadora: Você conhecia a Associação Helil antes de frequentar a oficina de futsal?

Entrevistado: “Não”

Pesquisadora: O que te levou a procurar a oficina de futsal da Associação Helil?

Entrevistado: “Porque eu não sabia jogar bola, aprendi a melhorar na escola ser educado.”

Pesquisadora: As atividades que vocês fazem além do futsal é para você um momento de integração com os outros educandos? Por quê?

Entrevistado: “Contribui para eu não ficar brigando com meus colegas no futsal.”

Pesquisadora: Você pretende continuar na oficina de futsal por muito tempo? Por quê?

Entrevistado: “Se Deus quiser sim porque isso pode me desenvolver nos estudos, com Deus tudo que eu to aprendendo é na Helil.”

Pesquisadora: Como é a sua convivência com os educadores?

Entrevistado: “Eu acho eles como um amigo um irmão tudo que eles pode eles faz para ajudar quem frequenta o futsal e que estão fora do futsal também.”

Pesquisadora: Além do futsal, o que mais você aprende na Associação Helil?

Entrevistado: “Eu aprendo sobre Deus eu aprendo como conviver com as pessoas aprendo a dividir, a compartilhar com as pessoas.”

Pesquisadora: No geral como você descreve a oficina de futsal?

Entrevistado: “Ótima porque a gente aprende muitas coisas aqui aprende educar não maltratar as outras pessoas não xingar aprende a chutar, dominar a bola.”

Pesquisadora: Sobre as práticas da oficina de futsal você acha que precisa melhorar alguma? Em caso afirmativo, em que aspecto? Cite

Entrevistado: “Nada só ficar assim mesmo não tem que melhorar a quadra lá de baixo porque não está na adequação boa para jogar.”

Pesquisadora: Você leva para o seu dia a dia o que aprende na oficina? O que?

Entrevistado: “Sim jogar bola, respeitar os professores ter boa nota e o mais importante é ir na igreja.”

ANEXO E

Entrevista 5 - P5 – 14 anos

Pesquisadora: O que você entende por lazer?

Entrevistado: “Lazer para mim é uma coisas que gosto de fazer diversão coisas que crianças gostam mesmo.”

Pesquisadora: Você tem atividade de lazer com sua família? Qual(s)?

Entrevistado: “Com minha família assim não dá porque todo mundo trabalha então a única coisa que faço de lazer lá em casa é com meus irmãos jogar videogame, jogar bola, andar de bicicleta são as coisas que nós faz.”

Pesquisadora: Você conhecia a Associação Helil antes de frequentar a oficina de futsal?

Entrevistado: “Não primeiramente eu conheci a oficina da Helil com meus amigos que mora perto mesmo um amigo da minha rua é que me indicou.”

Pesquisadora: O que te levou a procurar a oficina de futsal da Associação Helil?

Entrevistado: “Tem muitas pessoas que falavam para mim que era bom a gente se divertia muito e como eu gostava muito de jogar bola eu vim experimentar.”

Pesquisadora: As atividades que vocês fazem além do futsal é para você um momento de integração com os outros educandos? Por quê?

Entrevistado: “Acho que sim porque ali a gente pode se conhecer muito ali a gente conversa muito assim a gente pode se conhecer melhor.”

Pesquisadora: Você pretende continuar na oficina de futsal por muito tempo? Por quê?

Entrevistado: “Pretendo porque pouco tempo que entrei aqui gostei muito da oficina eles tratam a gente com muito carinho e é isso”

Pesquisadora: Como é a sua convivência com os educadores?

Entrevistado: “Bem respeito muito eles eles repetam a gente e sempre vai bem a convivência com eles.”

Pesquisadora: Além do futsal, o que mais você aprende na Associação Helil?

Entrevistado: “Eu aprendo um pouco mais sobre Deus na oração que a gente faz cada dia mais vivendo e aprendendo com vocês.”

Pesquisadora: No geral como você descreve a oficina de futsal?

Entrevistado: “Falar super bem porque vocês trata a gente super bem e aqui a gente se diverte muito e quem quiser vim pode vim que vai gostar.”

Pesquisadora: Sobre as práticas da oficina de futsal você acha que precisa melhorar alguma? Em caso afirmativo, em que aspecto? Cite

Entrevistado: “Não acho que não porque é questão de tempo para melhorar as coisas mais pouca coisa com o passar do tempo vai melhorar. Igual uma coisa pra mim que podia melhorar era onde nós joga bola ali quando não tem a quadra.”

Pesquisadora: Você leva para o seu dia a dia o que aprende na oficina? O que?

Entrevistado: “Levo igual no futebol eu falo muito pra minha mãe porque ela sabe que eu gosto muito do futebol.”

ANEXO F

Entrevista 6 - P6 – 16 anos

Pesquisadora: O que você entende por lazer?

Entrevistado: “Lazer eu entendo como um divertimento.”

Pesquisadora: Você tem atividade de lazer com sua família? Qual(s)?

Entrevistado: “Sim participo de futebol com meu irmão bicicleta e outros tipos de esportes.”

Pesquisadora: Você conhecia a Associação Helil antes de frequentar a oficina de futsal?

Entrevistado: “Não.”

Pesquisadora: O que te levou a procurar a oficina de futsal da Associação Helil?

Entrevistado: “As pessoas me indicaram falaram que era bom e tinha muito divertimento e coisas boas.”

Pesquisadora: As atividades que vocês fazem além do futsal é para você um momento de integração com os outros educandos? Por quê?

Entrevistado: “ Sim com certeza porque nos temos aprendido a ter um convívio melhor entre os outros e assim é bom.”

Pesquisadora: Você pretende continuar na oficina de futsal por muito tempo? Por quê?

Entrevistado: “Sim porque é um lazer muito bom e você se envolve com amigos conhece pessoas novas.”

Pesquisadora: Como é a sua convivência com os educadores?

Entrevistado: “Muito boa porque eles nos ensinam as coisas boas, coisas novas que traz um convívio bom entre nós.”

Pesquisadora: Além do futsal, o que mais você aprende na Associação Helil?

Entrevistado: “Como nos comportar ter respeito uns com os outros responsabilidade.”

Pesquisadora: No geral como você descreve a oficina de futsal?

Entrevistado: “Como uma oficina boa porque ensinam os jovens coisas boas que as vezes eles não sabiam lá de fora que pode trazer muitas coisas boas na vida deles.”

Pesquisadora: Sobre as práticas da oficina de futsal você acha que precisa melhorar alguma? Em caso afirmativo, em que aspecto? Cite

Entrevistado: “O que tem pra melhorar vai melhorar com o tempo que nós vamos aprendendo com o decorrer dos dias mas para melhorar mesmo os professores vão falando e nós vamos pegando e praticando acho perfeita a forma deles de ensinar.”

Pesquisadora: Você leva para o seu dia a dia o que aprende na oficina? O que?

Entrevistado: “Sim porque são muitos aprendizados bons que as vezes nós nem sabia e aprendeu lá e é bom praticar na vida do lado de fora pra crescer um pouco mais como pontualidade não tinha nenhuma responsabilidade também cê vai lá pra vai fazer uma coisa e acaba esquecendo e lá eu aprendi que cê vai para fazer alguma coisa tem que fazer.”

ANEXO G

Entrevista 7 - P7 – 16 anos

Pesquisadora: O que você entende por lazer?

Entrevistado: “A lazer é diversão brincar correr jogar bola”

Pesquisadora: Você tem atividade de lazer com sua família? Qual(s)?

Entrevistado: “Tenho sim joga bola com meu sobrinho passeio com minha irmã brinco de luta com meu pai saio com eles almoço em família e tudo mais.”

Pesquisadora: Você conhecia a Associação Helil antes de frequentar a oficina de futsal?

Entrevistado: “Sim com meus colegas já me apresentou ela e eu gostei.”

Pesquisadora: O que te levou a procurar a oficina de futsal da Associação Helil?

Entrevistado: “Meus amigos falaram que era bom e também minha irmã já estudou aqui e falou que era pra mim vim também e aqui era muito bom divertido tinha muitas coisas para fazer também eu vim e gostei o futebol também.”

Pesquisadora: As atividades que vocês fazem além do futsal é para você um momento de integração com os outros educandos? Por quê?

Entrevistado: “A você conhece muito né convivi com ele dia a dia ali no futebol você aprende o negócio bíblico é legal pra caramba.”

Pesquisadora: Você pretende continuar na oficina de futsal por muito tempo? Por quê?

Entrevistado: “Ah sim aqui é bom convivência com o Edgar a Cris é bom demais.”

Pesquisadora: Como é a sua convivência com os educadores?

Entrevistado: “legal bacana respeito eles muito.”

Pesquisadora: Além do futsal, o que mais você aprende na Associação Helil?

Entrevistado: “Tem o momento do café aí depois nos parte para o momento do evangelho da bíblia aí nós aprende um monte de coisa lá diverte faz brincadeiras.”

Pesquisadora: No geral como você descreve a oficina de futsal?

Entrevistado: “Bacana demais futebol no é tudo de bom é um dia de lazer nosso nós pode divertir dia de sábado que não tem muito futebol aqui na rua aí nós brinca de futebol aqui na Helil.”

Pesquisadora: Sobre as práticas da oficina de futsal você acha que precisa melhorar alguma? Em caso afirmativo, em que aspecto? Cite

Entrevistado: “Do jeito que tá tá bom só falta melhorar (risos) o horário e o espaço da quadra também.”

Pesquisadora: Você leva para o seu dia a dia o que aprende na oficina? O que?

Entrevistado: “ Brincar divertir respeitar um ao outro isso tem que ter no dia a dia o respeito com o mais próximo porque você é novo tem que respeitar os mais velhos ce vai ser velho no futuro aí ce num vai gostar de ninguém num respeitar ocê aí tem que levar isso pra vida né.”

ANEXO H

Entrevista 8 - P8 – 18 anos

Pesquisadora: O que você entende por lazer?

Entrevistado: “É sair jogar bola sair com os amigos.”

Pesquisadora: Você tem atividade de lazer com sua família? Qual(s)?

Entrevistado: “Não. Eles faz alguma coisa de vez em quando mas eu mesmo não participo.”

Pesquisadora: Você conhecia a Associação Helil antes de frequentar a oficina de futsal?

Entrevistado: “Sim. Porque alguns colegas já participavam aqui.”

Pesquisadora: O que te levou a procurar a oficina de futsal da Associação Helil?

Entrevistado: “Porque os colegas todos falando e eu gosto de futebol.”

Pesquisadora: As atividades que vocês fazem além do futsal é para você um momento de integração com os outros educandos? Por quê?

Entrevistado: “Sim porque é um momento que ajuda a conhecer a outra pessoa e interagir melhor.”

Pesquisadora: Você pretende continuar na oficina de futsal por muito tempo? Por quê?

Entrevistado: “Sim porque faz novas amizades aprende jogar, treinar melhor faz atividade diferente, a convivência.”

Pesquisadora: Como é a sua convivência com os educadores?

Entrevistado: “Boa todo mundo se respeita ninguém fica acusando outro de nada.”

Pesquisadora: Além do futsal, o que mais você aprende na Associação Helil?

Entrevistado: “Conviver melhor, disciplina, respeito com as pessoas e ajudar quando precisar.”

Pesquisadora: No geral como você descreve a oficina de futsal?

Entrevistado: “É boa todo mundo se diverte aprende convivi melhor.”

Pesquisadora: Sobre as práticas da oficina de futsal você acha que precisa melhorar alguma? Em caso afirmativo, em que aspecto? Cite

Entrevistado: “Sim. A quadra que nem sempre dá para ir lá e ter mais dias da semana não só no sábado.”

Pesquisadora: Você leva para o seu dia a dia o que aprende na oficina? O que?

Entrevistado: “Sim. A convivência com as pessoas, aprende a respeitar mais as pessoas, ajudar quem tá precisando.”

ANEXO I

Questionário de pesquisa - Educadores

Educador (a) - **E1**

1 - Há quanto tempo você é voluntário na oficina de futsal?

Há 9 anos.

2 – Você considera que a oficina pode constituir-se em um espaço de lazer para os educandos? Por quê?

Sim, porque encaramos o esporte de maneira bem leve, recreativa, educadora e afetiva. A prática do futebol, propicia o estímulo a vida saudável, respeito, disciplina e principalmente a convivência entre crianças de diversas idades, realidades familiares distintas, educadores e educandos, formando um ambiente afetivo permeado de alegria e diversão.

3 – Você considera que a oficina de futsal é um espaço educativo? Por quê?

Sim, o esporte de uma maneira geral é educador. Porque para além dos benefícios para saúde que ele traz, as regras, a tática, a técnica específica de cada modalidade, bem como o futebol, se fazem extremamente necessárias, e para se ter um desempenho cada vez melhor, requer muita prática, treino, esforço e dedicação. O esporte coletivo, bem como o futsal, desencadeia uma necessidade de aprender a conviver bem, entrosar, saber qual seu espaço, sua função e tarefas em campo, bem como todas as coisas da vida. Dai a necessidade de respeito, saber a hora de falar, ouvir, criticar e ponderar. É sim, educativo, e de várias maneiras.

4 – A oficina de futsal aborda valores sociais? Em caso afirmativo, cite aqueles que você considera mais relevantes.

Abordamos valores que são inerentes ao esporte coletivo, mas que também são importantes para exercer a cidadania. O respeito ao próximo, na medida em que reconhecemos as dificuldades e limitações do outro e tentamos auxiliá-lo na superação. A noção de cidadania e respeito também são trabalhadas nos diversos momentos em que debatemos sempre traçando paralelo com o futebol.

5 – Qual é a sua percepção sobre a motivação dos educandos pela oficina de futsal?

Percebo que todos se motivam pela possibilidade de fazer diferença na vida dessas crianças, através de uma atividade tão enraizada em nossa cultura como o futebol. A possibilidade de atingir a vida dessas crianças, construindo em conjunto com os mesmos valores de cidadania e ética, dignifica a vida destes jovens, como contribui para que o mundo, a sociedade e a comunidade em que vivemos sejam lugares melhores. Para nós trata-se também de sermos pessoas melhores, aprendermos junto com as crianças, sermos desafiados e perseguirmos respostas e caminhos. É de fato uma via de mão dupla.

ANEXO J

Questionário de pesquisa - Educadores

Educador (a) - **E2**

1 - Há quanto tempo você é voluntário na oficina de futsal?

Há 7 anos.

2 – Você considera que a oficina pode constituir-se em um espaço de lazer para os educandos? Por quê?

Sim. Porque os educadores permitem e favorecem a espontaneidade dos educandos durante a oficina proporcionando momentos de diversão.

3 – Você considera que a oficina de futsal é um espaço educativo? Por quê?

Sim. Durante o jogo as qualidades e limitações técnicas e de relacionamento dos educandos são expostas e eles sentem a necessidade de resolver seus problemas, então os educadores atentos a isso se mobilizam para fazer as intervenções necessárias, estimulando o desenvolvimento de comportamentos de respeito, companheirismo e solidariedade para que os educandos superem seus próprios problemas e aprendam coisas novas.

4 – A oficina de futsal aborda valores sociais? Em caso afirmativo, cite aqueles que você considera mais relevantes.

Sim. Respeito às diferenças, solidariedade e colaboração.

5 – Qual é a sua percepção sobre a motivação dos educandos pela oficina de futsal?

O futsal por ser um jogo bem parecido com o futebol é muito popular e, desperta o interesse dos meninos principalmente, com muita facilidade, eles gostam do jogo e se sentem acolhidos pelos educadores porque a filosofia da oficina preza pelo respeito e pelo interesse em atender os educandos.

ANEXO L

Questionário de pesquisa - Educadores

Educador (a) - **E3**

1 – Há quanto tempo você é voluntário na oficina de futsal?

Seis meses

2 – Você considera que a oficina pode constituir-se em um espaço de lazer para os educandos? Por quê?

Sim. Porque uma atividade de lazer é necessariamente prazerosa e os educandos participam da oficina com interesse, alegria e motivação.

3 – Você considera que a oficina de futsal é um espaço educativo? Por quê?

Sim, porque um dos objetivos da oficina é contribuir na formação moral dos educandos. Partindo do princípio de que educandos e educadores estão em contínuo processo de transformação, ou seja, de que ninguém está "pronto e acabado", a reflexão individual e coletiva permeia todos os momentos do trabalho. Os educadores buscam estar com ouvidos e olhar muito atentos às falas, ações e reações dos educandos a fim de obterem elementos que facilitem a construção de uma relação em bases de afetividade, respeito e confiança.

4 – A oficina de futsal aborda valores sociais? Em caso afirmativo, cite aqueles que você considera mais relevantes.

Sim, porque contribuir na construção e consolidação de valores é uma das premissas da oficina.

Solidariedade

Responsabilidade

Respeito

Honestidade

5 – Qual é a sua percepção sobre a motivação dos educandos pela oficina de futsal?

Eles demonstram gostar muito da oficina. A única ressalva é quando a oficina não pode ser realizada no espaço apropriado (quadra de uma escola estadual vizinha) e a opção é o espaço da instituição Helil. Inicialmente demonstram a insatisfação mas logo se envolvem com a atividade e a expressão de alegria sobrepõem o desconforto das condições precárias do ambiente físico. Outro aspecto que chama a atenção é que a chegada e permanência da maioria deles no projeto parece não ser motivadas pela família.

ANEXO M

Questionário de pesquisa - Gestores

Gestor (a) - **G1**

1 – Qual é a principal motivação da Associação Helil para manter as atividades com as crianças e jovens?

Oferecer às crianças e adolescentes uma atividade que contribua para sua educação integral, considerando-os sujeitos bio-psico-socio-espirituais em desenvolvimento, portanto, carentes de estímulos mais amplos que os puramente cognitivos, mas que ampliem a cultura, a experiência com uma forma de lazer saudável, a convivência com a diferença. Além disso, percebemos que nós, voluntários recebemos muitos estímulos na convivência com os educandos ao participar com eles das atividades. Isso também nos motiva, pois acreditamos que as trocas enriquecem as experiências pessoais tanto de educandos quanto de educadores.

2 – Segundo o Plano Geral Específico, em pesquisa realizada pela Prefeitura de Belo Horizonte, a região em que a Associação Helil está inserida é carente de intervenções sociais e espaços de lazer. Você considera que a oficina de futsal da Helil tem contribuído para amenizar um pouco esta carência? Em caso afirmativo, como isso se estabelece na prática?

Acreditamos que sim, a oficina ameniza esse quadro, pois as crianças e jovens frequentadores seguem muito motivados com a atividade, convidando cada vez mais colegas e amigos para também a integrarem. Percebemos como os jovens realizam a atividade com assiduidade, muita alegria e motivação.

3 – Qual é a sua percepção sobre a motivação dos educandos pelas atividades da Associação Helil?

Percebemos que inicialmente os educandos buscam a atividade pela atração que o futebol exerce em nossa cultura. Alguns, especialmente os mais novos, deixam transparecer sua admiração pelos jogadores profissionais e seu desejo de um dia ser como eles. Mas depois de algum tempo, percebemos que a motivação é o

ambiente de amizade e boa convivência que vai se formando entre os educandos entre eles e com os educadores. Percebemos que os valores que buscamos trabalhar com os educandos acabam sendo assimilados de forma espontânea e livre, pois se dá em meio a uma atividade que proporciona momentos muito prazerosos. O aprendizado da convivência com a diferença, por exemplo é notado em momentos em que os educandos se sentem à vontade para falar de suas vidas, contar algo importante a um educador, ou mesmo após alguma rixa que acaba sendo resolvida de maneira serena e consciente. Então muitos se sentem à vontade para convidar colegas já por esses motivos que transcendem os mitos em torno do futebol.

4 – Quais são os valores sociais que a Associação Helil aborda em suas práticas?

Procuramos oferecer atividades que favorecem a reflexão sobre valores morais consensuais em nosso país, como a valorização da família, o esforço pessoal, a disciplina, o bem agir, e a tolerância. Também baseamos nossos valores na cultura cristã e por isso a fraternidade, a colaboração, a busca de espiritualização e o respeito às diferenças e em especial às diversas crenças compõe nossas diretrizes. Esses valores acabam sendo trabalhados de forma difusa também, embora haja um momento de conversas e dinâmicas para tal.

ANEXO N

Questionário de pesquisa - Gestores

Gestor (a) - **G2**

1 – Qual é a principal motivação da Associação Helil para manter as atividades com as crianças e jovens?

Somos uma casa espírita e em conformidade com a nossa crença podemos citar duas motivações básicas: Nossa própria melhoria espiritual pela prática da caridade e o amparo a irmão que neste momento passam por dificuldades, mas são elos da nossa família espiritual.

2 – Segundo o Plano Geral Específico, em pesquisa realizada pela Prefeitura de Belo Horizonte, a região em que a Associação Helil está inserida é carente de intervenções sociais e espaços de lazer. Você considera que a oficina de futsal da Helil tem contribuído para amenizar um pouco esta carência? Em caso afirmativo, como isso se estabelece na prática?

Sim. As diversas oficinas oferecidas pela Helil, entre elas a de futsal, cria uma alternativa para as crianças e os jovens no sábado de manhã. Este processo de baseia na divulgação boca a boca das atividades e no acolhimento dos novos educandos.

3 – Qual é a sua percepção sobre a motivação dos educandos pelas atividades da Associação Helil?

Existem duas motivações relevantes. A primeira está relacionada com a atividade em si. A oficina de Futsal atrai muitas crianças interessadas em jogar bola. Sem este interesse inicial não haveria o contato. A segunda fonte motivação acontece após alguns meses de frequência, quando a criança começa a ver nos trabalhadores amigos e confidentes. Neste contexto a relação de amizade se torna um motivador mais forte que a oficina em si.

4 – Quais são os valores sociais que a Associação Helil aborda em suas práticas?

Os valores cristãos. Sem ter um caráter proselitista enfocamos as posturas de Jesus a luz da doutrina espírita. De maneira mais direta poderíamos citar: a solidariedade, a fraternidade, a responsabilidade individual, o respeito, etc. todas aspectos da virtude maior: a caridade.